

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
MARIA ELIZABETE FERNANDES AFFONSO**

**VIDA E LITERATURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A
COSETTE DE ALENCAR**

**Juiz de Fora
2017**

MARIA ELIZABETE FERNANDES AFFONSO

**VIDA E LITERATURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A
COSETTE DE ALENCAR**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes

Juiz de Fora

2017

A257

Affonso, Maria Elizabete Fernandes,

Vida e literatura: Laís Corrêa de Araújo escreve a Cosette de Alencar; orientadora Moema Rodrigues Brandão Mendes. – Juiz de Fora : 2017.

128 p., il. color.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.

1. Arquivo pessoal. 2. Vida literária. 3. Epistolografia. 4. Laís Corrêa. 5. Cosette de Alencar I. Mendes, Moema Rodrigues Brandão, orient. II. Título.

CDD: 869.1

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes.
Vida e Literatura: Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2º semestre de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)


Prof.^a Dra. Maria Aparecida Nogueira Schmitt (CES/JF)


Prof. Dr. Marcelo dos Santos (UNIRIO)

Examinado(a) em 24/08/2017.

Dedico este trabalho, com muito amor, à
minha família, e às minhas filhas Rafaela
e Gabriela.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ser fonte inesgotável de amor e sabedoria.

Aos meus pais João Batista Fernandes e Maria Magdala Fernandes, meus exemplos de coragem, fé e perseverança que, na simplicidade, ensinaram-me o valor do conhecimento.

À Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes, pela orientação sempre perspicaz, atenciosa, paciente, incentivadora durante a elaboração desta dissertação. Só tenho a agradecer seus ensinamentos os quais me fizeram acreditar que sou capaz.

Aos professores que participaram da minha Banca do Exame de Qualificação, Prof. Dr. Marcelo dos Santos e Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Nogueira Schmitt, pelas valiosas contribuições para o enriquecimento deste estudo.

A todos os professores do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), pelos seus ensinamentos que muito contribuíram para o meu aperfeiçoamento.

Aos funcionários do CES/JF, pela paciência, carinho e profissionalismo. Aos funcionários do MAMM-UFJF que auxiliaram na pesquisa.

Às minhas queridas filhas Rafaela Fernandes Affonso e Gabriela Fernandes Affonso, pelo incentivo, amor e paciência nos momentos difíceis.

Ao meu companheiro José Eduardo Reis pela compreensão, incentivo e paciência.

Às minhas queridas irmãs Jane Aparecida Fernandes Tarma, Sônia Fernandes Resende e ao meu querido irmão Francisco Carlos Fernandes pelo incentivo e exemplo de vida.

À minha querida amiga Fátima Campos, minha companheira de caminhada, sempre com palavras de incentivo e força nos momentos difíceis.

Às amigas Ana Angélica Rodrigues de Paula e Lúcia Aparecida de Souza, responsável pelo início da minha caminhada, e Maria das Dores Lara, amiga e colega de trabalho, pelo apoio.

Aos amigos do curso de Mestrado em Letras do CES/JF pelas palavras de incentivo.

Aos colegas de trabalho pelo apoio e compreensão.

Para calcular o valor de A basta saber que
duas linhas paralelas só se encontram no
infinito instante do gozo.

Laís Corrêa

RESUMO

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. **Vida e Literatura**: Laís Corrêa escreve a Cosette de Alencar. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Esta pesquisa desenvolveu uma investigação epistolográfica a partir de um lote de cartas manuscritas e datiloscritas emitidas pela poetisa e jornalista, Laís Corrêa de Araújo, e recebidas pela escritora Cosette de Alencar ambas mineiras. O período da troca de correspondência é datado de 19 de setembro de 1967 a 14 de maio de 1973 e constituído por 63 correspondências totalizando 186 documentos. A proposta é elaborar uma edição de fontes, construindo notas elucidativas a partir do conteúdo da correspondência, com a finalidade de esclarecer dados significativos relacionados ao fazer literário, e quaisquer outros que venham a confirmar o uso da epistolografia como fonte de pesquisa literária. O lote transcrito e investigado, datado de 19 de setembro de 1967 a 9 de dezembro de 1968 é constituído por 19 cartas, totalizando 47 documentos que compõem o Acervo Alencar no fundo da titular Cosette de Alencar. Este recorte se justifica pelo interesse de pesquisar o início desta amizade pessoal e intelectual, fato que a partir de 1969 não é abordado com tanta ressalva, pois a amizade se firmou. A guarda destes documentos está sob a responsabilidade do Museu de Arte Murilo Mendes, (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, (UFJF) em Minas Gerais. O Acervo de Laís Corrêa de Araújo está sob a custódia da Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG) em fase de higienização e catalogação, não disponível, portanto para consulta pública. O valor desta pesquisa justifica-se pela importância de se re-visitarem a memória individual e cultural, ratificando a relevância da ampliação da fortuna crítica das autoras mineiras. Os Arquivos pessoais, a Crítica genética e a epistolografia na esteira das teorias literárias fundamentaram esta pesquisa.

Palavras-chave: Arquivo pessoal. Vida literária. Epistolografia. Laís Corrêa. Cosette de Alencar.

RESUMEN

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. **Vida y Literatura:** Laís Corrêa escribe a Cosette de Alencar. 128 f. Disertacion (Maestría en Letras). Centro de Enseñanza Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

Esta pesquisa desarrolló una investigación epistolográfica a partir de un lote de cartas manuscritas y datiloscritas emitidas por la poeta y periodista, Laís Corrêa de Araújo y recibidas por la escritora Cosette de Alencar ambas mineras. El periodo de intercambio de correspondencia está fechado desde el 19 de septiembre de 1967 hasta el 14 de mayo de 1973 y está constituido de 63 correspondencias totalizando 186 documentos. La propuesta es de elaborar una edición de fuentes construyendo notas para dilucidar a partir del contenido de la correspondencia, con la finalidad de aclarar datos significativos relativos al hacer literario y cualesquier otros que confirmen el uso de la epistolografía como fuente de pesquisa literaria. El lote transcrito e investigado, fechado el 19 de septiembre de 1967 hasta 9 de diciembre de 1968 está constituido por 19 cartas, totalizando 47 documentos que componen el Acervo Alencar en el fondo de la titular Cosette de Alencar. Este recorte se justifica por el interés en pesquisar, como empezó esta amistad personal e intelectual, hecho que a partir de 1969 no está abordado con tanta reserva, puesto que, la amistad se afianzó. La guardia de estos documentos está bajo la responsabilidad del Museo de Arte Murilo Mendes, (MAMM), administrado por la Universidad Federal de Juiz de Fora, (UFJF) en Minas Gerais. El Acervo de Laís Corrêa de Araújo está bajo la custodia de la Universidad Federal de Minas Gerais, (UFMG), en fase de higienización y catalogación, no disponible, por lo tanto, para consulta pública. El valor de esta pesquisa se justifica debido a la importancia de se re-visitarse la memoria individual y cultural, ratificando la relevancia de la ampliación de la fortuna crítica de las autoras mineras. Los Archivos personales, la Crítica genética y la epistolografía en la estera de las teorías literarias fundamentaron esta pesquisa.

Palabras-clave: Archivo personal. Vida literaria. Epistolografía. Laís Corrêa. Cosette de Alencar.

LISTA DE SIGLAS

CA	Cosette de Alencar
CEDECOM/UFMG	Centro de Comunicação/Universidade Federal de Minas Gerais
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DM	Diário Mercantil
FAOP	Fundação Arte de Ouro Preto
ICOM	International Council of Museums, Órgão da ONU
IEPHA/MG	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais
IPM	Inquéritos policial-militar
JK	Juscelino Kubitschek
LCA	Laís Corrêa de Araújo
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
PPG	Programa de Pós-graduação
SLMG	Suplemento Literário do Minas Gerais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DUAS MULHERES	14
3	UMA VOZ E TRÊS OLHARES: a escrita, o acervo e a memória	23
3.1	MUSEUS, ARQUIVOS PESSOAIS E PRESERVAÇÃO.....	25
3.2	A MEMÓRIA E AS FONTES HISTÓRICAS: um testemunho e um discurso.....	29
3.3	CARTAS COMO REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA.....	30
4	EDIÇÃO DE FONTES	33
4.1	CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES	34
4.2	AS CARTAS E AS NOTAS	36
5	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS	105
	ANEXOS	113

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz parte do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, (CES/JF) em Minas Gerais, na Linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal que desenvolveu uma investigação epistolográfica e elaborou uma edição de fontes, a partir de um lote de cartas manuscritas e datiloscritas emitidas pela poetisa e jornalista, Laís Corrêa de Araújo, e recebida pela escritora Cosette de Alencar.

Laís Corrêa de Araújo, mulher de vanguarda na poética feminina dos anos 1950 e 1960, representante do mundo literário da época, favoreceu o espaço para o debate do processo de criação da poesia (MACIEL, 2002). A presença de Laís no campo literário foi de grande destaque, pois rompeu com paradigma de que mulher foi criada para ficar confinada ao ambiente doméstico. Seus sonhos e objetivos estavam voltados ao mundo das letras.

Laís tinha um envolvimento e uma representatividade muito grande com a literatura, mas, apesar disso, vivia certos momentos de desencanto com a mesma. Prova disso aparece quando ela revela e desabafa com a amiga Cosette de Alencar por meio da missiva escrita no dia 1/12/1967, dizendo que

há uma ânsia insatisfeita, a de saber por que e para quê; ou para quem existe a literatura. Falo de Minas, de Belo Horizonte, onde tudo se estiola no vazio e no estéril. A danação provinciana sempre será uma realidade aqui e não há, como fugir dela. (ARAÚJO, [carta] 1 dez. 1967).

Nesta carta, Laís cita os escritores Henriqueta Lisboa e Eduardo Frieiro afirmando que os mesmos são apenas escritores mineiros não reconhecidos em categoria nacional. Este desabafo dialoga com o pensamento de Affonso Berardinelli (2007), ao afirmar que há um confronto entre cosmopolitismo e provincianismo, e que a poesia e a literatura modernas foram escritas por provincianos e cosmopolitas, por autores *deracinés* e autores que quase nunca saíram de suas províncias ou pequenas pátrias. O que não se pode negar é que da província surgiram grandes escritores e poetas de fundamental importância para a literatura brasileira.

A troca de correspondência entre as escritoras foi constituída não somente de amizades, mas de um contexto literário enriquecedor: memórias, lembranças e de um passado vivido por uma escrita epistolar, composta de um cenário histórico-

cultural e de grande interesse para os pesquisadores.

Ressalta-se, para este estudo, a importância da epistolografia como fonte de pesquisa, seu valor documental e seu meio de comunicação, confirmando e defendendo sua preservação em acervo público.

O interesse pelo presente trabalho iniciou-se com o estudo de correspondências ao cursar a disciplina Epistolografia como fonte de pesquisa, do referido PPG. A partir daí, o fascínio e a motivação cresceram, afluindo-se cada vez mais na possibilidade de resgatar o grande universo literário que as missivas revelam. As epístolas retrataram intimidade, amizade entre os interlocutores, suas relações no meio literário, comentários críticos sobre determinados livros e acontecimentos histórico-culturais vivenciados no período.

O lote documental estudado está sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O MAMM guarda um acervo de artes visuais e literárias inventariadas do poeta Murilo Mendes composto pela maior coleção internacional de arte moderna do Estado de Minas Gerais. Estas pertenceram ao poeta, além de contar, também, com uma coleção estrangeira, dentre elas obras de Picasso, Miró e outros. O museu tem como objetivo estimular e desenvolver pesquisas e atividades científico-culturais. Possui setores de museologia, preservação, difusão cultural, biblioteca, informação, secretaria e administração. Além disso, desenvolve vários projetos, que objetivam preservar e perpetuar acervos de escritores e intelectuais de Juiz de Fora, apresentando diálogos abertos com testemunho de personalidades relevantes sobre a história da cidade e sua memória local. Destaca-se também na parte editorial divulgando a produção do museu.

No Acervo Alencar, no fundo da titular Cosette de Alencar foi localizado o lote constituído por 63 cartas e 186 documentos, datados de 19 de setembro de 1967 a 14 de maio de 1973. Para esta pesquisa foi realizado um recorte que se justificou pelo interesse no tema da amizade pessoal e intelectual entre as signatárias. O lote transcrito e objeto desta dissertação é constituído por 19 cartas e 47 documentos datados de 19 de setembro de 1967 a 9 de dezembro de 1968, haja vista que, após esta data, este tema não foi o principal.

Quanto ao acervo de Laís Corrêa de Araújo, estabeleceu-se contato para sua localização com a base de arquivos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na tentativa de localizar as cartas de Cosette de Alencar enviadas a Laís

Corrêa de Araújo. Foi informado, após consulta via e-mail, (ANEXO A), que tal acervo encontra-se em fase de higienização e organização para futura catalogação, fato este que restringe a pesquisa por impedimento de acesso aos documentos.

Foram empreendidas várias visitas ao MAMM que resultaram na transcrição integral desta documentação, para a qual foram adotados os critérios: a manutenção da ortografia vigente à época, a fim de preservar a memória linguística, respeitando os sinais de pontuação estilísticos e formas de tratamento. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi bibliográfica, exploratória e documental: os dados foram coletados, por meio de levantamento bibliográfico, com revisão de artigos, livros, dissertação e teses que tiveram ligação com o tema proposto.

A relevância da pesquisa se justifica pelo resgate da memória cultural, ratificando a importância das cartas como documento de reconstrução memorialística, contribuindo também para a ampliação da fortuna crítica das autoras mineiras.

Arquivos pessoais e Crítica genética na esteira da Epistolografia e das teorias literárias fundamentaram esta pesquisa. Para isso, foram utilizados os pressupostos teóricos de autores como Cecília Almeida Salles, Eliane Vasconcellos, Marcelo dos Santos, Matildes Demétrio dos Santos, Maurice Halbwachs e outros teóricos que se fizeram necessários para o desenvolvimento deste trabalho.

Em sua estrutura, após a **INTRODUÇÃO**, na segunda seção intitulada **DUAS MULHERES** são apresentadas a biografia, produções literárias e trajetória de vida das referidas signatárias, a fim de melhor contextualizar o conteúdo das missivas.

A terceira seção, **UMA VOZ E TRÊS OLHARES: a escrita, o acervo e a memória** descreve a amizade entre as literatas num diálogo epistolar, criando um elo que proporcionou a troca de sugestões e enriquecimento sobre a criação artístico-literária das intelectuais e comentários críticos sobre demais escritores. Duas mulheres que tinham em comum o mesmo projeto e ideias participaram ativamente do movimento literário da época.

Na subseção 3.1, cujo título é **MUSEUS, ARQUIVOS PESSOAIS E PRESERVAÇÃO** foram tecidas reflexões sobre a importância da correspondência como fonte de pesquisa literária, sobre os museus, os arquivos pessoais e sua preservação. Os arquivos são considerados valiosas fontes de pesquisa, pois recorrem a múltiplos saberes, com ânsia de desvendar a memória, o tempo vivido e

os acontecimentos. Quanto aos acervos, a sua preservação é significativa, pois revelam um universo precioso de obras, documentações históricas, livros, cartas e fotos que servirão para resgate da memória social.

A subseção 3.2, A MEMÓRIA E AS FONTES HISTÓRICAS: um testemunho e um discurso reconhece a escrita epistolar entre intelectuais como fonte primária que representa as memórias e lembranças das autoras, em um repertório traçado nas entrelinhas.

Na quarta seção, **EDIÇÕES DE FONTES** são registrados os critérios utilizados para o estabelecimento do texto epistolográfico e registrada a relevância dos estudos sobre a elaboração de uma edição de fontes destas correspondências como uma escrita que constrói e reconstrói o passado, com grande valor documental para os historiadores e pesquisadores. Na sequência segue a **CONCLUSÃO**, as **REFERÊNCIAS** e os **ANEXOS**.

2 DUAS MULHERES

A vida e a literatura de Laís Corrêa de Araújo começam a ser investigadas a partir do seu nascimento, e, em termos de data, foram localizados registros diferentes: Hilda Agnes Hübner Flores (2011) informa que a escritora mineira nasceu em 1927, no dia 03/03 em Campo Belo, Minas Gerais; e Nelly Novaes Coelho (2002) anuncia que este nascimento ocorreu em 1929 nos mesmo dia e local. O fato é que ambas apontam que a escritora mineira exerceu as funções de professora, poetisa, cronista, tradutora, crítica literária, jornalista, ensaísta e escritora de literatura infantil. As estudiosas comungam também com as indicações de que Laís Corrêa era filha do filólogo Lafaiete Campos de Araújo e da professora Josefina Rios Corrêa de Araújo e irmã de Zilah Corrêa de Araújo, contista e romancista. Estas informações permitem ressaltar o ambiente intelectual e literário no qual a campo-belense foi criada.

Quanto à sua morte, segundo publicação do Centro de Comunicação (CEDECOM) - agências de notícias do site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em sua primeira página, datada de 19 de dezembro de 2006, foi registrada a nota de falecimento da escritora Laís Corrêa de Araújo o que vem a informar uma possível terceira data de nascimento: se a escritora faleceu em 2006 com 78 anos ela teria, então, nascido em 1928. Eis a questão.

Laís Corrêa de Araújo, escritora, poetisa e jornalista morreu aos 78 anos em 19 de dezembro de 2006. Formou-se em 1950, bacharel em Línguas Neolatinas pela Faculdade de filosofia da UFMG. Junto com seu marido o poeta Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo exerceu grande influência no meio literário de Minas Gerais como poeta, ensaísta, editora do **suplemento Literário de Minas Gerais** e titular da coluna **Roda Gigante** publicada no **Jornal do Estado de Minas** (NOTÍCIAS..., 2006, p. 1).

As atividades literárias de Laís foram múltiplas e apontadas em várias direções: consoante o já citado acima. Publicou pela primeira vez na imprensa o poema **O vento** no **Suplemento Literário da Folha de Minas**, editado por João Camilo de Oliveira Torres (MACIEL, 2002). O primeiro livro de poemas, intitulado **Caderno de poesia**, um dos volumes que compõe a coleção Santelmo da revista **Vocação**, teve uma repercussão importante merecendo artigo especial do crítico Sergio Milliet no jornal **O Estado de São Paulo**. A escritora também publicou crônicas na revista **O Cruzeiro** do Rio de Janeiro, nos jornais **Diário de Minas**,

Estado de Minas e Suplemento Feminino de O Estado de São Paulo em 1959
(MACIEL, 2002).

Nas pesquisas de Maria Esther Maciel,

Laís sempre foi ousada de atividades intelectuais a novos caminhos no campo da crítica, da ficção e da tradução. Uma das raras vozes femininas da vanguarda poética brasileira dos anos 50 e 60 participaram ativamente no contexto cultural mineiro desse período e dos anos subsequentes, sempre atenta aos principais acontecimentos estéticos do país e do mundo, a única representante feminina da semana Nacional de Poesia de Vanguarda, realizada em agosto de 1963 quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e da **revista mineira Tendência** reuniram-se em Belo Horizonte para articular uma frente ampla de poesia de vanguarda que pudesse conciliar as propostas de inovação e experimentação estéticas com um programa de intervenção crítica na realidade nacional. Fato curioso relacionado à essa semana foi a pergunta “Por que a Laís está aqui”, dirigida por alguém da plateia à mesa de abertura do evento. Laís nunca deixou de causar estranhamento e inquietação. Não bastasse sua atuação fora dos limites socialmente demarcados para as mulheres de seu tempo atuando intensamente nos campos da crítica literária, da tradução e do jornalismo cultural, sempre a partir de uma perspectiva irônica e não-complacente a sua dicção poética nunca se confinou ao horizonte do que se convencionou chamar de poesia feminina. Em diálogo explícito e implícito com muitas vozes poéticas do passado e do presente, dentre elas as de eminentes representantes femininas da poesia ocidental, como Teresa de Ávila, Emily Dickinson, Gabriela Mistral, Gertrude Stein, Rosália Castro, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Laís pode ser tomada ainda como uma das poucas poetisas-mulheres de sua geração a se filiar a uma linhagem poética que se transformou num dos ramos mais importantes da história da poesia e da crítica moderna: a dos poetas que sob signo da “paixão crítica”, não apenas converteram poesia em espaço de debate sobre o próprio ato de criação, mas também se dedicaram ao exercício da reflexão crítica, escrevendo textos sobre outros autores e obra, estudos sobre a poesia e considerações sobre temas de distintos matizes (MACIEL, 2002, p. 14-17).

Ressalta-se, igualmente, de acordo com as informações do CEDECOM, que Laís Corrêa publicou um livro de ensaios que versa a respeito do poeta Murilo Mendes. Sobre este movimento e mais outras publicações, Maciel relata que:

Em 1972 é lançado pela Editora Vozes em Ouro Preto, no Festival de Inverno da UFMG, o ensaio de Laís intitulado **Murilo Mendes**, pela coleção **Poetas Modernos do Brasil**, estudo da obra do grande poeta brasileiro residente na Itália. Em 1988 lança o livro de poemas **Decurso de Prazo**, edição da Gráfica de Ouro Preto do poeta-tipógrafo Guilherme Mansur. Mesma gráfica em 1991 publica o **Caderno de Traduções** de Laís, com textos traduzidos de poesia e ficção de André Breton, Paul Éluard, T.S. Eliot, Robert Frost, Javier Villefane e outros autores. Em 2000 participa em Juiz de Fora ao lado de Maria da Saudade Cortesão Mendes e outras personalidades, da institucionalização do **Centro de Estudos Murilo Mendes**, pela Universidade Federal de Juiz de Fora e eleita pelo conselho diretor membro. Em 2001 lança no **Centro de Estudos Murilo Mendes Ensaio crítico/antologia/correspondência**, publicado na coleção **Signos da Editora Perspectiva** (MACIEL, 2002, p. 61-70).

E nos jornais de Juiz de Fora, no periódico **Tribuna de Minas** datado 12 maio de 2001 publicado no caderno dois, página 2, o texto **Palmas para ele** versa sobre o centenário do poeta Murilo Mendes (ANEXO B). A noite de autógrafos com a escritora Laís Corrêa de Araújo foi matéria no **Diário Regional**, datado 4 de maio de 2001 (ANEXO C), assinado por Fernanda Guelber. Nesta data 2001 comemorou-se o centenário de nascimento de Murilo Mendes no museu que leva o seu nome: Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Ainda, no jornal **O tempo Magazine**, de Belo Horizonte foi publicado em 28 de Janeiro de 2001, à página 5, um artigo assinado por Regis Gonçalves com o título **Cem anos de um poeta radical**, que elucidava a história do comprometimento de Murilo Mendes com o lado humano e espiritual das artes musicais e suas obras (ANEXO D). Todas essas fontes confirmam importância da celebração da obra e do centenário do poeta Murilo Mendes.

No **Jornal Estado de São Paulo**, caderno 2, datado de 1 de maio de 2001, com o título **Achados e desencontros de um poeta**, Régis Bonvicino comenta a crítica tecida por Laís Corrêa de Araújo, na qual esta encontrou o desafio de construir uma ideia que abordasse com maestria as características da obra do poeta Murilo Mendes. Nesse sentido, Laís Corrêa enaltece as peculiaridades do autor que, compondo caminho inverso ao da maioria dos autores brasileiros, obteve reconhecimento ao longo de sua carreira, principalmente após a publicação da obra **Tempo e eternidade**, datada de 1935 nela, ressaltando o poema **Vocação do poeta** cuja sensibilidade universalizante é uma característica importante. (ANEXO E).

Entre suas práticas, Laís Corrêa atuou em 1954 no Congresso Internacional de Escritores, seção de Poesia, ocorrido em São Paulo, época em que conheceu o romancista William Faulkner. Em sua participação no Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, em 1961, conheceu Haroldo de Campos (MACIEL, 2002) fatos que permitem afirmar que a escritora mineira construía uma essencial ligação com outros escritores que promoveriam significativas transformações sociais. Ajudou a organizar a **Semana Nacional de Poesia de Vanguarda**, realizada sob o patrocínio da Reitoria da UFMG, em 1963. Em 1973, em solenidade realizada no consulado alemão no Rio de Janeiro, recebeu da República Federativa da Alemanha, o **Prêmio Thomas Mann de viagem** com o ensaio **Vanguarda alemã e Vanguarda brasileira**.

Empreendeu uma viagem aos Estados Unidos em companhia da escritora Lygia Fagundes Telles, representando o Brasil no **Seminário Internacional Feminino de Literatura**, promovido pela Universidade de *Bloomington*, Indiana. Quanto à escrita íntima, manteve diálogo epistolar, com vários escritores, críticos e intelectuais brasileiros, dentre os quais se destacam Rosário Fusco, Alceu Amoroso Lima, Osman Lins e Murilo Mendes (MACIEL, 2002).

Novamente sobre a participação de Laís Corrêa no **Suplemento Literário do Minas Gerais** (SLMG), Haydée Ribeiro Coelho (2006) anuncia que a mesma ocorreu na primeira edição do jornal cujos textos compunham a Coluna **Roda Gigante** uma série que circulou entre 1966 e 1969 no periódico mineiro e informa que Laís foi reconhecidamente incansável fundadora, colaboradora e redatora do Suplemento, merecendo apreço e agradecimento pelo desempenho das tarefas de poeta, de ensaísta e de tradutora divulgando, assim, a literatura.

Em depoimento concedido em 1997 na Faculdade de Letras, integrado ao livro organizado por Maria Esther Maciel, a autora, de **Caderno de Poesia**, esclarece que fazia a seção "Conversa na mesa", crônicas no jornal **Diário de Minas** e depois no **Estado de Minas** (então com o nome de **Roda Gigante**), entremeando as crônicas com divulgação de livro. Em **Roda Gigante** são comentados textos de autores nacionais e estrangeiros: diferentes gêneros narrativos: há espaço para o estudo de textos de autores canônicos e de novos artistas; há um declarado interesse pelos poetas de vanguarda "entendida como concepção dialética do indivíduo e do mundo", como uma realidade complexa que nasce da convergência da linguagem com a arte. Há inúmeras entrevistas com importantes intelectuais, críticos e escritores do Brasil e de outras plagas. Como ensaísta, Laís Corrêa de Araújo comenta ainda sobre a comunicação de massa. Reportando-se a um congresso internacional de escritores, realizado em 1954, evidencia que os intelectuais preferem "ignorar os modernos meios de comunicação, alegando seu baixo nível estético, a utilizá-los como deviam, no interesse não só da cultura como de todo o povo, que participaria do privilégio de conhecer o melhor". Segundo a autora o livro continuava sendo o meio para a educação, mas os dirigentes poderiam utilizar os meios de comunicação para uma "autêntica democratização da cultura". A autora de **Roda Gigante** não se esquecia do movimento editorial do país em plena expansão. Na medida em que comentava a obra e respectivos autores, apresentava também as editoras e suas coleções. Na mesma série, na seção "Informais", são divulgados textos de natureza diversa (políticos, antropológicos, de Medicina, Eletrônica, Psicanálise e Economia). Traduções de livros são apresentadas e há ainda a divulgação de revistas produzidas em Minas, no Brasil e no exterior. Em 6 de maio de 1967, Laís Corrêa de Araújo, ao focalizar o romance do boliviano Augusto Céspedes, mostrava que o desconhecimento recíproco dos escritores sul-americanos era uma verdade que devia ser superada. Nesse sentido a poeta e ensaísta tem um papel fundamental, traduzindo textos teóricos e literários, buscando romper com o insulamento do Brasil em relação aos demais países hispano-americanos e vice-versa (COELHO, 2006, p. 15).

Quanto aos contatos internacionais, ressalta-se que, além do autor boliviano, Augusto Céspedes o escritor argentino Júlio Cortázar teve o seu conto, Todos os fogos o fogo, traduzido por Laís Araújo e publicado no Suplemento Literário do Minas Gerais datado de julho de 1968¹, colaborando de forma considerável para a popularidade do escritor em terras mineiras.

Laís Corrêa de Araújo intelectual, mulher forte, de atitude positiva na crítica literária nos anos 1950, como se pode constatar por meio das informações até aqui consultadas, construiu sua história no meio literário e de forma consolidada. Protagonista de uma época em que mulheres não tinham privilégios, no que diz respeito ao papel da mulher na escrita, na sociedade, quanto a exercer as funções de mãe e esposa, Laís Corrêa, do seu modo, no seu tempo deu voz ao universo feminino no campo literário.

E sobre este universo feminino, segundo Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão (2004):

Uma das produções mais características da escrita feminina são as memórias, na forma dos diálogos que apontam para uma visão subjetivada e intimista da vida, com inquietações pessoais, passando por fatos miúdos, relatos narrados de forma fragmentária ou reflexões sobre pedaços do vivido, talvez marcado pela reclusão, em que os horizontes podem por vezes parecer demasiadamente estreitos para o leitor dos grandes romances (BRANCO; BRANDÃO, 2004, p. 78).

Em carta datada de 1º de dezembro de 1967, escrita por Laís Corrêa de Araújo remetida a Cosette de Alencar, essas características da escrita feminina são identificadas e reconstruídas de uma forma poética:

Caríssima Cosette,

Foi propositada a minha demora em responder sua carta, porque estive numa dessas fases, que não são raras, de depressão e angústia. Culpo inicialmente a chuva, que me encharca sempre de umidade, tédio e solidão. Hoje, o sol surgiu e parece abrir perspectivas de possível comunicação entre os homens. Mera esperança talvez, mas que os impele a continuar. Imagino Minas como um navio-fantasma, perdido entre as ondulações das montanhas e das nuvens. Sinto-me inútil e frágil nesta clausura não escolhida, exposta à mediocridade, que contamina a todos, apesar das grades que tentamos opor-lhe. Nada vale a pena (ou “tudo vale a pena se a alma não for pequena”, como diz o F. Pessoa?). Talvez a minha alma, como

¹ Laís Corrêa traduziu o conto Todos os fogos o fogo de Júlio Cortázar (1968) um dos grandes nomes da literatura latino-americana preocupava com a linguagem gostava de criar uma falsa percepção ao julgar e pensar a literatura. Suplemento com a tradução do conto trabalho empreendido por Laís Corrêa de Araújo (ANEXO F).

o corpo, seja pequena. Na verdade, Laís da chuva e da depressão não aquecida pelo Sol, incapaz de desunir a crosta do mofo que se apavora à carne e ao coração. Claro que tenho muito - e que graças devo a Deus, a meu deus, por isso! – Affonso, os meninos, segurança, amor. Mas além disso, há uma ânsia insatisfeita, a de saber por quê e para quê ou para quem existe a literatura. Falo de Minas, de Belo Horizonte, onde tudo se estiola no vazio e no estéril. A “danação provinciana” sempre será uma realidade aqui e não ha, como fugir dela. Ou a única fuga possível é a fuga no duro, emigrar, partir, arrancar as raízes. Cosette, eu lhe juro, nós somos nadadores contra a corrente e por quanto tempo teremos forças para bracejar e espernear? Não há, explicação, nenhum motivo palpável para estas lamentações, apenas constato uma realidade, que os anos, a experiência, o ceticismo, me mostraram com lente bem nítida. Pense nisso: um Frieiro, no Rio, seria enorme; Henriqueta Lisboa, a maior poetisa brasileira; seu pai, um grande romancista. Exemplos. Aqui são apenas escritores mineiros e poucos (se existem) lhes reconhecem categoria nacional. “O mineiro só é solidário no câncer”, não é piada, é um fato. E chego a duvidar de que, até nisso... O isolamento nunca encontrará uma fonte que nos ligue definitiva e definitivamente à metrópole. Lá, o poeta federal pode tirar ouro do nariz tranquilamente. Sairá sempre ouro, falso que seja. Aqui, o diamante não brilha, qualquer que seja a lapidação. Cite-me um mineiro importante, que não o emigrado. Guimarães Rosa teria publicado pela Imprensa Oficial o “Grande Sertão” e ninguém saberia de nada. Drummond estaria até hoje escrevendo no “Diário de Minas” e ninguém o leria. Paulo Mendes Campos até hoje estaria cavando um jeito de publicar suas crônicas vagas e vazias no “Diário Mercantil”. Tudo isto me deprime e não há de ser a “posteridade” (o que significa isso?) que vá redimir os esforços de hoje.

Enfim, apesar de não querer escrever-lhe essas inúteis constatações, acabei fazendo e feio. Mas percebo que você sente mais ou menos o mesmo do que eu e me compreenderá. Com alguém precisava abrir-me. Claro que continuarei escrevendo uma chôcha poesia, minha seção no suplemento (afinal, me falam), mas com tôda unção gasta e desfeita. Concordo, assim, com você – é engolir o tempo, brincar de “faz de conta” com a nossa própria massa de sangue. A melhor atitude será sempre a sua, a minha (por pressão do meio), esse “je m’en fiche” que nos leva, a fazer e esquecer, mas (ô teimosia, afinal!) a fazer. Espanta-me o universo de livros publicados neste Brasil (no meu escritório, eles me sufocam de todos os lados) e admiro-me que haja leitores para todos. Gente corajosa! Entre 100 livros mandados aos críticos, 5 serão lidos é ser otimista. Em, poesia, publicaram 2 – e é demais. Sonhos de glória, onde nos levais? Pergunte ao mestre e amigo Frieiro, que não é cético de fachada, mas de convicção e experiência...

Em todo o caso, essa atitude pode lhe parecer infortuna e indelicada, já que v. me fala de um romance. Não é minha intenção, acredite. Consideram-me até (será hipocrisia?) uma incentivadora de escritores. Digo sempre: para frente! embora saiba que na frente não há nada. Perdoe-me muito por estas palavras. Aguarde melhoras, o temperamento das pessoas do signo de peixes varia muito. Amanhã, daqui a dez dias, quem sabe? Estarei entusiasmada e feliz com a literatura. Hoje ela me... desculpe, você me parece uma dama delicada, mas vai lá ...me emmerde! Juiz de Fora fica para depois do natal, se tudo correr favoravelmente e o governo nos pagar! Abraços carinhosos da Laís

Por que v. não me manda s/ endereço? Só escreverei de vez em quando, prometo (ARAÚJO, [carta], 1 dez. 1967).

Conforme Branco e Ruth (2004, p. 79), “a escrita é, então, uma ordenação e uma reordenação em que os fatos ganham novas significações, se ressignificam e é

por esse processo que o sujeito se constitui, pela palavra, na força da letra”. Situando a fala das escritoras no contexto da carta acima transcrita é possível perceber no diálogo epistolar, uma linguagem própria marcada pela voz poética e lírica, uma escrita de mulher com grande representação literária. Mulher sujeito de sua própria história.

Estas duas mulheres escritoras assumiram uma posição crítica que impactou o meio literário transformando o lugar ocupado por elas. Para o melhor entendimento desta afirmativa, importa informar que Cosette de Alencar como escritora dedicou-se à publicação de vários textos e contos em periódicos, deixando os leitores juizeranos informados sobre os acontecimentos e notícias de interesse geral. Teve grande influência no meio literário, uma vez que desde a infância viveu no mundo das letras e conviveu com literatos, construindo grandes amizades com escritores, críticos e poetas, com os quais mantinha muitas correspondências.

Segundo Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues (2002):

Cosette de Alencar, mineira, natural de Juiz de Fora, nasceu em 18 de Janeiro de 1918. Iniciou-se muito cedo na imprensa de sua terra natal e colaborou em publicações de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São João Del Rei, tendo mantido, em 1967, a última página da revista **Alterosa**, da capital mineira e, neste mesmo ano, recebeu o Prêmio de melhor cronista do estado (BARBOSA; RODRIGUES, 2002, p. 135).

Ainda segundo as estudiosas Barbosa e Rodrigues (2002), Cosette de Alencar filha de Gilberto de Alencar e de dona Sophia Áurea do Espírito Santo de Alencar, professora que renunciou ao magistério e dedicou-se ao lar. Sendo assim, Cosette, desde a juventude, espelhou-se na figura do pai Gilberto de Alencar, também escritor, conquistando seu espaço dedicando-se ao universo da carreira literária seguindo novos caminhos em meio a esse campo.

A escritora e jornalista teve grande destaque na imprensa, escrevendo crônicas na coluna **Rodapé Dominical** do **Diário Mercantil** desde 1954 até vir a falecer em 1973. Seus dois romances publicados são **Giroflê, giroflá**, obra indicada ao prêmio Walmap, em 1969, e o folhetim semanal **Diário de Ana** que circulou no periódico **Diário Mercantil**. Tais obras foram muito bem recebidas pelos literatos e críticos do período, ganhando certa notoriedade e recebendo, inclusive, comentários positivos da escritora Laís Corrêa.

Outros prêmios foram conquistados como o **Nelson de Faria**, concedido pela Academia Mineira de Letras e o **Prêmio Antônio Procópio Teixeira de Andrade em 1970**, outorgado pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Conforme a pesquisadora Dirce Pereira Lelis (2012):

Cosette de Alencar aprendeu francês por esforço próprio, auxiliada de início por um dicionário para aprender a língua e assim poder devorar todas as brochuras francesas existentes na biblioteca do pai, Gilberto de Alencar, familiarizou-se com a língua na qual chegou a ser tradutora primorosa, talento de que se serviu a Editora Itatiaia, de Belo Horizonte também em Minas Gerais. Cosette de Alencar fazia parte do quadro efetivo de tradutores, no mesmo tempo em que por lá trabalhavam grandes colaboradores como Oscar Mendes, Heitor Martins, Otavio de Faria, Vivaldi Moreira e o próprio Gilberto de Alencar. Dentre as obras traduzidas destacam-se: **Marie Antoinette**, de F. W. Kenyon; **Maria Antonieta**, 1959; **A última favorita**: a maravilhosa aventura de Madame Du Barry, de André Lambert; 1959; **Emma**; de Lady Hamilton / F. W. Kenyon; **Ema**, 1960; **Dieu est em retard**; de Christine Arnothy; **Deus está atrasado**, 1960; **Le destin de Cosima**; de Gerty collin; **O adolescente**, 1960; baseado na versão francesa de Pierre Pascoal de Marcel Proust Dostoievski; **O último amor de Wagner**, 1961; **Les semelles et les Moissons**, de Troyat; **As sementes e as colheitas**, 1963; **Great expectations**, de Charles Dickens; **As grandes esperanças**, 1966 (LELIS, 2012, p. 17).

Essa atividade de tradutora era exercida com grande maestria e prazer, pois possibilitaria a repercussão de seu trabalho para todo o país, uma vez que Cosette tinha o intuito de ver Juiz de Fora, cidade mineira, alçar-se como cidade de notoriedade, enquanto produtora de literatura e, possivelmente, alcançar reconhecimento em todo o país.

Segundo a pesquisadora Rita de Cassia Viana Rosa (2013):

Cosette ter nascido Alencar foi, portanto, um fator importante, mas não a primeira aparição pública significativa de Cosette de Alencar, noticiada pela imprensa juiz-forana, ocorreu quando era ainda normalista. As autoridades e a sociedade juiz-forana receberam, no salão nobre da Escola Normal Oficial, a literata Júlia Lopes de Almeida para uma conferência. Coube à Cosette discursar em nome do corpo discente, pronunciamento importante devido ao vulto da homenageada e à plateia presente. Como de praxe, a normalista elogiou a produção literária da conferencista, entretanto, aproveitou a presença de Filinto Almeida, esposo de Júlia e membro da Academia Brasileira de Letras, para defender que a “Casa de Machado de Assis” abrisse suas portas à participação do elemento feminino (ROSA, 2013, p. 76).

O convívio no meio de intelectuais foi ponto essencial e facilitador na trajetória de Cosette em sua carreira como escritora e cronista no **Diário Mercantil**. Participou da fundação do centro literário, no qual ficou responsável pela biblioteca e

foi membro da imprensa pela qual ganhou título de oradora, declamadora e poetisa. No **Diário Mercantil**, Cosette, além das crônicas, escrevia sobre a posição das mulheres nas letras e tecia críticos comentários sobre obras literárias de escritores.

Ainda de acordo com Rosa (2013):

O último “Canto de Página” publicado por Cosette de Alencar foi pautado pela confiança em dias melhores para a cidade que comemorou 123 anos. O aniversário foi, em sua ótica, muito comemorado comunitariamente. Ocorreram lançamentos de livros de autores locais, como o de poesias de Ymah Thérés e o de crônicas, de Gabriel Gonçalves da Silva (“Bié”); a exposição do “Guima” (J. Guimarães Vieira); teatro; música; pinturas e conferência. Os eventos foram, para a cronista, “um monte de coisas que, somadas, demonstra[ra]m inesperadamente estar a cidade muito mais viva do que parecia. Destacou a presença da administração do Município na coordenação das iniciativas, sendo que, não se omitiu em hora nenhuma e participou, de todos os modos, do extenso programa comemorativo. Viu, nessas ações, o início do trabalho que tanto sonhara em prol da cultura, um esforço, que demandaria o empenho de gerações, contudo, acreditava que a administração estava de “mangas arregaçadas” (ROSA, 2013, p.318).

A partir de 1971, com problemas de saúde, Cosette não interrompeu sua trajetória como literata, aproveitando cada minuto de sua vida dedicando-se às letras e deixando como legado a posição da mulher no mundo da escrita.

A amizade entre Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar foi fundamental para as escritoras, duas mulheres com objetivos e pontos semelhantes no mundo literário, na trajetória de suas vidas que foram de extrema relevância para as letras.

3 UMA VOZ E TRÊS OLHARES: a escrita, o acervo e a memória

Durante sete anos, de 1967 a 1973, Laís Corrêa e Cosette de Alencar mantiveram intensa troca de correspondência, firmando uma amizade fortalecida por meio das missivas. As cartas trocadas entre as escritoras tratavam de assuntos diversos entre eles pessoais, amenidades do cotidiano das correspondentes, falavam sobre sentimentos, trocavam confidências e teciam comentários sobre o trabalho no meio literário, relacionamento entre críticos e personalidades da época e suas colaborações para o suplemento literário.

O que mais chamou atenção nas entrelinhas das epistolas trocadas foram a rede de amizade e o trabalho desempenhado por elas, duas escritoras exercendo funções semelhantes ao identificarem pontos em comum.

Para Anne Vincent-Buffault (1996):

Os valores da amizade parecem tanto mais invocados quanto mais outras obrigações, outras injunções tendem a limitar de fato a possibilidade do seu exercício [...] esse exercício de amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9).

Essa valorização da amizade, segundo Vincent-Buffault (1996) pode ser ilustrada e confirmada por um fragmento da carta de Laís Corrêa datada de 18 de outubro de 1967, em que ela revela: “Sua carta foi um prazer uma renovação de contato amigo e inteligente que é a sua conversa” (ARAÚJO, [carta] 18 out. 1967).

Vincent-Buffault (1996) afirma que a prática da escrita parece então enriquecer a relação amistosa; a exigência de comunicação intensa se traduz por uma retórica da sensibilidade e da afeição. Estabelecer laços de amizade por meio da escrita e troca de correspondência permite ampliar as relações de sociabilidade, promover transformações e manter uma forte e constante conexão destas relações com o mundo da literatura.

Ainda segundo a autora, o gesto de amizade é tomado na transitividade das palavras trocadas, em que permanece ligado às associações vindouras e se distingue das obrigações sociais e das solidariedades de costumes (VINCENT-BUFFAULT, 1996).

Além da amizade entre as escritoras, elas tinham a mesma profissão,

trabalhar com a literatura. Cosette de Alencar conviveu com grandes intelectuais, dedicou-se intensamente à literatura e nada era empecilho para que desenvolvesse seu trabalho até os últimos momentos de sua vida.

Já Laís Corrêa esposa, mãe e escritora, contrariava e confirmava um comportamento familiar versado por Virginia Woolf (2013) no poema **Anjo do lar**. Contrariava, ao afirmar que mulher confinada ao ambiente doméstico era impedida de participar da vida pública, pois, Laís tinha uma intensa vida literária que consistia em produção de livros autorais, capítulos de obras, artigos e crítica literários. Além disso, era responsável por colunas de jornais e pela edição do **Suplemento do Minas Gerais**, conforme já citado e aqui propositalmente ratificado.

Confirmava a premissa de o **Anjo do lar**, quando se comportava como uma exemplar mãe preocupada com o futuro dos filhos e dona de casa preocupada com a organização do lar. No fragmento da carta datada de 20 de jan. de 1968 nota-se a presença **Anjo do lar**, sob este aspecto, no cotidiano de Laís:

Cosette,
Imagine em que situação encontrei minha casa! Tudo à espera de minhas providências: cozinheira nova, matrículas dos meninos por fazer, nada na geladeira, serviço acumulado do suplemento, contas a pagar, enfim todos êsses pequenos e aborrecidos expedientes de uma dona-de-casa os dois primeiros dias, passei-os a acertar as coisas e só agora acho um tempinho para cumprir o dever de agradecer-lhe as inúmeras gentilezas que teve para comigo (ARAÚJO, [carta], 20 jan. 1968).

Virginia Woolf confirma as premissas quando descreve que:

É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade [...] no fim consegui, e me orgulho, mas a luta foi dura; levou muito tempo, que mais valia ter usado para aprender grego ou sair pelo mundo em busca de aventuras. Mas foi uma experiência real; foi uma experiência inevitável para todas as escritoras daquela época. Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora (WOOLF, 2013, p. 13-14).

Laís Corrêa de Araújo, portanto, não matou o anjo do lar, mas permitiu que ele se desdobrasse igualmente no exercício de suas funções. Em carta datada de 7 de jan. de 1968 observa-se, em um certo momento que Laís substituiu, muitas vezes, o anjo do lar que naquela época era uma realidade para as escritoras, passando assim a exercer a literatura com grande maestria:

Aproveito um dos raros momentos de folga – enquanto a turma ainda dorme para ir a este escritório, aonde os livros se acotovelam ao abandono sobre o sofá, mesas, cadeira, até no chão, intocáveis por enquanto. (ARAÚJO, [carta] 7 jan. 1968).

Laís, este **Anjo do lar**, dúbio, foi a mulher de inúmeras jornadas, desempenhando vários papéis: a dona de casa que esteve presente no seu cotidiano, convivendo com a mulher que entendia ser preciso lutar, enfrentar as dificuldades e os fantasmas que estavam presentes em sua vida. Laís foi guerreira e não deixou que as atividades exercidas em seu cotidiano lhe arrancasse o sonho de uma escrita e literatura-crítica desempenhadas com muita sabedoria.

3.1 ARQUIVOS PESSOAIS, MUSEUS E PRESERVAÇÃO

Todos nós registramos momentos de nossas vidas, e os arquivamos, guardando desde documentos importantes, até um simples guardanapo com um recado, com uma escrita poética ou bilhetes, fotografias, diplomas, certificados e fotos. Não importa a forma como são arquivados, mas importa que representam a memória de um tempo vivido.

Para Eliane Vasconcellos e Marcelo dos Santos:

De maneira geral, as pessoas guardam documentos que testemunham momentos de sua vida, suas relações pessoais ou profissionais, seus interesses. São cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, comprovantes e recibos. Tais documentos, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gestos, hábitos e valores de quem os guardou, constituindo o seu arquivo pessoal (VASCONCELLOS; SANTOS, 2015, p. 213).

Os autores enfatizam que os arquivos pessoais são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas (VASCONCELLOS; SANTOS, 2015).

Sobre esta premissa, Philippe Artières afirma que arquivar a própria vida:

É simbolicamente preparar para o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa organizá-las para refutar a apresentação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como do tempo (ARTIÉRES, 1998, p. 31).

E ainda segundo o autor, arquivar a própria vida seria um processo de integração social a partir do fato de que o indivíduo tem a capacidade de arquivamento de papéis, registros de vida sejam eles sentimental, político e cultural os quais serão guardados por vários motivos.

Para o depósito em acervo de documentos literários, peças e obras com fins de estudo, é preciso que haja uma estrutura organizacional seja da biblioteconomia, da arquivologia e da museologia componentes essenciais que irão facilitar a busca de informações pelos pesquisadores.

Claudia Barbosa Reis (2011) afirma que: o ideal é que numa instituição que contemple os três universos citados trabalhem em conjunto, remetendo dados e informações de uma área a outra, de modo a facilitar a busca e ampliação de qualquer tipo de pesquisa. E ainda cita:

Que as bibliotecas são bastante rígidas na numeração classificatória e sucintas em suas fichas técnicas. [...] os arquivos operam de forma semelhante. Classificam seu material priorizando uma das leituras possíveis (autoria) e indexando as demais. Seu objetivo é disponibilizar os dados para que a pesquisa seja feita. Nos museus, a metodologia adotada é bastante peculiar, pois os museus atendem a uma série de requisitos com os quais as bibliotecas e os arquivos não estão preocupados. De acordo com o ICOM, os museus têm como função a guarda, a preservação, o estado e a difusão de acervos, com a finalidade de promover a reflexão (REIS, 2011, p. 256).

É preciso, entretanto, valorizar o papel dos museus, seu espaço, sua memória sociocultural por meio de projetos educativos e exposições reconhecer e viver suas histórias, oferecendo ao público seus serviços, considerados elos mediadores que vão divulgar a cultura do país por meio da pesquisa.

Para manter uma estrutura de gestão de documento é necessário um processo de planejamento que permitirá a preservação e organização dos documentos arquivísticos de acordo com Oliveira (2012).

O arquivista poderá representar o arquivo com maior propriedade e oferecer aos usuários possibilidades mais amplas de utilização dos arquivos pessoais ao desenvolver sua pesquisa de recomposição do contexto arquivístico, entendendo-o como parte integrante de um processo social e histórico, tendo como perspectiva buscar o conhecimento sobre o produtor do arquivo e das redes em que participa (OLIVEIRA, 2012, p. 80).

Os arquivistas são preservadores da memória cultural e possuem, portanto, um papel importante de facilitar, divulgar e garantir informações aos pesquisadores e

à sociedade.

Arquivos pessoais, portanto, guardam um rico material de pesquisa por conter um significativo conteúdo literário-cultural. A exemplo, as cartas ativas e passivas depositadas em acervos públicos ou privados, trocadas entre escritores e classificadas pela Crítica genética como manuscritos, são documentos que revelam um processo de criação. É preciso saber, no entanto, explorar suas características e valores e mostrar à comunidade acadêmica sua relevância.

A carta deixou de ser usada somente como meio de comunicação e passou a ser também utilizada como fonte de pesquisa seja pela sua escrita e rasuras, sejam também pelo registro do processo de criação dos signatários, pontos estes que levaram os historiadores e pesquisadores a se interessarem por esse rico e valioso documento.

Para a pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes (2012):

A epistolografia é parte essencial na constituição e desenvolvimento do Modernismo brasileiro. A importância das cartas não está em apenas informar, explicar e orientar o leitor com revelações biográficas, mas também em apresentar ideias e elaborações estéticas [...] importantes na literatura brasileira (MENDES, 2012, p. 1).

Ainda segundo Mendes (2012), o gênero epistolar é utilizado como uma fonte investigadora, uma radiografia reveladora de um contexto literário em que seus correspondentes dialogam com a escrita e a literatura.

Já o pesquisador Marcos Antônio de Moraes (2000) cita que a carta absorve a criação, participando dos diferentes estágios da produção artística e da crítica, colaborando em dossiês de pesquisa, vindo a tornar-se objeto de estudo.

Moraes (2000) completa a reflexão afirmando que as missivas surpreendem o pesquisador com seu conteúdo, permitindo preencher lacunas de investigação literária, sob o olhar de novas dimensões, mesclando a um espaço artístico cultural deixando o investigador com um olhar crítico e transformador.

Matildes Demétrio dos Santos (1998), também estudiosa, dialoga com estas teorias ao ponderar que:

A correspondência funciona como um meio de pesquisa realmente significativo, adquirindo valor e estatuto de um documento histórico, pois a escrita das cartas registra muitas das transformações profundas da história política e literária de quase três décadas: mesmo levando em conta a rigidez interpretativa de Mário, aliada à defesa apaixonada de suas convicções (SANTOS, 1998, p. 17-18).

Segundo a pesquisadora Eliane Vasconcellos (2008, p. 374) “as cartas têm caráter íntimo e/ou confidencial”. Logo, as informações nelas registradas fazem parte do espaço privado, inviolável, onde os envolvidos são o autor - signatário, a pessoa a quem é dirigida – o destinatário, e muitas vezes uma terceira pessoa da qual se fala (VASCONCELLOS, 2008).

Juridicamente o destinatário detém:

O direito autoral da carta; direito material, ou seja, é dono do suporte, normalmente o papel, onde a carta foi escrita, e os dois são protegidos pelo direito à intimidade, assim também como aqueles que são mencionados no texto em questão. O arquivo apenas guarda a documentação. Por essa razão ele não pode autorizar sua publicação de seu material no que diz respeito aos dois direitos mencionados: o autoral e o da intimidade (VASCONCELLOS, 1998, p. 64).

Além disso, a autora certifica que:

Há algumas disposições na lei de Direito Autoral que permitem ao pesquisador trabalhar com um pouco mais de liberdade sem ferir os direitos do autor. O artigo 49, parágrafo 2º da referida lei diz que **não constitui ofensa aos direitos do autor**: “a reprodução em um só exemplar, de qualquer obra, contanto que não se destine à utilização com intuito de lucro”. E o parágrafo 3º esclarece igualmente que não constitui ofensa aos direitos do autor “a citação em livros, jornais ou revistas de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica” (VASCONCELLOS, 1998, p. 66).

A lei nº 9.160 datada de 19 de fevereiro de 1998 dispõe, em seus artigos 1º e 34º, que:

Art. 1º Esta Lei regula os direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos.

Art. 34. As cartas missivas, cuja publicação está condicionada à permissão do autor, poderão ser juntadas como documento de prova em processos administrativos e judiciais (BRASIL, 1998).

Trabalhar, portanto, a correspondência como fonte de pesquisa requer cuidados, pois é uma prática que revela a escrita de si e os pesquisadores têm que estar atentos para lidar com situações pessoais e com intimidades do autor. O investigador, então, deve considerar as questões éticas e levar em conta que seu objetivo é buscar conhecimentos que possam preencher lacunas literárias, já que uma carta traz variados conteúdos que permeiam muitas lembranças e importantes recordações, que constroem a história de uma época. É a concepção da memória

que se delinea a partir da presença destes aspectos, assunto que será tratado na próxima subseção.

3.2 A MEMÓRIA E AS FONTES HISTÓRICAS: um testemunho e um discurso²

Para abordar esse tema usaremos o teórico Maurice Halbwachs que elucida as lembranças de duas maneiras:

Tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê de seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais. Portanto existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Não obstante, conforme participa de uma ou de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas (HALBWACHS, 2003, p. 71).

Halbwachs (2003) alega, portanto, que para existir a memória individual tem que existir a memória coletiva, a primeira seria a história de nossa vida e a segunda, o que já aconteceu, memória de um grupo, contendo neste as lembranças que afloram do seu interior.

Sendo assim a memória individual não está isolada, ela vai depender das reproduções do indivíduo apoiada pela memória coletiva. Todo esse processo constitui uma ligação entre o que o sujeito traz de bagagem de acontecimentos históricos e suas recordações, lembranças vividas no passado e que têm como referência um grupo e relações sociais. Elas estão associadas a um tempo diferente para cada grupo e pessoa constituindo um conjunto de recordações permitindo partilhar esse contexto com a memória. Nessa perspectiva Halbwachs (2003) afirma que:

O tempo social assim definido seria totalmente exterior as durações vividas pelas consciências. Nossas vidas estariam postas na superfície dos corpos sociais, segui-los-iam em suas revoluções, experimentaríamos as repercussões de seus abalos. Um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois do ocorrido. Portanto somente bem mais tarde e que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais. (HALBWACHS, 2003, p. 75)

² Este tema gerou duas produções a citar: uma apresentação de trabalho no VI Encontro Tricordiano de Linguístico e Literatura, UNINCOR, Três Corações (2016) com o título, Representação da literatura e memória nas cartas de Laís Corrêa de Araújo emitidas a Cosette de Alencar, que também gerou uma publicação do trabalho completo nos Anais do mesmo evento. (AFFONSO, 2016).

Os acontecimentos fatos que fundamentam a vida do grupo, não são exteriores a sua vivência a ponto de não haver formas de se relacionar. Lembranças de nossa infância situadas dentro de um contexto familiar e também com os amigos, grupos de trabalho capacidades de lembrar isso denomina memória de grupo, portanto não existe a memória de grupo se não houver memória individual e o indivíduo produto do grupo (HALBWACHS, 2003).

Diante do exposto, é importante salientar que as cartas são formas de apresentação memorialística vejamos no trecho da carta 14 de Laís Corrêa enviada para Cosette de Alencar:

Belo Horizonte, 10. 6. 68

Cosette,

É bem verdade que o dinheiro "remedeia" tudo: se houvesse, comprava um aquecedor de ambiente, que os há e dizem não ser muito caros. Ou houvesse nessa modernidade desconfortável o antigo fogão de lenha, poderíamos juntar brasas num panelão de ferro e fazer como no meu tempo de menina, num inverno passado em Bom Sucesso. [...] O jeito é pensar nas férias que se aproxima, julho no Rio, onde o clima estará (espero, suponho) agradável. Também âquele calor de janeiro, nunca mais: Que exagêros neste Brasil. Estive por 5 dias em Pirapora, cinco excelentes dias, que me aliviaram da depressão advinda com a "margarida": beleza na paisagem (o rio São Francisco), limpeza na cidade, ar limpo, puro e temperado, muito peixe nos pratos, muito carinho sobretudo do povo, que nos tratou regiamente.

Com saudades, o abraço da Laís. (ARAÚJO, [carta], 10 jun. 1968).

Se a memória coletiva é duradoura e tem como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que lembram enquanto integrantes de um grupo (HALBWACHS, 2003).

3.3 CARTAS COMO REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

É importante considerar que as cartas não são usadas somente como meio de comunicação, elas também têm uma função representativa dentro de um contexto histórico e para avaliar esta premissa será utilizada a metodologia defendida por José D' Assunção Barros que define fontes históricas como:

É tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. Neste sentido são fontes históricas tanto os tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos

fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o pesquisador (BARROS, 2012, p. 130).

As fontes históricas estão presentes em nosso cotidiano por meio da escrita de recordações do passado que complementam a grandeza da humanidade representada pelas memórias, relatos de viagens, diários e correspondências privadas. A partir do conceito de fonte, ressalta-se que a historiografia contemporânea foi ampliando este conceito a partir do século XX tornando-o mais abrangente e aplicado a mais materiais e realidades capazes de fornecerem informações, evidências e discursos a serem analisados pelos historiadores (BARROS, 2012).

Para melhor compreender as fontes históricas vários autores nas áreas de teoria e metodologia estabeleceram critérios para melhor compreensão do processo de produção do conhecimento. Barros utilizou como critério, a classificação dessas fontes em materiais e imateriais por meio de um estudo complexo por meio do qual os historiadores chegaram a uma conclusão ampla sobre fontes dentro contexto histórico.

Segundo Barros:

Uma taxonomia bem interessante foi elaborada por Júlio Aróstegui em seu livro *A Pesquisa Histórica* esclarece que uma taxonomia deve ser útil para a própria avaliação problematizada das fontes permite ao historiador fazer algumas perguntas fundamentais as suas fontes, classificar e aproximar-se do objeto com uma pergunta, com uma questão que se faz incidir sobre o objeto para melhor compreendê-lo (BARROS, 2006, p. 133).

As taxonomias serviram para direcionar de forma coordenada e organizada o trabalho dos historiadores criando meios que pudessem avaliar a produção do conhecimento. A partir daí abriu-se um leque que permite o pesquisador questionar o tipo de fonte. “As fontes históricas, conforme Aróstegui, elas vão depender de sua posição histórica sua relação com objeto histórico examinado e sua problematização dentro do seu contexto” (BARROS, 2012, p. 133).

Foi o primeiro passo dos pesquisadores questionar a posição das fontes classificando-as como fontes direta e indireta, isso facilitou o caminho para chegar às resoluções dos problemas relacionados ao tempo:

Para os historiadores fonte direta está relacionada à questão da possibilidade que ocorram intermediações no processo informativo ou de produção de uma fonte histórica. No caso a fonte indireta o autor ou

enunciador do texto chega ao seu objeto ou nos transmite alguma informação passando por um intermediário ou mais. A fonte em posição indireta situa-se, por vezes, em uma cadeia documental, testemunhal ou informativa, colocando-se, por exemplo, entre o historiador e um primeiro documento ou testemunho, anterior a todos (BARROS, 2012, p. 134).

E ainda coloca Barros:

A posição das fontes caracteriza por quatro âmbitos sua posição em relação à época, aos fatos e processos históricos que estão sendo examinados, a posição ideológica em relação aos acontecimentos narrados pelo o autor da fonte (no caso fontes autorais), a posição da fonte em relação ao problema tratado pelo historiador (BARROS, 2012, p. 134).

A partir do exposto podemos citar um trecho da carta nº 14 de Laís Corrêa enviada para Cosette de Alencar onde identificamos referências a fontes históricas:

Belo Horizonte, 10. 6. 68 Cosette,
 [...] Mais os grandes homens de negócio (inclusive o hipócrita Johnson) e os interesses da guerra do Vietnam. Tudo bem urdido, bem pago, com um tipo [ilegível]³ qualquer a bancar o bandido. No/fim, tudo é far-west, filme de cowboys a se exhibir no mundo. Está a lição a aprendermos dos dolorosos episódios Kennedy (John), King (M. Luther) e Kennedy (Robert). (ARAÚJO, [carta] 10 jun. 1968).

Pode-se afirmar, a partir destas reflexões, que a representação da memória está registrada nas cartas pelas quais são narradas as lembranças vividas no passado e acontecimentos históricos que são compartilhados. As cartas, portanto, são um espaço de comunicação literária, uma construção que contribui para a conservação da memória.

³ Rasura silenciosa, ou seja, quando não foi possível decodificar a escrita. Ficou estabelecido como critério, marcar a rasura silenciosa com [ilegível].

4 EDIÇÃO DE FONTES

Edição de fontes é constituída por notas esclarecedoras, podendo ser determinadas nas correspondências entre os escritores, que tematizam sua obra e acontecimentos históricos e culturais que marcaram a época e também informações sobre o meio literário.

As notas elucidativas sobre o conteúdo da correspondência esclarecem dados relevantes como fatos, personalidades, lugares, e informações sobre o meio intelectual, registrados, no caso, nas cartas de Laís Corrêa de Araújo enviadas a Cosette de Alencar, duas escritoras mineiras, ratificando, no período de 1967 a 1968.

Diante do exposto é relevante o estudo sobre a elaboração de uma edição de fontes das correspondências considerando que as cartas possuem grande valor documental: uma escrita epistolar, não raras vezes, reconstrói o passado, fonte de estudos para os pesquisadores.

Trabalhar com fontes ou notas exige do pesquisador um conhecimento abrangente, um olhar crítico, pois é um campo vasto de grandes investigações. As cartas podem trazer registrado um diálogo epistolar entre os interlocutores, versando sobre assuntos diversos que contribuem para uma considerável representação e reconstrução da memória.

Segundo Moraes (2009):

a carta vista como objeto cultural nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar; enseja a discussão acerca de sua guarda, conservação em arquivos públicos e particulares, bem como as condições de acesso. A qualidade e a cor do papel, timbres, monogramas, marcas d'água (filigrana), assim como os instrumentos da escrita, espelham códigos sociais, entremostrando a mão classe - escolaridade, formação - de quem escreve (MORAES, 2009, p. 116).

Diante de seu grande cenário de informações, a carta possibilita conhecer um universo de fontes culturais, sociais e histórica, território enriquecedor para os estudos literários.

A título de exemplificação, é importante ressaltar que a obra **Correspondência Mario de Andrade e Manuel Bandeira** organizada por Moraes (2009), busca recriar a margem da ordenação cronológica das missivas, um espaço

biográfico e histórico-literário e, enquanto organizador desta correspondência, contribui com importantes informações e esclarecimentos sobre como se deu a elaboração das notas dessa edição:

[...] é requisito de uma correta edição de documentos, a maior parte inéditos, detalhar as fontes primárias. As notas de rodapé procuram acompanhar o texto, fornecendo elementos biográficos e dados sobre locais citados, colocando à disposição do leitor sínteses de textos ali comentados, para que ele possa seguir o diálogo em todas as nuances e capturar uma ambiência. Esses textos citados muitas vezes são de difícil acesso. O diálogo como recorte histórico completa-se também com os diálogos paralelos, vozes dos amigos comuns que, ao serem mencionados, entram também como atores na correspondência (MORAES, 2000, p. 33 apud SOUZA, 2013, p. 55-56).

A leitura das cartas trocadas entre as escritoras possibilitou explorar o diálogo epistolar entre as interlocutoras, suas confissões, amizades e cenários literários que envolveram alguns escritores.

As dificuldades encontradas pela pesquisadora foram a leitura das rasuras silenciosas, e a não decodificação de algumas palavras na escrita das cartas.

Outro desafio foi a tentativa de compreensão do que vem implícito nas entrelinhas das missivas, que suscitam novas buscas e assim se vai tecendo a rede de importância dos estudos que cercam a correspondência.

4.1 CRITÉRIOS ESTABELECIDOS PARA A ELABORAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES

A correspondência trocada entre as missivistas foi transcrita na íntegra e acompanhada de notas explicativas ou fontes. A transcrição dessas missivas obedeceu aos seguintes critérios: as cartas foram numeradas de 1 a 19 para efeito de índice; foi informado, em fonte Arial 12, antes de cada correspondência, o número da missiva em relação ao lote completo (1/19, 2/19) e a datação do lote (1967 a 1968) para efeito de índice; em sequência foram registradas as abreviaturas da remetente, Laís Corrêa de Araújo (LCA) e da destinatária, Cosette de Alencar (CA), seguidas do número do registro catalográfico desta correspondência de acordo com a organização arquivística do Centro de Pesquisa do Museu de Arte Murilo Mendes - MAMM, em Juiz de Fora, que detém a custódia deste acervo literário. Por fim, foi registrada a informação sobre o estado de conservação do documento.

Foram mantidas a acentuação gráfica e a ortografia vigentes à época, por preservação de memória linguística, já que nenhum registro comprometeu o entendimento do conteúdo missivístico. Foi respeitada a pontuação original. Foi preservada a linguagem coloquial. Foram preservados os trechos grifados pelo missivista. Foram mantidos os sublinhados em palavras ou expressões. Foi registrada, em folhas separadas, a correspondência com suas respectivas fontes. Foram, as abreviaturas, desdobradas. Foram registradas, em Arial 12, as notas ou fontes inseridas em cada missiva já que as mesmas constituem o fundamento da pesquisa, seguida das referências de consulta e separada por um espaço entre notas. As rasuras silenciosas serão registradas entre colchetes, escrito ilegível: [ilegível].

4.2 AS CARTAS E AS NOTAS

Nota de transcrição da carta 01/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 134/2010

A dimensão do documento é de 19 cm de largura x 24 cm de comprimento; ausência de pautas; papel na cor bege com manchas amarelas papel possui o timbre do **Suplemento Literário do Minas Gerais**, com endereço; Av. Augusto de Lima, 270; Belo Horizonte, datiloscrita.

Carta 1

Belo Horizonte, 16.9.1967 Minas Gerais

Suplemento Literário

Av. Augusto de Lima, 270

Caríssima Cosette,

Com muita alegria recebi o seu pequeno mas carinhoso bilhete e, especialmente, a nota amável sobre o meu “Cantochão¹”.

Infelizmente, não a conheço pessoalmente, mas conheço-a muito embora, pelas referências de minha irmã Maria Lysia², do nosso amigo comum Eduardo Frieiro³, da leitura de suas crônicas, ou por via indireta, pela obra de seu saudoso pai⁴.

Considero-a, portanto, “de casa” - e foi assim que recebi o seu comentário sobre o meu livro⁵, sabendo-o ditado pelo carinho, pela boa vontade, pela compreensão com que acolhe a poesia, partilhando-a e fazendo-a repercutir em sua enorme sensibilidade.

Muito obrigada, Cosette. Tenho um irmão que mora aí (Plácido Corrêa de Araújo, juiz de direito) e, numa das próximas vezes que for visitá-lo, tomarei a liberdade de ir conhecê-la mais de perto, se me autorizar a isso. Regina Hargreaves⁶ também é uma das mais queridas amigas de J. de Fóra, assim como a Niva Vilela⁷. Espero que possa ainda incluí-la nessa rede de amizade e carinho...

Abraços- e, novamente,

Obrigada, Laís

¹ **Cantochão**, livro de poesia de Laís Corrêa que ganhou o Prêmio **Belo Horizonte** em 1965. Poesia que explora a palavra, com rigor, paixão e revolta. O título Cantochão aponta para uma multiplicidade de significados que se emaranham na

matéria poética: canto monocórdico, a uma mulher-poeta que assume uma voz coletiva, canto litúrgico, indiciando o sagrado da palavra poética; canto preso ao chão, isto é ao ser humano comum, revelando o sagrado e o profano como forças constituintes e contraditórias de cada um de nós (COELHO, 2002). Cosette tece elogios à obra de Laís espírito poético envolvente e presente na sua vida literária Cosette ainda frisa que são poucos livros que valem a pena ser lidos e sugere a leitura. Comentário publicado no **Diário Regional** em 14 de setembro de 1967 na coluna Canto de Página (ANEXO G).

² Maria Lysia Contista, cronista, jornalista, escritora. Formou-se em arte teatral na Escola de Arte Dramática de São Paulo, obtendo o Prêmio de melhor interpretação numa peça de Ionesco. Começou a carreira teatral em Belo Horizonte com Carlos Kroeber, João Ceschiatti e outros representando peças de alta dramaturgia. Como escritora inicia sua participação em uma antologia de contos e colaborou com imprensa. Conheceu Cosette pela sua representatividade no meio literário (COELHO, 2002).

³ Eduardo Frieiro nasceu em Matias Barbosa (MG). Foi romancista, crítico literário, ensaísta, tipógrafo, editor, redator, professor e bibliotecário/gestor/mediador da leitura. Foi um intelectual no espaço cultural de Minas Gerais, mais especificamente em Belo Horizonte. Realizou intensa produção de crítica-literária em diversas áreas, entre elas Etnologia, Literatura, Filologia, Filosofia, História. Manteve contato epistolar com diversos intelectuais do Brasil. Correspondia intensamente com Cosette de Alencar sobre vários assuntos do meio literário, relatados nas trocas de missivas. Em 1920 escreveu para diversos órgãos de imprensa de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Fundador da Sociedade Editora Amigos do Livro editou os primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Mário Casasanta, Aires da Mata Machado Filho e João Alphonsus de Guimaraens. Em 1944, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1960 recebeu o **Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras** pelo conjunto de sua obra entre romances, biografias, ensaios, textos de crítica literária e seu diário pessoal (DUARTE, 2010; LELIS, 2012).

⁴ Gilberto de Alencar escritor, jornalista e professor. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto e um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira 21. Suas obras: **Cidade do sonho e da melancolia** (1926) retratando a cidade de Ouro Preto em um manifesto a favor da manutenção, defendendo o patrimônio histórico nacional. Outras obras: **Prosa rude** (1910); **Memórias sem malícias de Gudesteu Rodovalho** (1946); **Misael e Maria Rita** (romance 1953); **Tal dia é o batizado**, o romance de Tiradentes (1959), **Reconquista** (1961), **O escriba Julião de Azambuja** (romance 1962). (ARAÚJO, 2013).

⁵ Data de publicação do livro **Cantochão** que ganhou o Prêmio de poesia de Belo Horizonte em 1965. Cosette de Alencar na coluna **Canto de página** do **Diário Mercantil** faz elogios ao livro de Laís Corrêa. (ALENCAR, 1967)

⁶ Regina Hargreaves. Filha de José Henrique Hargreaves professor de sociologia do curso de Ciências Sociais da faculdade de Jornalismo de Juiz de Fora. Intelectual do catolicismo. Ministro chefe da Casa Civil no governo no governo Itamar em 1992. Regina Hargreaves escreveu **Diário do Sol**, texto poético publicado, pelas Edições Vigília de Belo Horizonte no ano de 1961. Neste mesmo ano de publicação Magalhães Pinto governador de Minas Gerais concede-lhe a Insígnia da Inconfidência pelo reconhecimento de sua obra literária. Alceu Amoroso, crítico literário, também comentou sobre o valor da obra. Correspondeu com Cosette nos anos 1967 a 1968 (AZZI; PEREIRA, 2003).

⁷ Niva de Andrade Reis Villela filha do escritor Otto Lara Rezende nasceu em São João Del Rei. Escreveu romances psicológicos como os do século XIX, em suas narrações não tinha o cuidado ao modificar preocupava em transformar sua história reconhecia as diferenças dizia que literatura era para poucos. Participou da exposição Salão Nacional de Belas Artes do Rio expondo seu quadro **Rosa** pintura a óleo sentiu orgulhosa por estar ao lado de grande celebres Guignard Djamira, Pancetti. Não ganhou prêmio, mas sua participação foi um incentivo para continuar dedicando as artes. Quando ficou viúva morava em Juiz de Fora trocou os quadros a óleo pela porcelana. Foi morar no Rio de Janeiro onde trabalhava com tapeçaria e

exposições em diversas galerias (REIS, 2002).

Nota de transcrição da carta 02/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 135/2010

A dimensão do documento é de 19 cm de largura x 25,9 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, manuscrita.

Carta 2

18/10/67

Prezada Cosette,

Sua carta foi um prazer, uma renovação de contato amigo e inteligente que é a sua conversa.

Não descreia assim tão completamente de mim: a promessa de visitá-la está de pé e Juiz de Fora não é a lua – embora haja aí alguns lunáticos, a conversar com a geração bípede...

Estou mesmo aflita para ir aí, ver meu irmão, Regina Hargreaves (que há tempos não me manda mais notícias), a Niva e tantos outros bons amigos, a que acrescento orgulhosamente o seu nome. Enquanto isto, vamos dialogando Sartre ou outros ilustres nomes com as árvores, bichos, etc, v⁸. e eu, pois vivo também enclausurada neste escritório, comendo letras, pois sou de poucas e raras amizades.

Creio que o Murilo⁹ falhará a você, não por falta de vontade de fazer um passeio que seria certamente ótimo, mas porque está doente, sob severas ordens médicas de repouso absoluto. Ele está sofrendo bastante, não tanto da doença, mas do descanso forçado, êle que é um dos seres mais agitados que conheço. Em todo o caso, transmitirei a ele seu convite, ao menos pela forma que significa (como não tem telefone, tentarei ir lá hoje). Quanto a Vivaldi¹⁰ e ao Matias¹¹, falarei também c/ eles para aguardarem o convite formal.

Mande-me, sempre que puder, notícias suas, de seu trabalho (que vejo raramente, quando ás vezes recebo o Diário Mercantil¹²), das promoções de J. Fora, etc, etc. Tudo o que vem de v. é bom!

Abraço-a, por antecipação. Laís

⁸ Abreviatura de você.

⁹ Murilo Mendes adoeceu em 1943 e ficou internado no sanatório por vários meses.

O que indica que as missivistas estão falando dele pelo próprio contexto mineiro e juiz-forano que as envolve. (CRONOLOGIA, 2001).

¹⁰ Vivaldi Moreira nasceu em São Francisco da Glória, distrito de Carangola, no dia 28 de setembro de 1912. Foi jornalista e participou da vida literária. Suas obras **Daqui e dalém** (1968), **Milton Campos, política e letras** (1972), **O velocino de ouro**; **Personagens e situações**; **Memorial e destempo** (1986); **Navegação de cabotagem**; **Anatomia do matrimônio**; **Carta ao futuro**; **Fruita de Márisas**; **O menino da mata e seu cão piloto** (1981). Foi eleito em 1959 para a Academia Mineira de Letras. (DUARTE, 2010).

¹¹ Informação não localizada pela pesquisadora.

¹² **Diário Mercantil** lançado em 1912. Era propriedade de João Penido Filho e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, representante do Partido Republicano Mineiro (PRM). Em 1931 foi incorporado pelos **Diários Associados** no dia 13 de Janeiro de 1917. Entre 1940 e 1970, as edições de domingo do “DM” circulavam com um Suplemento Literário, no qual eram publicados textos de Lindolpho Gomes, Benjamin Colucci, Pedro Marques de Almeida, Gilberto de Alencar, Cosette de Alencar, João Guimarães Vieira (Guima) e Dormevilly Nóbrega. Em 1928 ocorreu o fechamento do **Diário Mercantil** devido à falta de recursos sendo comprado pelo grupo Solar de Comunicação, então proprietário da **Tribuna de Minas** (MEMÓRIAS..., 2015). Cosette de Alencar publicava crônicas no DM além de vários assuntos a respeito de questões literárias e acontecimentos vividos pela sociedade da época. (ROSA, 2013).

Nota de transcrição da carta 03/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 136/2010

A dimensão do documento é de 19 cm de largura x 25,9 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, datiloscritas.

Carta 3

1/12/67

Caríssima Cosette,

Foi propositada a minha demora em responder sua carta, porque estive numa dessas fases, que não são raras, de depressão e angustia. Culpo inicialmente a chuva, que me encharca sempre de umidade, tédio e solidão. Hoje, o sol surgiu e parece abrir perspectivas de possível comunicação entre os homens. Mera esperança talvez, mas que os impele a continuar. Imagino Minas como um navio-fantasma, perdido entre as ondulações das montanhas e das nuvens. Sinto-me inútil e frágil nesta clausura não escolhida, exposta á mediocridade, que contamina a todos, apesar das grades que tentamos opor-lhe. Nada vale a pena (ou “tudo vale a pena se a alma não for pequena”, como diz o F. Pessoa?). Talvez a minha alma, como o corpo, seja pequena. Na verdade, Laís da chuva e da depressão não aquecida pelo Sol, incapaz de desunir a crosta do mofo que se apavora à carne e ao coração. Claro que tenho muito - e que graças devo a Deus, a meu deus, por isso! – Affonso, os meninos, segurança, amor. Mas além disso, há uma ânsia insatisfeita, a de saber por quê e para quê ou para quem existe a literatura. Falo de Minas, de Belo Horizonte, onde tudo se estiola no vazio e no estéril. A “danação provinciana¹³” sempre será uma realidade aqui e não há, como fugir dela. Ou a única fuga possível é a fuga no duro, emigrar, partir, arrancar as raízes. Cosette, eu lhe juro, nós somos nadadores contra a corrente e por quanto tempo teremos forças para bracejar e espernear? Não há, explicação, nenhum motivo palpável para estas lamentações, apenas constato uma realidade, que os anos, a experiência, o ceticismo, me mostraram com lente bem nítida. Pense nisso: um Frieiro, no Rio, seria enorme; Henriqueta Lisboa¹⁴, a maior poetisa brasileira; seu pai, um grande romancista. Exemplos. Aqui são apenas escritores mineiros e poucos (se existem) lhes reconhecem categoria nacional. “O mineiro só é solidário no câncer”, não é piada, é um fato. E chego a duvidar de que, até nisso... O isolamento nunca encontrará uma fonte que nos ligue definitiva e definidamente á metrópole. Lá, o poeta federal pode tirar ouro do nariz¹⁵ tranquilamente. Sairá sempre ouro, falso que seja. Aqui, o

diamante não brilha, qualquer que seja a lapidação. Cite-me um mineiro importante, que não o emigrado. Guimarães Rosa teria publicado pela Imprensa Oficial o “Grande Sertão” e ninguém saberia de nada. Drummond estaria até hoje escrevendo no “Diário de Minas” e ninguém o leria. Paulo Mendes Campos até hoje estaria cavando um jeito de publicar suas crônicas vagas e vazias no “Diário Mercantil¹⁶”. Tudo isto me deprime e não há de ser a “posteridade” (o que significa isso?) que vá redimir os esforços de hoje.

Enfim, apesar de não querer escrever-lhe essas inúteis constatações, acabei fazendo e feio. Mas percebo que você sente mais ou menos o mesmo que eu e me compreenderá. Com alguém precisava abrir-me. Claro que continuarei escrevendo uma chôcha poesia, minha seção no suplemento¹⁷ (afinal, me falam), mas com tôda unção gasta e desfeita. Concordo, assim, com você – é engolir o tempo, brincar de “faz de conta” com a nossa própria massa de sangue. A melhor atitude será sempre a sua, a minha (por pressão do meio), esse “je m’en fiche¹⁸” que nos leva, a fazer e esquecer, mas (ô teimosia, afinal!) a fazer. Espanta-me o universo de livros publicados neste Brasil (no meu escritório, eles me sufocam de todos os lados) e admiro-me que haja leitores para todos. Gente corajosa! Entre 100 livros mandados aos críticos, 5 serão lidos e é ser otimista. Em, poesia, publicaram 2 – e é demais. Sonhos de glória, onde nos levais? Pergunte ao mestre e amigo Frieiro, que não é cético de fachada, mas de convicção e experiência...

Em todo o caso, essa atitude pode lhe parecer infortuna e indelicada, já que v. me fala de um romance¹⁹. Não é minha intenção, acredite. Consideram-me até (será hipocrisia?) uma incentivadora de escritores. Digo sempre: para frente! embora saiba que na frente não há nada. Perdoe-me muito por estas palavras. Aguarde melhoras, o temperamento das pessoas do signo de peixes varia muito. Amanhã, daqui a dez dias, quem sabe? estarei entusiasmada e feliz com a literatura. Hoje ela me... desculpe, você me parece uma dama delicada, mas vai lá ...me emmerde²⁰!

Juiz de fora fica para depois do natal, se tudo correr favoravelmente e o governo nos pagar!

Abraços carinhosos da Laís

Por que v. não me manda s/ endereço? Só escreverei de vez em quando, prometo.

¹³ Laís intelectual de vanguarda demonstrava um estado de tédio e negação em relação à sua província, Belo Horizonte, Minas Gerais, a qual considerava um mundo fechado, mas ao mesmo tempo buscava o desejo de reconhecimento da comunidade literária mantendo seu compromisso e idealização de seus valores. (BERARDINELLI, 2007).

¹⁴ Henriqueta Lisboa, nasceu em Lambari (MG). Poetisa mineira, ensaísta e tradutora. Residiu no Rio de Janeiro onde se formou em Letras. De volta a Minas Gerais inicia a carreira no ensino superior, nas áreas de literatura hispano-americana, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Maria (PUC-MG), e de literatura universal, na Escola de Biblioteconomia de Belo Horizonte. Publicou poemas nos jornais e revistas do Rio de Janeiro e Minas Gerais (**Diário de Minas, O Malho, Revista da Semana, A Manhã, O Jornal**). Algumas de suas obras poéticas – **Fogo fátuo** (1925), **Velário** (1936), **Prisioneira da noite**(1941), **A face lívida** (1945). **Flor da morte** (1949). Poesia infantil: **O menino poeta** (1942—1975). Ensaio: **Alphonsus de Guimarães** (1954), **Convívio poético** (1955). Tradução: **Antologia poética** (1961) e **Poemas escolhidos de Gabriela Mistral** (1969). (COELHO, 2002).

¹⁵ Paráfrase de um poema de Carlos Drummond de Andrade. Neste, o autor expressa a disputa do poder entre o poeta municipal e estadual. Para ele, o poeta federal terá sempre a supremacia do poder. (BONVICINO, 2009).

¹⁶ Paulo Mendes Campos nasceu em 28 de fevereiro de 1922 em Belo Horizonte, faleceu em 1991. Foi poeta, cronista, tradutor de poesia e prosa. Algumas de suas traduções obras de Júlio Verne, Oscar Wilde, Shakespeare e Neruda. Jovem ingressou na vida literária e foi integrante da mesma geração de Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, João Ettiene Filho e Murilo Rubião. Foi diretor do suplemento literário da **Folha de Minas** nos anos de 1942 e 1944. Trabalhou nos jornais **Correio da Manhã** e **Diário Carioca**, onde assinava a *Semana Literária* e a crônica *Primeiro Plano*. Cronista da revista **Manchete**. Algumas de suas obras **A palavra escrita** (poesia 1951), **Forma e expressão do soneto** (antologia, 1952), **Testamento do Brasil** (poesia 1956), **Páginas de humor e humorismo** (antologia

1965), reeditada em 1965, sob o título **Antologia brasileira de humorismo o cego de Ipanema** (crônicas, em 1960), **O anjo bêbado** (crônica 1969), **Cisne de feltro** (crônicas autobiográficas, 2000) e **Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo**. (DUARTE, 2010).

¹⁷ Laís Corrêa escreve na seção do suplemento literário suas poesias dentre elas Cantochão que foi marcante e que transformou sua vida poética destacando como uma das principais poetas da poesia brasileira. Publicado na coluna Roda Gigante em setembro de 1968, número 106 poesia de Laís com título **CANTOCHÃO**. (ARAÚJO, 1968), (ANEXO H).

¹⁸ *Je m'en fiche*: Tradução: Eu não me importo. Nesta carta Laís escreve desabafando, sente-se desestimulada com a literatura, devido ao não reconhecimento dos escritores mineiros. Ela e Cosette têm o mesmo ponto de vista em pensar que a literatura um dia será reconhecida. (AVOLIO, 2016).

¹⁹ O romance a que ela se refere pode ser a escrita de **Giroflê, giroflá**. O trabalho da Laís Corrêa e Cosette de Alencar se assemelha muito tanto na coluna dos jornais, como nas letras e livros. Ambas mineiras escritoras e tradutoras. Viveram no meio literário e dedicaram-se à literatura. (ROSA, 2013).

²⁰ *me emmerde*: expressão usada por Laís que significa em português, **se lixem** . Era o que estava sentindo no momento pelo contexto literário. (AVOLIO, 2016).

Nota de transcrição da carta 4/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 137/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com alguns pontos amarelados, datiloscritas.

Carta 4

Belo Horizonte, 26 de dezembro de 1967

Cosette, minha cara,

Achei ontem sua carta sob a porta, no momento em que saía, sob chuva intensa, para tentar encontrar numa “boutique” próxima um presente de natal para uma pessoa que ficara esquecida. Tão impaciente sou, que imediatamente a abri, mesmo com o perigo (que aconteceu) de molhar todo o papel. Fui lendo, como a irresponsável que sou, sob os pingos d’água sem olhar os automóveis ao atravessar as ruas...o que deve dizer-lhes, afinal, quanto as suas cartas se tornarem queridas. Feita a compra, voltei e relí a carta e estou relendo de nôvo e a relerei muitas vezes ainda, pelos ressaibos de uma sabedoria de vida que nela encontro.

Devo contar-lhe, antes, que pertenço ao signo de peixes, o que vem ao caso, sim, porque este signo diz muito bem da minha instabilidade emocional, bruscas mudanças de idéias, fossas e locas marinhas, ou morna superfície tranquila de lago. Creio que eu lhe escrevera uma daquelas minhas cartas subterrâneas, quando navego entre tubarões e polvos a conclamar-me para o nada mais sombrio. No entanto, alguns amigos lhe diriam que sou a criatura mais alegre do mundo, sempre sorrindo, apesar dos dentes manchados de cigarro... A época é boa para contar-me: como o natal, sou bolas coloridas ou a melancolia da chuva dêsse tempo – entre uma euforia absurda e uma angústia inexplicável. Não é uma característica de juventude (afinal, já cheguei aos 40), mas o que os psicólogos de almanaque chamariam de “insegurança emocional”. Criada sem pai nem mãe (que perdi muito menina), tudo em volta parece-me difícil e insuperável. A infância (Freud explica tudo) sem os carinhos desses sêres protetores, a miséria e a humilhação, a fome e a falta de dinheiro, marcaram-me talvez excessivamente. Mesmo hoje, com amor de sobra, tenho êsses desfalecimentos repentinos, o mêdo do futuro, a falta de confiança em mim, a auto-crítica mais severa. Litererariamente, então...também me digo, de vez em quando, consolos como os que você me manda: escrever por escrever, por gostar de, incapaz eu também de “administrar a própria glória” (???), resignada com o desprestígio da província²¹ e o desamparo advindo da pura perda

de tempo. O que não impede de vivermos todos sonhando com o Rio, onde tudo reluz, principalmente o que não é ouro. Claro que, quando pensamos com calma, lógica, vemos que o fato de ir “prá lá” não modificaria nada em nós, não nos acrescentaria nada, naquilo que somos ou temos para dar, de verdade. Talvez piorasse: a cidade é tentadora, dispersiva, enleante. Utopia, paraíso dos intelectuais. O que me deprime não sou eu mesma: reconheço o meu tamanho.

Mas o meu Affonso.

Difícilmente alguém escreverá como êle: é sério, lúcido, altamente culto, mas quem sabe disso? Como o nosso amigo Frieiro, não estudou senão sozinho e, como êle, o mesmo tipo de temperamento, cético, incapaz de solicitar complacência ou dobrar-se para ouvir as “clarinadas espalhafatosas dos órgãos de divulgação”, como v. diz. É mais por êle do que por mim que sofro a “danação provinciana”, como disse depreciativamente o crítico Fausto Cunha²²; o que eu traduzo: “veio da província? está fedendo...”.

Mas falemos de coisas mais próximas, mais nossas, mais limpas do que a literatura: a amizade. Sabe que me dói mais que tudo a falta de uma – ao menos uma – amizade de fato? Quando me ponho a contar os meus amigos dificilmente chego ao número 2. E isso considerando algum companheirismo como “amizade”. É chato. Volto à infância: a falta dos pais me deu ânsia de sentir-me amada. Fòra a família (tenho verdadeira fraternomania, aceite o neologismo), fóra o Affonso e os filhos, quem me gosta? Puxa, creio que ando lhe escrevendo tanto por causa disso. Mas você pode recusar-me, aceitar-me por complacência, por causa da confissão, deixar de escrever-me, não vá sentir-se responsável de agora em diante, por causa da confissão. Hoje é dia de confissão? Desculpe, como estou aborrecida!

Quando é que você pensa ir ao Rio? Estou desejando loucamente ir lá (não tem nada com literatura!) para esperar a Zilah, minha irmã mais velha, que faz as vezes de mãe pra mim, e que volta da Europa dia 15. Coitada! depois de séculos de infinito trabalho e luta corporal para levar-nos a todos pra frente, conseguiu afinal uma bolsa de estudo em Paris, o prêmio de sua vida. Mas andou sofrendo muito: a tal fraternomania é geral entre nós. Nenhuma beleza, castelos do século XI ou Giocondas, a consolaram da distância dos irmãos, até dos problemas financeiros cotidianos. Tinha muita vontade de vê-la. Mas há o problema de ir pro hotel, despesa grande, logo após as inevitáveis do natal. Se você fôsse e me pudesse ceder um canto (tenho um sono de criança, durmo no chão como se estivesse nas nuvens),

seria simplesmente maravilhoso. Quem sabe dá certo? Anualmente, em julho, passamos a férias no Rio, num “apartamento” de 2 quartos, dêsses de férias, nove pessoas juntas...é uma bagunça gostosa. E, para ficar completa a felicidade, jamais procuramos nenhum escritor... Mas êsse, só em julho. Maria Lysia²³ mora no Rio atualmente, mas enfurnada na A.C.F. (Associação Cristã Feminina), com 4 moças num quarto, pois até hoje não consegui “numerário” para alugar apartamento. Daí eu querer, mineiramente, aproveitar-me de seu oferecimento tão comovente quanto inesperado. Gostaria que me dissesse, muito sincera e francamente, o que acha da idéia.

Maria Lysia vai passar o dia 13 e 1º com meu irmão Plácido. Tomei a liberdade de dizer a ela que procurasse você. Ela está tímida, diz que não sabe se v. gostará ou não, como entenderá isto, etc, etc mas acho que seria uma forma de eu lançar uma ponte até você, por enquanto, já que por agora não posso chegar até J. de Fora, com êsse plano de esperar a Zilah. Ou talvez, se você resolver algo, pudesse ir pra J. Fora, depois partimos juntas para o Rio.

Enfim, nada, absolutamente nada de constrangê-la. É coisa entre gente que se conhece, fala com liberdade, recebe tudo com naturalidade.

Agora gostaria muito, muito mesmo, que você usasse de mim: se quer algum livro que eu possa arranjar para você aqui, o que você não conseguiu adquirir do Sartre, qualquer coisa, por favor. Faça-me sentir-me útil. Eu ficaria contente de estar com você dêsse modo, juntas, na ajuda mútua.

Nosso Frieiro (como eu gosto do meu professor!) teve uma grande festa.

Merecia mais, porém êle mesmo não se permite a menor discrepância numa atitude intelectual, num estilo de vida conscientemente escolhido. Enfim, fizemos o que foi possível. Pretendo ir vê-lo esta semana e – coisa boa! – falarei de você. Será outro ponto de contacto entre nós.

Perdoe - me tanta amolação. Espero que, da próxima vez, eu esteja mais “inspirada”, como diziam os parnasianos. Invejo a sua biblioteca! Sua cultura, seu modo de ser, seu senso das coisas. E fico neste tiquetaquear estúpido de palavras vãs nesta máquina...

Abraço-a com carinho, desejando-lhe, sem protocolo, as alegrias mais doces neste 1968, bissexto, mas que eu viro ao avesso, pra você

Laís

Nota na marginália à esquerda: Soube agora, pelo Affonso, que v. é muito

importante: parente do Alencar romancista²⁴ e de Castelo Branco, presidente! Que exagero de importância!

²¹ Laís manifestando seu desencanto com a província, o desprestígio dos intelectuais comparando-os aos cariocas que são reconhecidos. Não deixa, entretanto, de reconhecer a valorização dos provincianos. (BERARDINELLI, 2007).

²² Fausto Cunha, crítico literário, escreveu em várias revistas e tinha uma coluna no Suplemento literário do Correio da Manhã. Publicou contos entre eles **A vela que o mundo apagou, Chamavam-me de monstro, O anzol e os peixes**. (CONY, 2002).

²³ Maria Lysia Corrêa de Araújo nasceu em Campo Belo Minas Gerais. Formou-se em Arte Teatral pela Escola de Arte Dramática de São Paulo e obteve o prêmio de melhor interpretação em uma peça de Ionesco. A carreira teatral teve início em Belo Horizonte, representando peças de alta dramaturgia como **As cadeiras, Um bonde chamado desejo, Todo anjo é terrível, Pequenos burgueses e Tartufo**. Contista, cronista, jornalista, atriz de teatro e escritora infantil. Dedicou-se a literatura publicou conto **Em silêncio** (1978); **Bairro feliz** (1982); **Em tempo** (1985); **O círculo** (1985); **O carneirinho diferente** (1987); **Aprendiz de Barroco** (2004); **Acorda, Luiz** (1991). (DUARTE, 2010).

²⁴ José de Alencar nasceu em Messejana, CE, 1/05/1829, faleceu no Rio de Janeiro em 12/07/1877 poeta, romancista, dramaturgo, crítico, jornalista, político, ensaísta, orador parlamentar e consultor do Ministério da Justiça. Romances publicados: **O sertanejo** (1875), **O guarani** (1857), e **Iracema** (1865) romance polêmico pelo qual é acusado de cometer excesso de liberdade com a língua portuguesa, **Ubirajara** (1874) e outros. Entrou no mundo literário por meio da polêmica em torno do poema épico **Confederação de Tamoios** de Gonçalves Dias. Colaborou nos periódicos **Correio Mercantil, Folha Nova, Revista Brasileira**. Foi redator-chefe do **Diário do Rio de Janeiro**. (JOSÉ..., 2017).

Nota de transcrição da carta 5/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 138/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com alguns pontos amarelados, manuscrita.

Carta 5

Belo Horizonte, 7 de janeiro de 1968

Caríssima Cosette

Tenho de escrever esta carta começando pela fórmula antiga das “mal traçadas linhas” pois há uma semana estou promovida a cozinheira (vai o estudo de Levy-Straus sobre a cozinha, forma de cultura?) e lá se foram as muitas, a mão endureceu e as linhas não saíram mesmo mal traçadas. Com toda a apresentação os antropólogos – filósofos, os anos de miséria que passei e a responsabilidade de dar de comer a [ilegível] restos de aristocracia rural (meu avô era senhor - de engenho) me tornaram alérgica a todo serviço doméstico... de resto, a comida mineira (Frieiro) é, simples e complicadíssima: observe a panelada [ilegível] a fazer arroz, feijão, angu e couve!²⁵ Estou já com os nervos estafando, da rotina café, almoço, café, jantar, e o monte de vasilhame trepando pelas paredes! A empregada pediu-me 10 dias de folga, para visitar a Santa Terezinha. Acuso-me agora de complacência, certamente adorada da fraternidade universal da quadra natalina...

Aproveito um dos raros momentos de folga – enquanto a turma ainda dorme – [ilegível] a este escritório, aonde os livros se acotovelam ao abandono sobre o sofá, mesas, cadeira, até no chão, intocáveis por enquanto.

Estou mesmo louca para dar essa fugidinha rápida ao Rio – mas me constrange muito utilizar-me de você, forçá-la talvez a ir lá ou importuná-la de qualquer jeito. Gostaria, portanto, de saber se você iria ou vai mesmo porque quer, [ilegível] estar fazendo por gentileza, caridade ou excesso de boa vontade.

Se eu for, penso partir daqui dia 14, pela manhã, chegando ao Rio à tarde. E ficaria até dia 16 ou 17 no máximo, o tempo justo de receber a Zilah. Maria Lysia – que a [ilegível] ótimo ter estado com você – está me assustando com a chuva e dizendo que não devo ir. O que acha? Você também tem medo de enfrentar as viagens? bom, mesmo quando vou à Sabará, costume deixar testamento... legando os meus filhos!

Será que há tempo de v. me escrever ou telefonar - 4-9123 – confirmando se

vai ou não, comigo ou sem, no dia 13? (o mineiro é assustador!). De qualquer forma, pouco que sei, de seu apartamento ou, se necessário, para alguma pensão ou hotel barato. Combinamos assim: chegando ao Rio, tomo taxi para a Rua Raul Pompéia e se você não estiver lá, não importa – tomo outro rumo.

Não quero absolutamente constrangê-la em nada, nada, o mineiro de nada, [ilegível] sim?

Maria Lysia me disse, em carta, que está lendo com muito prazer a posse agradável de seu pai no “Misael e Maria Rita”²⁶. Aliás, há dias atrás, conversando eu com Frieiro e êle me recomendava lhe o Gilberto de Alencar, especialmente as “Memórias de Gusdesteu Rodovalho”²⁷. E aqui vai uma confissão terrível – nunca li um livro dele, forçada que estive sempre, por dever de ofício, a ler os livros que recebo para comentário da “Roda Gigante”²⁸. Não sei se são ainda encontráveis nas livrarias, são? O Frieiro me acendeu a curiosidade e, hoje me permita a libertação da cozinha, de procurá-los. Não me abomine por isto: tantos outros livros bons não há, que me envergonhar dizê-la. Acho que tenho de aprender muito de você, o que afinal me alegra pois a professora me parece excelente e a aluna é humilde e interessada. Gostaria de avisá-la, ainda, que tenho muita dificuldade de expressão oral (acho que me habituei sempre a usar antes a mão que a boca para situar o meu pensamento), daí não pense, de comparação com os Guimaraes desta e doutras terras... Sou feia, pequena, e gordinha: outros defeitos e complexos que ei de carregar por tôda a vida! Aceitar – me- à assim mesmo?

O dever me chama: os clarins dos meninos se levantando, a querer o leite quente, pão e carinho. Ser mãe é uma vocação e acho que me empenhei também nisso...

Por enquanto, fico aqui. Com telefonema, carta ou não, ligo mesmo dia 14, está certo? E não se preocupe comigo, uma das poucas coisas que sei é resolver os problemas e ainda sozinha... Agradeço-lhe enormemente por tudo, desde já. E se não a vir no Rio, paro de volta em J. Fóra, só para isso.

²⁵ No Suplemento Literário, na coluna **Roda Gigante**, Laís Corrêa de Araújo dedicou um número especial a Eduardo Frieiro, publicado em dezembro de 1966, número 14. O artigo foi intitulado, **Alimentação e erudição**, no qual foram tecidos comentários sobre o famoso prato típico da culinária mineira - feijão, angu e couve - sabores da

comida mineira e, portanto, presença marcante na identidade do mineiro e que também inspirou a criação da obra de Eduardo Frieiro. (Araújo, 1966) (ANEXO I).

²⁶ **Misael e Maria Rita**, romance escrito por Gilberto de Alencar, tem sua 1ª edição em 1953, editora Montamheza, de Juiz de Fora; 2ª edição, póstuma, em 1962, pela editora Itatiaia, de Belo Horizonte. (SOUZA, 2013).

²⁷ Romance de Gilberto de Alencar **Memória sem malícia de Gusdesteu Rodovalho** foi publicado em 1946. A segunda edição publicada pela editora Agir do Rio de Janeiro, em 1957, e teve o objetivo de torná-lo conhecido no conjunto dos melhores títulos da Literatura Brasileira. A 4ª edição, publicada pela editora Itatiaia, fortalece o reconhecimento do meio editorial. O romance foi produzido situado dentro da Segunda Guerra Mundial e da implantação do Estado Novo no Brasil, sendo comentados por críticos como Agrippino Grieco e Rachel de Queiroz. A história narra a vida de Gusdesteu Rodovalho e de seus familiares desde sua infância até a fase adulta. Utiliza-se de uma linguagem simples para contar uma história que se passa em Minas Gerais e nela descreve os costumes e o cotidiano da vida mineira. Seus pais com grande esforço se preocupavam com o futuro do filho e o matricularam no colégio interno em Barbacena, onde o menino ganhou inúmeros amigos. Gusdesteu, protagonista da história, tinha bom relacionamento com os pais e amigos. (SOUZA, 2013).

²⁸ *Roda Gigante*, de autoria de Laís Corrêa, foi um espaço que recebeu uma multiplicidade de textos de autores canônicos e de novos artistas, contendo entrevistas com críticos e escritores de outros países, além de divulgar o trabalho dos poetas da vanguarda mineira. Procurava, também, deixar o leitor informado dos acontecimentos políticos e econômicos. (COELHO, 2006).

Nota de transcrição da carta 6/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 139/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, datiloscritas.

Carta 6

20/01/68

Cosette,

Imagine em que situação encontrei minha casa! Tudo à espera de minhas providências: cozinha nova, matrículas dos meninos por fazer, nada na geladeira, serviço acumulado do suplemento, contas a pagar, enfim todos êsses pequenos e aborrecidos expedientes de uma dona-de-casa os dois primeiros dias, passei-os a acertar as coisas e só agora acho um tempinho para cumprir o dever de agradecer-lhe as inúmeras gentilezas que teve para comigo. Saí daí preocupada com Milinha²⁹ e desejo que me envie notícias dela, embora me pareça que ela estava antes aborrecida e nervosa do que mesmo doente. Em todo o caso, a febre não era brincadeira e não sei como você resolveu tudo por aí, sozinha. Conte-me, sim?

Amanhã, apenas, devo receber o mês de novembro. Então, providenciarei imediatamente o depósito no Banco do Estado em seu nome, do dinheiro que você – mais uma vez – generosamente me cedeu aí, para que eu trouxesse qualquer coisinha para o aniversário do meu Affonso, dia 19.

Terei de ficar lhe agradecendo, ainda, e sempre.

Murilo Rubião logo apareceu aqui em casa, afobado, para saber se eu cumprira bem as suas determinações: felizmente, estava tudo certo, com a resposta negativa embora do Drummond, mas a colaboração amável do Rodrigo Melo Franco. Agora, tenho de dar ordem e terminar o suplemento relativo ao Affonso e Arinos, faltando ainda as fotografias, que o Rodrigo ficou de enviar-nos depois.

Não sei qual a impressão que você teve de mim de nós, da nossa família: talvez pouco favorável. Não me sinto bem nesse calor sufocante, opressivo e humilhante do Rio. Estava bem nervosa, por ter deixado os meninos sòzinhos, sem uma cozinha. De mais a mais, como lhe dissera antes, não sou boa de conversa, preferindo-me epistolar, onde me realizo melhor. Zilah também estava agitada, depois de uma viagem que teve seus altos e baixos, talvez mais baixos, pois não conseguiu libertar-se das preocupações familiares, ela que é a dona, a senhora da família, a cabeça-pensante, a que resolve tudo, a que tomou a sí a responsabilidade

de guiar-nos e guindar-nos para cima. Maria Lysia também deve ter-lhe parecido displicente – e o é, por temperamento e decisão. Nada lhe importa na vida senão viver com simplicidade e com um enorme amor pela família: quanto a si, dispensa-se de tudo, desde roupa à alimentação, desde o dinheiro à mínima ambição de melhoria. Aliás, é bem a preferida da casa, como o fora meu irmão Cícero, em tudo semelhante a ela, cuja ausência nunca aceitaremos, senão em parte, através da visão dele que temos por ela.

Enfim, isto não é problema. Acontece que realmente as pessoas sempre nos decepcionam quando vistas muito de perto. Especialmente se não são douradas ou veladas por um grosso verniz de carinho. Desculpe-nos.

Tentei ontem comunicar-me com a Regina. Ela não podia atender ao telefone, mandando dizer-me que entraria em contato comigo hoje. Espero.

Os amigos sempre esperam e compreendem. Gosto demais dela e sinto não poder oferecer-lhe nada mais que a minha tósca presença.

Murilo deverá submeter-se a uma operação na próxima semana. Prefere resolver a coisa drasticamente, a ficar “maneirando”, como vinha fazendo até agora. Realmente, se tudo der certo, será ótimo. Excelente criatura, sua doença também nos afeta e estamos todos aflitos por vê-lo livre dela.

Embora você não seja grande amiga do cinema, não deixe de assistir, quando chegar a J. Fóra, o filme do Ingmar Bergman de que lhe falei: “Persona” – ou na péssima tradução brasileira – “Quando duas mulheres pecam” (título estúpido, pois não há nenhum sinal de pecado na estória...)

É um belíssimo estudo da pessoa humana, que não ousa tirar a máscara, que se fecha para o mundo, para tudo, e de outra que se oferece, se dá loucamente, ansiosa por uma abertura, por um encontro. Você verá.

Encontro-me atolada de livros por ler, comentar escrever sobre. Não sei por onde começar. Começo, acertando a correspondência. Depois, veremos. E o Affonso Arinos desabando em cima de mim...Ó deuses, como exclama sempre a Maria Lysia.

Muito, muito grata por tudo. Desculpe-me esta descosida. Você há de perdoar-me mais isto.

Rio de Janeiro...em janeiro, nunca mais! É de enlouquecer uma provinciana!

Até breve Laís

²⁹ O conteúdo da missiva permite inferir que seja Emília de Alencar, irmã de Gilberto de Alencar.

Nota de transcrição da carta 7/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 140/2010

A dimensão do documento é de 19 cm de largura x 25,9 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, papel timbre do suplemento literário de Minas Gerais com endereço; Av. Augusto de Lima, 270; Belo Horizonte, manuscrita.

Carta 7

Belo Horizonte, 4 de Fevereiro de 1968

Cosette,

Não gosto de escrever à mão, porque minha letra nem é bonita, nem fácil de ler. Entretanto a fita de minha máquina está tão gasta, que não vale a pena usá-la. Portanto, tente ler-me assim mesmo! Preocupa-me não ter você informado nada sobre o dinheiro que lhe mandei pelo Banco do estado, no dia 22 de janeiro, conforme talão de recibo em meu poder. Disseram-me, no banco, que a mesma era rápida. Peço-lhe informar-me a respeito, para que, se necessário, eu faça reclamação ao banco. Assunto de dinheiro é, como êle mesmo, nojento. No entanto, gosto de manter as coisas em ordem e não quero abusar de sua complacência ou displicência para com o vil – mas indispensável – metal.

Ontem, tivemos a festa de lançamento do número especial do S. L dedicado á gente nova³⁰. Os rapazes e moças estavam contentes, especialmente pela atenção que lhes foi dispensada também pelos “velhos”, como o Ayres, Emílio Moura, Bueno de Riviera, Henriqueta Lisboa, nosso amigo Frieiro e outros. Aliás, uma das minhas admirações pelo Frieiro é justamente essa “abertura” para tudo o que é novo. Disse-me que só acredita na juventude, capaz, pela vitalidade e reação ao ultrapassado, de mudar a mentalidade estratificada do nosso país. Acompanha, examina, não critica apenas por “não compreender”, gratuitamente, estimula e, continua, quase adere, se não fosse a idade e o desânimo usuais de seu cético temperamento. Aproveitei a oportunidade para perguntar-lhe pelo seu livro³¹. Com linhas gerais, o que me disse é que o livro é bom, naturalmente bem escrito, lembrando-lhe a prosa de Gilberto de Alencar. As restrições que faz são mínimas: o romance é intimista e, portanto, mais fechado, e uma, de ordem pessoal, porque não aprecia mais a literatura de ficção – em termos, isto é, há muito não lê romance, razão por que pode estar “atrasado” ou afastado das novas concepções do gênero. Disse-me que você tem pouca confiança na própria literatura, o que não é justo – e que acha bom que publique o livro. Vai escrever-lhe sobre. A impressão que tive foi,

assim, muito boa.

Realmente, os dias no Rio não nos deixam um contato mais completo, seja pelo calor (é o próprio inferno!) seja pela aflição das coisas a fazer e a curiosidade por estar com a Zilah de novo. Mas [ilegível] não é ruim, o teu apartamento é ótimo, é vantagem alugar o apartamento, que lhe dará lucro e possibilitará a realização de seu sonho de nova casa em Juiz de Fora. Há muito tempo, Zilah faz cartas e tenta adquirir, pela Caixa Econômica, um apartamento para Maria Lygia, lá. Mas o negócio não é fácil, porque ela tem inúmeros problemas financeiros aqui. Mas, se Deus quiser (você é cética, eu creio um pouco, sem muita convicção embora, numa ajuda “de cima”), ainda chegaremos a isto.

Fiquei muito penalizada com a Milinha. Pareceu-me insegura, melancólica e “despaixada” no Rio.

Naturalmente, em casa, há de ter melhorado logo. Pode, se quiser, tomar diariamente, um comprimido do Librax, o remédio que compramos no Rio. Ajuda-me muito, no cansaço do dia-a-dia, com tantos altos e baixos do meu temperamento de “peixe”. As moçoilas, ficaram por lá, voltaram? Achei-as muito agradáveis também.

Murilo não se submeteu ainda à operação. Os médicos opinaram por um adiamento e observação. Mas acho-o bem melhor e cheio de planos, o que é excelente. Quanto à Regina, telefonei, pedindo autorização para visitá-la. Ficaram de telefonar-me no dia seguinte, dando-me a resposta dela. E até hoje... nada! Não entendo. Regina parecia gostar de mim e, no entanto, nada me escreveu, quando lhe mandei meu livro, agora não quer me ver... Alguma coisa deve perturbá-la, algo que imagino e relaciona comigo, numa impressão... ou uma palavra que me tenha escapado deve tê-la ferido... Que pena! Jamais pensei em ferí-la ou afastar-me dela. Mas o jeito é ficar discretamente distante. Diante disso, nem eu, nem Murilo (combinávamos de ir lá juntos) estivemos com ela.

Você leu o livro de Eugenio Gomes, sobre Dom Casmurro³². Chama-se “O enigma de Capitú e é uma análise minuciosa, bastante completa, sobre o mestre Machado. Gostei muito. Se quiser lê-lo, diga-me: será bom poder mandar-lhe uma lembrança. Por que nunca me pede nada? E quando virá aqui, afinal?

Abraços de Laís

- Gostei muito, também de “As belas imagens” de Beavouir. Quer?

Texto escrito no verso da correspondência.

A outra carta seguiu p/rua Marechal Floriano!
Confundi os marechais
Você recebeu

³⁰ O Suplemento literário dedicou um número especial aos novos em cena, organizado por Laís Corrêa de Araújo, publicado em Janeiro de 1968, número 74. Artigo publicado por Luís Gonzaga Vieira com o título **Aparte a literatura dos novos**. (VIEIRA, 1968) (ANEXO J)

³¹ O livro que Laís se refere é o romance de Cosette de Alencar, **Diário de Ana** uma autobiografia ficcional, onde autora e personagem se assemelham, os fatos narrados correspondem à vivência de duas mulheres envolvidas com a literatura. **O Diário de Ana** foi publicado nas páginas do **Diário Mercantil** no Suplemento Dominical de 1966 a 1967. (ROSA, 2013).

³² Eugênio Gomes nasceu na Bahia em 1897 e morreu no Rio de Janeiro em 1972. Escritor e crítico literário brasileiro, publicou as obras **Moema**, poesia (1928), **Influências inglesas** em Machado de Assis, crítica (1939), **O enigma de Capitu** crítica (1968). O suplemento literário dedicou um número especial a Eugênio Gomes organizado por Laís Corrêa publicado em março de 1968, número 81, na coluna Roda Gigante com o título **Eugênio Gomes e enigma de Capitu** uma obra que até hoje deixa o leitor em dúvida sobre o real adultério da esposa de Bentinho. (ARAÚJO, 1968) (ANEXO K)

Nota de transcrição da carta 8/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 141/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento;
não possui pautas; na cor rosa, datiloscritas.

Carta 8

7/03/68

Cosette,

não é que eu deteste cozinha, mas porque ela nos toma todo o tempo possível, que me desorienta ficar sem empregada. Imagine que, logo na volta do Rio, encontrei uma aqui, um pedaço de mulher bonita, porém boa de serviço também. No entanto, dias depois, ela foi “raptada” por uma família, onde já trabalhara antes. Vieram aqui, num carro alinhadíssimo, carregaram a moça enquanto eu estava absorvida no escritório, sem que eu percebesse.

A dificuldade de se conseguir empregada é tal, que os métodos mais estranhos são usados...ví-me, de repente, enfiada naquele que eu chamo “serviço de doido”, não que seja ruim em si, mas porque nunca termina: faz-se o café, etc, acaba-se de lavar a louça e por tudo em ordem, começa-se a sujar tudo de novo para o almoço, acaba-se o almoço, lava-se tudo, começa o lanche, acaba este lava-se tudo, começa o jantar, acaba-se este, lava-se tudo, começa a sujeira a varejo, um copo, um prato de doce, etc, etc! Isto quer dizer que não pude senão ficar de umbigo pregado no fogão durante não sei quanto tempo! Finalmente, agora arranjei empregada, porém ainda muito chucra, exigindo-me perto. Mesmo assim, melhor que nada, e já posso responder sua carta...

Vamos ver se coloco as coisas em ordem. Devo, primeiro, agradecer (como sempre!) por ter “salvo” o Wagner, meu sobrinho, aí no jornal. Contou-me êle, em carta, que a página que organiza estava para ser suprimida, mas que você prontificou-se (ou lançou-se) a defendê-lo, evitando que o seu trabalhinho, cheio de idealismo, morresse no nascedouro. Uma atitude das mais simpáticas, em defesa da juventude incandescente, louca para assumir um lugar no mundo, com tôda a ânsia e a esperança de 18 anos. Também foi o Wagner a mandar-me sua crônica sobre o “poder jovem”, a contar-nos que você também sabe respeitar (com condescendência e carinho) êsses rapazes e moças que, de qualquer forma, sempre nos trazem algo de novo, de vibrante, de confiança na literatura como forma de expressar-se ao

mundo como o sentem. Aliás, estive novamente com o Frieiro, um dos grandes incentivadores, embora sua discricção e medida, da gente nova, que os defende a todo custo, certo de que só dêles pode partir (mais tarde, ficarão 2 ou 3, os realmente aptos) uma verdade, uma contribuição, uma presença viva.

(Um parêntesis: estou escrevendo pior à máquina, creio porque a mão ainda está áspera do trabalho de cozinha. Desculpe).

Com tudo isto, é claro que minhas leituras estão em ponto morto.

Fora a obrigação do jornal, nada mais lí ou fiz de agradável. O jornal absorve-me demais (aliás, é o chefão Murilo demasiado absorvente e exigente, de tal forma simpática que concordo com tudo, e vou trabalhando, trabalhando...) e não me deixa muito do ócio necessário para a função que acho deliciosa: a de “consumidora” de livros e não de “pseudo-escritora”, como me vejo com muita clareza, sem nenhuma ilusão. Embora receba grande correspondência (sempre elogiava, às vêzes com convites para “encontros literários”, como um de agora, de Goiania), sei que o meu trabalho só é válido porque serve aos intelectuais, fazendo-lhes a propaganda. Minha auto-crítica é feroz e não condescendente como a crítica aos outros, vivendo eu à custa da ligação umbilical com o jornal: acabando-se este, acaba a Laís... Aliás, últimamente, venho construindo, com pertinácia, uma filosofia de vida baseada na aceitação e na humildade, para curar-me daquela antiga ilusão de que eu “tinha algo a dizer”

Não tenho. Quase ninguém tem. Talvez o tempo não seja “de dizer”, mas de “fazer”, para o que também (e mais ainda) me falta aptidão. Parece-me que eu daria uma boa “contemplativa”, uma monja descalça, qualquer coisa que me exigisse o mínimo de esforço físico e um esforço mental rarefeito, gustativo e sem exigências. Enfim, o homem põe e a vida exige, e eis-me a trabalhar sem saber por quê, para que.

Gostei de ver como você está se conectando com as novas formas literárias, o “nouveau-roman”³³ que, com alguns exageros e erros, tem muito positivo, na substituição do universo esquematizado do romance tradicional por um outro, em que as coisas e os sêres têm uma existência mais limpa, no sentido de antes suscitar do que mostrar, de criar uma outra linguagem, menos onisciente talvez, mas refletindo esse nosso tempo inquieto, inseguro, e personalizado. Algumas obras chegam a nos irritar, pelo seu insólito às vêzes insosso, mas outras são realmente boas, como algumas do Butor, o “Moderato Cantabile”, da Marguerite Duras, “O

Ciúme”, do Robber – Grillet, etc, etc. Quanto a essa nova escritora de que você me fala, ainda não me “encontrei” com ela, mas vou procurá-la, tão logo tenha tempo, nas livrarias. Aliás, a minha primeira saída de casa (depois de matricular os meninos) será para comprar-lhe o livro de Simone de Beauvoir³⁴ e procurar Catherine Claude³⁵. Leio o francês, mas não sem um pouco de esforço de atenção, em todo o caso vou mesmo procurar a moça, sua “recomendada”.

Quanto à Regina...ficamos eu e Murilo sem saber o que fazer, o que quer dizer que não fizemos nada. Nenhuma resposta, portanto o jeito foi, ficarmos quietos em nossa insignificância.

Vamos ver em que pé fica a publicação do seu livro. Você fala vagamente no assunto, mas nada me diz de objetivo: onde, quando, como publicará. Enfim, é a tal história com que o Affonso convenceu-me a publicar o meu: está aí, pronto, acabado, não há razão para que fique dentro da barriga, como um filho que nunca chegasse à délivrance³⁶. O jeito é botar para fora, deixá-lo assumir o seu destino, mesmo que a gente preveja que seja um destino humilde, inglório, irrelevante (falo, naturalmente, com a minha perspectiva, tomando o meu caso como exemplo, não o seu, é lógico, já que não conheço o seu trabalho). No seu caso, você conta com a opinião de uma pessoa de alto gabarito, como é o Frieiro, enquanto eu contava apenas com o amor de Affonso...

No mais, é esta vidinha. Muito movimento, pouco resultado. Acho que a felicidade está no ignorar, ignorar tudo, ignorar o que está além do nariz, do corpo. Que inveja tenho dêsses belos animais que vejo pela rua, com suas mini-saias, suas pernas longas, seu rosto pintado e vazio, vazio, vazio... por que nos ensinam coisas? Por isso, pouco me importo e jamais forcei os meus filhos a lerem qualquer coisa, e alguns se mostram bastante ignorantes e terrivelmente contentes!

Até breve, Laís

³³ *nouveau-roman*: novo romance que difere dos modelos tradicionais literários cujos autores estão sempre renovando a cada obra. (AVOLIO, 2016).

³⁴ Simone de Beauvoir escritora, ativista política feminista, filósofa existencialista e teórica social francesa. Escreveu romance, ensaio, biografias, autobiografias. Conhecida por seu tratado, **O Segundo Sexo**, publicada em 1949. A obra retrata a

questão da identidade feminina considerada no contexto social, econômico e cultural e faz uma análise do papel da mulher na sociedade e como ela é excluída. (FRAZÃO, c2000).

³⁵ Catherine Claude informação não foi localizada pela pesquisadora.

³⁶ Laís demonstra ansia e questiona por que não publicou seu livro e compara este questionamento com um parto, no sentido de fazer nascer sua obra para, então, publicá-la.

Nota de transcrição da carta 9/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 142/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor rosa, datiloscrita.

Carta 9

13-3-68

Cosette,

puxa, que êste negócio de funcionamento doméstico aqui em casa está a pedir urgente uma benzedura! Desde o princípio do ano, as empregadas se sucedem, numa rapidez espantosa. Uma semana, 10 dias, é o máximo. De tal forma que tive de aceitar finalmente uma cozinheira – boazinha, simpática – mas grávida (o que significa também pouco tempo em casa). E agora são as lavadeiras: onde estão aquelas gordas senhoras que lavavam e engomavam? Não sei. A que chegou ontem, mandarei embora hoje: nunca viu um ferro na vida. Para acumular, há mais de quinze dias a “vietcong” me derrubou (esse apelido da gripe até me parece simpático, mas ela tem mesmo as características violentas daquele povo: ataca e mata, dizem). É que ninguém me mata assim fácil. Tenho muita carne para me escorar...Hoje, ainda no tosse-tosse, já aguento porém recomeçar o serviço: suplemento, consêrto de roupas, passagem, compras, observar exercício dos meninos, varrer, estender...

Certamente houve um engano meu ao casar-me: quanta coisa traz consigo aquêlê amor doce-doce...que caiu no laço, embaraçou-se! Sou inepta, inapta, à domesticidade: vontade minha era passar o dia atôa, atôa, que nem a andorinha de Manuel Bandeira³⁷!

por isso, só hoje à tarde abalarei a sair de casa, móde comprar o livro que lhe devo. E outras urgentíssimas coisas, deixadas de lado pelas contingências. De repente, me lembrei: você, que ainda parece entusiasmada com o livro da moça, Ciel Blanc³⁸ por que não escreve qualquer coisa a respeito e não nos manda, para publicar no Suplemento? Verdade, você que é tão lúcida na apreensão da verdade literária, se fecha aí só em J. Fora, deixando de ajudar-nos a todos, leitores, com sua opinião.

2,3 páginas, será muito trabalho, para quem agora se confessa em pleno gozo da lúdica e fecunda ociosidade? Já é ser pouco amiga...

imagine: quase lhe escreví, fazendo-lhe também proposta comercial.

Como sabia que v. ia desmontar o apartamento da R. Pompéia, pensei propor-lhe a compra de alguma coisa de lá (especialmente sofá-cama) para a Maria Lysia, agora sua quase vizinha. Na verdade, como lhe disse antes, a Zilah chegando resolveria tudo, como resolve (não me canso de admirar a coragem masculina dela, de enfrentar papéis, bancos, dívidas!) e assim tratou logo de adquirir a desejada toca pra Lysia. “Toca”, no sentido exato: o apartamento, além do apartamento, é subterrâneo, se se pode dizer assim. É o que dizem, não sei quando poderei constatá-lo. Pequeno e térreo. Mas, para a Lysia, o próprio céu, já que você percebeu bem) ela só funciona em relação à família e agora sabe que tem um cantinho para onde podemos ir. Meu irmão já foi – e ela teve um alegrão. Dormiram primeiro no chão; agora já comprou uma cama e alguns utensílios mais urgentes. E, assim, corajosamente, Zilah a instalou na beirada da Rua Raul Pompéia, na esquina frente àquele parque infantil. Uma autêntica proeza, a compra. Mas a opinião geral é de que vale o preço.

penso em você, desfazendo coisas que criou com tanto (parece) carinho: é um tempo que se fecha atrás da gente. Eu, que sou, ou me considero, altamente generosa, não boto fora nada meu, tudo me chega com tanta dificuldade que me agarro às pequeninas coisas, como troféus de vitória: um prato, um lenço, uma cadeira perneta. Prefiro comprar outras para dar, do que me desfazer dos velhos amores... E você, o que fez de todas aquelas coisas? Mas tem casa grande, pode guardá-las para um depois, um talvez.

Assim como o apartamento: alugue-o, está certo, já que o usa tão pouco.

Mas desfazer-se dele.eu choraria muito com você, por você. Seu irmão encontrará logo outro – não é difícil, para quem tem o “tutu”. Zilah pendurou-se na Caixa Econômica, o que é complicadíssimo. Mas êle achará logo um canto bom, naquele lugar sempre de sonho pros desamparados mineiros enfiados nas montanhas.

Eu é que ainda não adquiri os direitos de amizade de ler o seu livro! Lerei quando publicado? Nesta conversa daqui pra lá, de lá pra cá, eu mesma não faço idéia do que seja: Frieiro me falou bem dele, você me conta outras honrosas opiniões. E, no entanto, só posso, eu mesma, criar o Sinval³⁹: um introspectivo, um cético, um homem mergulhado na “nausée” do mundo, um descobridor das miúdas e escondidas belezas cotidianas, um aventureiro do nada, um misóforo, um provinciano a viajar em torno de seu quarto? São dados que colho – de quê? –

talvez de algumas mínimas insinuações suas, que não me dão nenhuma perspectiva de descoberta real do livro. Tudo é tão misterioso na criação! Conheço-a tão pouco, para fazer-me uma estrutura da obra, e o escritor se revela, se esconde, disfarça, transpõe, recria, tapeando a nós leitores com suas palavras nunca dicionarizadas! Espero, com humildade, a edição. Problema este, sim, mais complicado talvez do que criar. Pelo menos para as de nosso tipo, que não suportam exhibir-se, pavonear-se, contactar, para obter o “imprimatur” oficial. “sangue nas veias” é um título excelente, outra coceira a me fazer virar a imaginação, depois dêsse misterioso “Giroflê, Giroflá”

Quanto à Regina, não sei bem o que pensar, parece ter me aliado de sua sensibilidade. O que talvez seja bom, para ela. Não sou boa companhia, eu também desajeitada para demonstrar carinho. Mas amo-a muito, à distância e com o maior respeito pelas suas penas, tão maiores que tôdas as nossas. Sempre que puder, dê-me notícias, uma pobre forma de participação, é claro, mas a que é possível.

O que me atrapalha no francês é que tenho muita preguiça de recorrer a dicionários. Leio rapidamente demais, por força de hábito e circunstância. Ora, o francês, manuseado por mim com raridade, apresenta alguns problemas de compreensão: mas a minha preguiça me faz passar por cima do que não entendi – e assim perco muita coisa certamente importante dos livros. Não tenho a menor formação erudita, estudei pouco e mal, de onde preferir o caminho fácil da tradução. O que não quer dizer que não leia: mesmo o da Simone, eu já lera no original. É mesmo a falta de tempo, a correria, que me força a ler mais em português, com a coisa entrando rápido, sem me exigir maior atenção. Como tenho de ler livros e livros em função do serviço da R.G., prefiro o vernáculo. Mas terei prazer em ler o “Ciel Blanc”, já que você me faz tanta curiosidade. É que será cacete para você enviá-lo, pode perder-se, etc. Quem sabe quando eu for a J. Fora? Pretendo ir o mais breve possível, tão logo a “domesticidade” me permita uma folga sem preocupações.

Não, minha cara, desculpe-me, mas os lidos animais pernilongos não têm nenhuma angústia sartreana⁴⁰, desconhecem o absurdo da vida, não se torturam com indagações metafísicas, não sabem o que é a luta atrás do verbo certo: deixam isto para os feios. Vivem apenas, animaismente, saudavelmente. Continuarei a invejá-los e daria todo o meu reino de palavras por um lindo rostinho estúpido... Desculpe-me tanta tolice.

Sua Laís.

³⁷ E evidente o lamento de Laís quanto ao casamento e se lembra dos momentos de amor doce amor que outrora foram vividos e que marcaram sua vida e hoje, porém, sente vontade de viver livre sem compromisso e sem culpa.

³⁸ Informação não localizada pela pesquisadora.

³⁹ Segundo a pesquisadora Rita de Cássia Viana Rosa, o livro chamava **Memórias de Sinval Vilaflor** enquanto Cosette rascunhava e depois de pronto, foi rebatizado de Sinval quando foi indicado ao Prêmio Walmap em 1969. Seus amigos, Nelson de Faria e Eduardo Frieiro, em troca de correspondência com a escritora, sugeriram a troca do nome do livro para **Giroflê, Giroflá**. (ROSA, 2013).

⁴⁰ Laís cita a forma como os animais irracionais agem e não são impulsionados à angústia sartreana que é a concepção de liberdade defendida pelo filósofo Jean Paul Sartre. Para ele, o homem é livre em suas escolhas e vai depender de suas ações e sua intencionalidade para utilizar a razão. Laís sente inveja dos animais e lamenta não ser como eles que vivem num mundo sem indagações, interrogações e questionamentos. (SARTRE..., 2008).

Nota de transcrição da carta 10/19 LCA a CA, 1967 a 1968.

MAMM 143/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, datiloscrita.

Carta 10

26.3.68

Cosette,

estou inteiramente perturbada, magoada comigo mesma, por ter sido eu a dar-lhe a terrível notícia. Peço-lhe mil perdões, pois a minha intenção era apenas levar-lhe uma palavra – se palavra houvesse – de consôlo, na suposição de que você já sabia de tudo, já que o fato ocorreu ontem e não hoje. Não supús que fôsse eu a causar-lhe tristeza, a levá-la pelos caminhos escuros da tristeza e dor. Não sei que fazer, como desculpar-me, num momento dêesses, que conturba sua vida, suas esperanças, sua confiança no mundo.

eu também estou me sentindo estranha, embora minhas ligações com o Nelson⁴¹ fossem muito tênues. Mas êle me comoveu profundamente, quando ante-ontem me telefonou, cheio de cuidados, porque queria que Affonso entrasse no concurso de livros de ensaios instituído pela Academia.

Disse-me: “fizemos o regulamento do concurso quase que só pensando no Affonso, pois é o livro dêle que se encaixa bem aí, por isso êle não pode deixar de entrar: será uma vitória certa.” Expliquei-lhe que Affonso, ocupadíssimo com serviços extras, nem soubera direito do prêmio, não se preocupara com isso... Mas o Nelson queria de qualquer jeito que êle entrasse, embora fôsse um pouco “em cima da hora”. Disse-me depois que viera ligeiramente a Belo Horizonte, apenas para verificar isso, do prêmio, e para assistir ao casamento de uma sobrinha, hoje.

Eu brinquei com êle: “isso é que é vida boa... o tempo todo na fazenda, perto das coisas que você gosta, podendo escrever...” E êle confirmou: “realmente, eu quero apenas isso, agora: ficar perto da terra, dos bichos, da gente simples”. Enfim, falei em você e êle disse que: “tenho um grande carinho por ela...”.

ontem à noite, na casa de Zilah, eu comentava justamente com ela o interesse do Nelson pelo Affonso, a nossa conversa no telefone (o que acontecia raramente), quando, logo em seguida, nossa sobrinha chega da rua contando-nos tudo. Ela saiu logo para ir à casa da família. Eu não quis ir, pois não conhecia a

família, e não me interessava vê-lo assim.

quando telefonei hoje, pensei que você já soubesse de tudo, pois o fato ocorreu ontem de tarde. Supus que alguém, algum dos companheiros dele e também seu amigo, lhe tivesse avisado. Portanto, quero que me desculpe o ter feito eu o papel de ave agoureira, quando meu desejo era apenas dizer que eu participava com você da tristeza do momento, sentia profundamente a sua angústia, queria que você aceitasse a minha presença ao seu lado neste instante.

Nem consigo escrever agora. Mil, mil vezes desculpe-me. E escreva-me logo, para que eu não fique sob o peso do remorso, a culpar-me pelo seu sofrimento.

Depois, escrevo com calma. Não consigo mesmo fazê-lo agora.

Todo o carinho da Laís

⁴¹ Nelson Soares de Faria nasceu em 29 de abril 1902 no arraial de Fortaleza, hoje município de Pedra azul, nordeste do sertão mineiro e faleceu em 25 de março de 1968. Bacharel em Direito, publicou versos, contos e crônicas. Fundou o jornal **Footing**, com ajuda de Ageu Pio Sobrinho e Clemente Medrado com a colaboração de Abgar Renault, Djalma Andrade, Carlos Drummond de Andrade e outros. Recebeu o prêmio literário pelo conto **Nas capoeiras**, ganhando o segundo lugar no concurso literário promovido pelo **O jornal**, do Rio de Janeiro, publicado em 1922 nesse periódico. Sempre escreveu para jornais e revistas assinando com pseudônimos seus contos sertanejos, poemas e artigos. Em 1959, participou do Concurso Permanentes de Contos, organizado pelo jornal Estado de Minas obtendo prêmios. Obras publicadas **Tiziu**, em 1960, composto por 10 histórias sertanejas, livro aprovado pelos críticos. **Tiziu** reapareceu em segunda edição com o título **Tiziu e outras estórias** sendo acrescido de mais 8 novos contos, também relativos ao meio rural e sertanejo. Outras obras **Cabeça torta**, em 1963, com o qual obteve o **Prêmio João Alphonsus** da Secretaria da Educação de Minas Gerais. **Bazé: estórias sertanejas**, 1965. Em 1961, foi eleito para a Academia Mineira de Letras, e, em junho do mesmo ano, recebeu nesta instituição, o **Prêmio Afonso Arinos**, concedido ao livro de estreia. Nelson de Faria era um grande amigo da escritora Cosette de Alencar (DUARTE, 2010).

Nota de transcrição da carta 11/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 144/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com faixa vertical amarelada, datiloscritas, um recorte de jornal da Academia Mineira de Letras em homenagem à memória de Nelson de Faria.

Carta 11

Belo Horizonte, 31.3.68

Cosette,

não me posso perdoar – e sinto que você também nunca me perdoará - o ter sido eu a dar-lhe aquela triste notícia. Já lhe pedi desculpas: hei de repetí-las sempre, numa tentativa inútil de poupar-me os remorsos pelo que fiz.

Não fui ver o Nelson – como já lhe dissera antes, não havia entre nós uma intimidade maior, apenas encontros ocasionais. Porém, por uma dessas coincidências (ou “adivinhações” dêle), na véspera telefonara para cá. O motivo foi o concurso instituído pela Academia, para livros de ensaio: queria saber por que Affonso não se inscrevera. Disse-lhe que Affonso não o fizera, por já ter recebido uma vez o Prêmio Cidade Belo Horizonte, pelo livro. Não achava justo concorrer (e, como era bem possível, ganhar) prejudicando outros escritores, mais jovens, sempre com poucas oportunidades. Nelson protestou: que o concurso era concurso, se houvesse alguém melhor, ganharia. Mas não havia: o prêmio, disse, desde a sua regulamentação, se adequava perfeitamente ao Affonso⁴².

Que já se esgotara o prazo, mas êle, Nelson, pedira uma prorrogação, especialmente para o Affonso poder entrar. Affonso não achou certo, recusou-se. Nelson explicava que nada havia de desonesto no caso: era apenas uma questão de aproveitar-se o prêmio que, com os concorrentes que havia, não seria dado; assim, a importância do mesmo voltaria aos cofres da Academia, quando poderia ser aproveitada. Apesar de tôda a argumentação dêle, conduzida com muito carinho e interêsse, Affonso não voltou atrás, mantendo seu ponto de vista de que não deveria ganhar dois prêmios, no mesmo lugar, por um só livro. A conversa foi comigo, eu servindo de intermediária. Ainda me disse: “você, que é esposa, tem um jeitinho, certamente, de convencer o Affonso. Faça isso. Os escrúpulos de Affonso parecem-me exagerados, se eu lhe digo que a comissão não vai mesmo dar o prêmio a ninguém”. Perguntei-lhe então por que viera a Belo Horizonte, êle que agora vivia

ilhado na sua fazenda. Disse-me que viera para assistir ao casamento de uma sobrinha (filha do Aluísio Faria, acho). Brinquei com êle: “agora você está com a vida que deseja...” apenas a terra e a literatura! Que felicidade, ein?” – “Não sei se sou feliz, disse, apenas tento viver um pouquinho como sempre quis...” Falei: “estive com a Cosette, ela me falou em você, com muito carinho.” “Eu também gosto muito dela. É uma excelente criatura.” Acrescentou: “diga à Zilah que telefonei insistentemente para ela, pelo aniversário, dia 20.

Mas não a encontrei em momento nenhum”. Expliquei-lhe que a Zilah “fugira”, pois detesta comemorações de aniversário, especialmente porque o aniversário dela é justamente no dia seguinte ao do aniversário de morte de meu irmão! “Coitada”, disse êle, “nunca se esquece do irmão, eu sei”. Mas quando a encontrar, diga-lhe que também não me esqueci do aniversário dela.” Despedi-me, prometendo dar uma resposta no outro dia sobre o caso do Affonso. E foi só.

Isto foi no domingo. Na segunda-feira, fui visitar uma amiga doente, com a Zilah. Falamos sôbre o Nelson, contei-lhe o caso do Affonso, Zilah disse que, realmente, êle nunca se esquecera do aniversário dela.

Acrescentou: “se êle está aqui, amanhã, depois do tal casamento, telefonarei para a casa dêle, para conversarmos um pouco”. Saímos. Chegando em casa, já à noite, a Zilah telefonou apavorada: “acabo de saber que o Nelson morreu”. E foi para a casa dêle. Ficou lá; voltou de manhã para o enterro. Eu não fui. Não gosto mesmo da morte, nunca a aceitei, nunca a compreendi. E, depois, eu não tinha quase ligação nenhuma com a família dele (a Zilah sim, conhece-os desde menina). Soube que êle estava no escritório, no Banco, mexendo com alguns papéis. Um rapaz foi levar-lhe qualquer coisa para assinar. Encontrou-o debruçado sobre os papéis. Percebeu algo estranho, gritou, vieram outras pessoas, chamaram médicos, etc, mas êle já estava morto. Diz a Zilah que, pela expressão dele, foi uma morte tranquila, sem barulho, sem dor, aceita com naturalidade. É o que repetem todos.

O que me deixou chocada foi a atitude dos sobrinhos dêle (que êle, Nelson, encaminhou, enriqueceu, etc), pois trataram de enterrá-lo rapidamente, para que êle não atrapalhasse o bellissimo casamento. Enterraram-no de manhã, fizeram o casamento à tarde, com magnífica recepção, segundo informaram as “colunas sociais”. Não fecharam o Banco (não podiam perder dinheiro, não é?). O casamento foi o acontecimento social do ano, chiquíssimo, de um requinte espantoso... E, segundo se comenta aquí, êles o “alijaram” do Banco, da participação no Banco, o

que o Nelson aceitou tranquilamente, pois pouco se importava com dinheiro. Diz a Zilah que êle parecia dizer aos sobrinhos, no caixão: “desculpem-me, não atrapalhem a festa por minha causa...”

E assim, tranquilamente, êle se foi, como viveu: sem alarde, sem pompas, sem orgulho. Foi mais ou menos o que disse na nota que sobre êle escrevi, no Suplemento.

A Academia, logo na quinta-feira, fez uma sessão “in memoriam”. Não sei se farão outra comemoração mais longa, pública. É o que vou apurar hoje mesmo e lhe direi. Telefonei agora, mas não encontrei ninguém. Tentarei novamente e ainda hoje lhe dou a resposta.

Nada lhe posso dizer sobre os seus terríveis pensamentos sôbre a estupidez da vida. Sei que é inútil, eu que já passei por transe assim. Por coincidência, estou lendo “O lobo da estepe”, de Hermann Hesse, um livro fabuloso: parece-me vê-la. Observe: “você trazia no íntimo uma imagem da vida, uma fé, uma exigência: estava disposto a feitos, a sofrimentos e sacrifícios, e logo aos poucos notou que o mundo não lhe pedia nenhuma ação, nenhum sacrifício nem algo semelhante; que a vida não é nenhum poema épico, com rasgos de heróis e coisas parecidas, mas um salão burguês, no qual se vive inteiramente feliz com comida e a bebida, o café e o tricô, o jôgo de cartas e a música de rádio. E quem aspira a outra coisa e traz em si o heróico e o belo, a veneração pelos grandes poetas ou pelos santos, não passa de um louco ou de um Quixote.” (...) “Quem quiser hoje viver e satisfazer-se com sua vida, não pode ser uma pessoa assim como você ou eu. Quem quiser música em vez de balbúrdia, alegria em vez de prazer, alma em vez de dinheiro, verdadeiro trabalho em vez de exploração, verdadeira paixão em vez de jôgo, não encontrará guarida neste belo mundo...”

Gostaria de lhe mandar o livro, se não o achasse tão amargo para o momento. Mas com um aviso: não se deixe transformar num lobo da estepe, solitário, duro, difícil, intratável. Ainda não terminei o livro, mas espero, ansiosa, por uma salvação, uma luz, uma claridade, que deve haver, que tem de haver certamente na vida.

Chame-se esta luz Nelson, pai, mãe, irmão, e ainda há algo que não apodreceu de todo, que é cálido e doce, que é próximo e macio, que nos permite esse mínimo de respiração no túnel escuro.

Abraço-a com carinho de sempre,

Laís

Obs: Nota nos marginalia esquerda

Não haverá propriamente sessão solene, in memoriam Nelson.

Mas a sessão comum do dia 4 - 4, será especialmente dedicada a êle⁴³. Laís

⁴² Affonso Ávila nasceu em 19 de Janeiro de 1928, em Belo Horizonte, poeta, crítico literário, ensaísta e especialista da estética barroca. Iniciou a carreira intelectual em 1950 como jornalista literário da seção **Tribuna das Letras**, no **Diário de Minas**. Fundou a revista **Vocação**, com Fábio Lucas, Rui Mourão, Ciro Siqueira e Laís Corrêa de Araújo também poeta com quem se casaria. Em 1953 publicou o primeiro livro de poesia **O açude, Sonetos da descoberta, Código de Minas e Poesia anterior** 1953, **Carta ao solo** 1961, **Carta sobre la usura** (trad.esp. de Angel Crespo, 1962, **Resíduos seiscentistas** em Minas 1967 dentre outras. Colaborou nos periódicos **Diário de Minas, Tendência e Estado de Minas**. Participou da campanha de JK para presidente, aproxima-se dos poetas concretistas de São Paulo ganhando prestígio. Em Belo Horizonte assume a direção do Jornal **Folha de Minas** e a função de editor do **Suplemento Dominical do Estado de Minas**. Publicação **Carta do solo** em 1961, **Frases-feitas**. A convite da reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais organizou a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, que teve enorme repercussão na mídia imprensa nacional. 1967 colaborou com a **Revista invenção** do grupo concretista. Em protesto aos ataques a poesia de vanguarda dos ano 1960 retirou a sua participação da I Bienal Nestlé de Literatura. Contribui[u] com projetos relacionados ao estudo e à conservação da cultura das cidades de Minas não apenas através da edição da revista Barroco, em 1969, como também na direção da Superintendência da Pesquisa e Tombamento do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG), em 1980. Homenageado em maio de 2008 pelo Café Literário, que destacou a importância de sua obra poética e dos estudos sobre o barroco mineiro contou com a participação do escritor Rui Mourão e da professora de literatura Melânia Silva de Aguiar. Na época o poeta autografou o livro **Homem ao termo: poesia reunida** (1949-2005). Recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia, em 1991, pelo livro **O visto e o imaginado**, e o Prêmio da Fundação Conrado Wessel de Arte, Ciência e Cultura de 2007. (DUARTE, 2010).

⁴³ Sessão especial do suplemento dedicado a Nelson Faria com título **Desaparece o escritor Nelson [de] Faria** p.2 número 83 março de 1968. O suplemento, nesta matéria, homenageia o contista Nelson de Faria que morreu no dia 25 de março de 1968 e lamenta a perda do grande incentivador, homem das letras, dedicado à cultura e a memória literária. Registrou-se o reconhecimento de seu trabalho por meio da Academia Mineira de Letras. (DESAPARECE..., 1968).

Nota de transcrição da carta 12/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 145/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com alguns pontos amarelados, datiloscritas.

Carta 12

16-04-68

Cosette,

hesitei entre ler primeiro o seu livro ou o de Gilberto de Alencar. Por respeito á idade, conceito, nome, acabei por iniciar a leitura das Memórias sem Malícia. Não sei se você precisa do seu livro com urgência, mas suponho tenha outra cópia em seu poder. Em todo o caso, vamos ás Memórias. É inteiramente diferente de tudo o que se lê agora, em um tempo convulsionado, e, que a literatura assume o risco de ser, ela também, convulsionada e dura. Depois de ter lido "O lobo da estepe", parece-me ter dado um salto de um pico isolado, áspero, batido por todos os ventos, para o remanso de uma colina bafejada por brisa mansa. No entanto, o choque não foi tanto: afinal, é um mistério, mas os dois livros são, de certa forma íntima e imperceptível, semelhantes. Ambos buscam reencontrar o tempo perdido, no fundo são românticos, ambos tratam de uma inadaptação ao mundo corrosivo de nossos dias. No livro de Hesse, o assunto é tratado com quase brutalidade, no de Gilberto de Alencar, há um clima de nostalgia cálida, "sem malícia". Desculpe as comparações, mas resultam da leitura quase simultânea das duas obras. No de Hesse, fica-nos a pergunta: há lugar em nosso tempo para o artista, para o homem sensível, para aquele em que ressoam ainda o som da beleza, da poesia? No de Gilberto há outra pergunta: o que significa o progresso, o dinheiro, a vitória de uma realização aparente? A linguagem de Gilberto é despojada, limpa, á maneira de Machado de Assis (e mesmo com algumas conotações de ironia, de humor, de vigilância atenta sôbre o mero sentimentalismo), a leitura decorre leve, impregnando-se com naturalidade ao seu tema, sem jamais forçar o tom, nem mesmo nos momentos trágicos (o encontro com Marta velha⁴⁴, a morte de José Camarão⁴⁵) resuma melancolia mas não o desespero. Há ainda a notar-se a perfeita ambientação, a maneira como nos leva a ver as cidadezinhas mineiras, a vida ronceira, o pacato e dolente dia-a-dia. Gostei bem mais da primeira parte do livro (infância e juventude) do que da segunda (maturidade), embora não haja nenhuma desigualdade flagrante no texto. A gente ama o Gude, o Jacobeu, e apenas se

apieda de Gudesteu casado, instalado, insatisfeito. Enfim, foi um prazer grande conhecer o escritor Gilberto de Alencar, e sua obra é certamente válida, bem feita, com um lugar garantido entre a nossa maior literatura intimista.

Quanto ao "Misael e Maria Rita", emprestei-o antes á minha irmã Lêda e espero que ela m'o devolva, para poder lê-lo. Aliás, nem êsse nem o seu livro posso ler agora, terei de pedir-lhe um pouco mais de tempo, pois estou mergulhada numa pilha de originais de livros infantís, que concorrem a um prêmio aqui, e de que sou uma das julgadoras. Como as pessoas se enganam pensando ser fácil escrever para crianças: É difícilimo. Tantos ingredientes são necessários: Um fulcro grande de interêsses, simpatia dos personagens, movimento e ação, fantasia e realidade bem dosadas, linguagens acessível mas sem "facilidades" que a tornem impura, um disfarçado aprendizado, etc,etc,etc: Não gostei, até agora, de nenhum dos livros que lí. Para ficar em paz com a minha consciência, tenho passado os trabalhos para os meus filhos, porque êles podem julgar melhor do que eu. E também êles ainda não "acharam graça" em quase nada. Vamos ver o que ainda poderei achar.

Entreguei ao Murilo a sua carta para Heloísa. Êle a encaminhou já, segundo me disse ontem. Quanto ás coisas do Nelson, será aquêle genro (que esteve na Academia e que, diz Murilo, é o que Nelson mais prezava) quem vai mexer nos papéis dêle. Porém, o que achar de correspondência pessoal, literatura, será entregue ao Murilo, para o exame dêste. Não sei se já começaram a fazer êsse trabalho. O que me diz a Zilah – e me surpreende – é que Nelson não deixou nenhuma fortuna. Diz a Zilah que sabe que êle, em vida, distribuiu a fazenda, doou á Academia uma grande parte de suas ações do Banco, que rendem mais cada ano, e terá deixado apenas outra parte de ações e a casa. Nem mesmo em inventário se fala, pois parece já estar tudo determinado (creio que êle quis evitar qualquer tipo de pendência, organizando tudo já em vida). A fabulosa herança é, assim, uma fábula. Não significa que propriamente dinheiro, mas patrimônio, o que – segundo me explica a Zilah - é assim como a gente ter muitas jóias: podem valer muito, mas não são transacionáveis, não são moeda sonante, para o momento.

E falar em jóia, conto-lhe que botei anúncio nos jornais e rádios, sôbre o seu relógio perdido. Dei meu enderêço, prometí boa recompensa. Nada...ou não há mais honestidade, ou as pessoas não mais lêem jornais e ouvem rádios. Acredito mais na primeira hipótese, infelizmente. Foi tempo e dinheiro perdido, também. Em todo o caso, era uma tentativa, pois fiquei penalizada com os sucessivos desastres que

você sofreu em Belo Horizonte: a bomba, a melancólica sessão da Academia, a perda do relógio... Puxa: você deve estar mesmo escaldada com nossa cidade...

Recebi, por intermédio do Wagner, meu sobrinho, as crônicas em que você conta os episódios (aliás, o Wagner sempre me manda suas crônicas, parece-me que não lhe falei disso). Estou envergonhada do papel feio que fiz, assustada com a minha própria sobrevivência... É que a gente de nossa família sempre morre de estalo, de enfarto, em plena mocidade, e eu senti que tinha chegado a minha hora. Foi de amargar mesmo. Ví quanto têm sofrido os estudantes, que são apenas jovens inconformados (e o que seria do mundo sem o inconformismo?) e que precisam gritar e protestar.

Saiu publicado no Estado de Minas o discurso de Vivaldi para o Nelson: Você viu? Aqui vai um recorte de Minas, em que se relata a sessão da Academia, anotando a sua presença. Todos me falaram, depois, que esperavam que você dissesse qualquer coisa lá, e foi uma decepção você ter se calado. Não percebem que, às vezes, as palavras não dizem nada, não são uma símile para o sentimento.

Naturalmente, você pode mandar-nos o ensaio sôbre a obra do Nelson.

Quando quiser.

E a casa? Já foi iniciada? Acho bom você começar a mexer logo nisso, porque além da necessidade e utilidade, você se absorverá completamente e se forçará a esquecer as mágoas e as peças que a vida nos prega.

Estou novamente na "fossa" em matéria de literatura: desiludida, cansada, desanimada, mesmo irritada. Uma das minhas ocasionais depressões.

Mas deixemos isto pra lá. Por enquanto, aqui fica o meu abraço, esperando sua resposta sôbre o seu livro: se precisa dêle aí, farei o impossível para lê-lo imediatamente; se não, peço-lhe aguardar um pouco.

Até breve, Laís

⁴⁴ Marta personagem do livro memórias sem malícia de Gudesteu. Amor platônico de Gudesteu. (SOUZA, 2013).

⁴⁵ José de Brito, o Camarão era o grande amigo e parceiro de Gudesteu o protagonista da obra e narrador da história. Filho de um comerciante que morava em Cataguases. José Brito o camarão morreu afogado no açude da fazenda. Gudesteu

ficou muito chateado, pois ficou sabendo de sua morte três dias após através da carta que recebeu. (SOUZA, 2013).

Nota de transcrição da carta 13/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 146/2010

A dimensão do documento é de 20 cm de largura x 25 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege papel timbre do suplemento literário com endereço; Av. Augusto de Lima, 270; Belo Horizonte; manchas amareladas na vertical lado esquerdo manuscrita caneta vermelha.

Carta 13

BHte, 23.5.68

Cosette

Apenas um bilhete, para desculpar-me, porque já estava há muito lhe devendo uma resposta. É que a gripe me pegou (de novo) na cama e não posso vir ao escritório que é muito frio. Repouso e repouso, recomendou-me o médico. Era desde o caso, o repouso levou para que eu lêsse o "Giroflê, giroflá" de que gostei bastante. Talvez um pouco excedido (no tamanho), um pouco mais meditativo do que perfeitamente ficcional, mas de leitura agradável, linguagem (como não podia deixar de ser) excelente. Aborda diretamente uma experiência, experiência de realidade que me pareceu (sua?) a sua mesma, emoções e fatos com tecidos e entre tecidos, é claro, por uma dose boa de imaginação. Permite-nos interpretar a sua atitude humana, seu depoimento o que conseguir dar um toque romanesco. A maneira de narrar é das mais simpáticas e objetivas, o estôfo de trivial é extremamente sensível, apesar da leve ironia com que busca refugiar-se do estéril cotidiano. O livro todo revela uma severidade de cuidados para consigo mesmo: respeito pela verdade, observação penetrante, pouca complacência, lucidez e equilíbrio.

Portanto, aqui vão muitos elogios, que me parecem cabíveis, embora eu ressalte, de novo, que o ficcional perde um pouco nessa estória que é sobretudo uma risada de frente, sem subterfúgios, da vida inteira, que forja a risada da vida social.

Não sei como lhe devolverei o livro. Talvez espere um portador pois tenho pouca confiança ao nosso Correio. Ou você me sugere outra coisa?

Não posso escrever mais, por cansaço e tremedeira. Dizem que esta gripe é "Costa e Silva"⁴⁶: - não piora, não melhora nem vai embora...sabedoria popular, bem adequada. Estou de molho e com o corpo e a mente entregue às baratas.

Até breve, logo que possa pensar com mais clareza.

⁴⁶ Costa e Silva foi presidente do Brasil em 1967 e após dois anos de seu mandato em 1969 foi acometido por uma forte gripe. Devido ao problema de saúde, foram canceladas todas as audiências e a imprensa anunciou que o Presidente tinha sido acometido por esta enfermidade. Daí, o nome gripe Costa e Silva. (FUNDAÇÃO, c2009).

Nota de transcrição da carta 14/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 147/2010

A dimensão do documento é de 20,4 cm de largura x 29 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege segunda folha rasgada na ponta a direita e na última folha rasgada na parte direita no final com alguns pontos amarelados, datiloscritas 4 documentos.

Carta 14

Belo Horizonte, 10. 6. 68

Cosette,

fui obrigada a trazer a minha máquina para a copa, onde o sol está batendo, pois o frio que sinto no meu escritório sombrio, gelado mesmo, não me anima a nada. Aliás, eu sempre detestei o inverno - mais do que as chuvas, que me deprimem. Todos alegam que no inverno sentem-se mais dispostos. Disposto como? A tremer, a querer ficar imóvel, enrolando em cobertores? Não é possível trabalhar assim e na verdade tudo o que eu faço normalmente teve agora uma queda de 80%. Custa a cumprir com a obrigação apenas. O resto, correspondência, minhas traduções, leituras, tudo está mal feito, corrido com predisposição negativista. Nada me parece bom nem desejável: vontade mesmo era de ficar como agora "quentando sol" e deixando a vida correr. É bem verdade que o dinheiro "remedeia" tudo: se houvesse, comprava um aquecedor de ambiente, que os há e dizem não ser muito caros. Ou houvesse nessa modernidade desconfortável o antigo fogão de lenha, poderíamos juntar brasas num panelão de ferro e fazer como no meu tempo de menina, num inverno passado em Bom Sucesso. Acho a vida muito mal organizada: para mim, só devia chover de meia noite às 6 da manhã, frio podia haver um pouco à noite, quando a gente está mesmo debaixo das cobertas, as camas deviam ser feitas de modo a não exigir mudança de roupa, arrumação diária, carne, pão e leite deviam vir em casa... e trabalho só quando a gente tivesse muita vontade mesmo de espanar o tédio. Para que passar 40,50,60 (é demais) anos na terra aflitos, correndo atrás de nada? Amor que é bom, quase sempre é proibido, comer engorda, ficar deitada é indecência...

mas deixemos de inúteis conversarias. Recebí sua carta e o artigo⁴⁷. Este, que está muito bom, muito equilibrado e sobretudo simpático, tem um defeito grave para nós: o tamanho. São 14 páginas datilografadas, o que equivale, em papel de jornal, a 3 páginas em tipo muito miúdo. Mandeí-o para o Murilo, que me disse para

lhe escrever, perguntando-lhe se pode partí-lo em dois, publicando uma parte num número e outra parte depois. É o único jeito, pois como o Suplemento tem muita matéria, é impossível dar três páginas para um só artigo. Desta forma, o que me cumpre fazer é esperar que você nos autorize essa solução. Fico aguardando sua resposta.

Suponho, e é o que vejo com meus olhos céticos- que o [ilegível] pobre do Nelson já esteja completamente esquecido de seus confrades: em figura e obra. Pelo menos, não vejo nenhum interêsse em se fazer qualquer coisa do resto de seu trabalho, nenhuma notícia sôbre o romance, nenhum comentário sôbre providências a respeito. Se for citado em alguma antologia escolar, será muito. E a Academia, especialmente, continuará suas tolas e estéreis reuniões, sem contar mais com o entusiasmo dêle - e sobretudo fôrça de sua fé na literatura. ----- C'est là vie⁴⁸ - ou melhor - c'est là mort⁴⁹...

Murilo está em Brasília, bem como Affonso (êste foi receber o Prêmio Nacional de Ensaio, pelos "Resíduos")⁵⁰. Desamparada estou, portanto, do chefe e do marido. Sem quem me obrigue a funcionar (Murilo) e sem quem me anime a continuar (Affonso). Entrego-me à moleza trazida pelo frio, que me impede mesmo de sequer imaginar Juiz de Fôra: tenho informações bem precisas de como anda a temperatura aí... O jeito é pensar nas férias que se aproximam, julho no Rio, onde o clima estará (espero, suponho) agradável. Também âquele calor de janeiro, nunca mais: Que exagêros neste Brasil. Estive por 5 dias em Pirapora, cinco excelentes dias, que me aliviaram da depressão advinda com a "margarida": beleza na paisagem (o rio São Francisco), limpeza na cidade, ar limpo, puro e temperado, muito peixe nos pratos, muito carinho sobretudo do povo, que nos tratou regiamente. Fomos julgar o 1º Festival de Poesia⁵¹ e tivemos bastante trabalho (havia 197 originais a ler), mas valeu a pena. Lamentei não ter levado maiô, pois não sabia que havia praias tão gostosas por lá. Prometi-me voltar, sem obrigações outras que vagabundear.

Estou preocupada com o seu livro, pois não tenho coragem de entregá-lo ao correio. Terei de esperar que meu irmão apareça, algum amigo, um portador de confiança. Será que vai atrapalhar algo para você? Ou já enviou os originais para o editor? Se precisar dêle com alguma urgência, avise-me que darei um jeito. Sinto-me como se usurpasse algo que é só seu. Mas não é. Pôsto no papel, o coração está sujeito a todos os transplantes. Usamos e abusamos dos livros, como se não

tivessem saído de gente, de sangue e de nervo, não é mesmo? Talvez por isto, por pensar assim, costumo ser um tanto condescendente com as minhas críticas no jornal: é [ilegível] duro escrever e mais duro ser lido. Lido, consumido, resumido, perdido, naquilo a que damos tudo, no tamanho de nossas possibilidades: Cada vez me convenço mais da indiferença geral por tudo o que é letra: bom hoje é ser economista, entender de computador eletrônico, fazer publicidade ou cantar na televisão. E que tal você achou o belo exemplo dos nossos pais americanos? Mais uma morte, que - como as outras - nunca será esclarecida: felizmente, pegaram um fanático qualquer, para/justificar perante as bobas [ilegível] nações subdesenvolvidas um crime sem nome. Como apareceu escrito aqui nos muros: "lá um cão matou um homem, aqui não há um homem para matar um cão!" Por traz de tudo, acredite-me, está o Kkk (Ku-Klux-Klan), a defender os seus direitos imorais á escravidão dos negros. Mais os grandes homens de negócio (inclusive o hipócrita Johnson) e os interêsses da guerra do Vietnam. Tudo bem urdido, bem pago, com um tipo[ilegível] qualquer a bancar o bandido. No/fim, tudo é far-west, filme de cowboys a se exhibir no mundo. Está a lição a aprendermos dos dolorosos episódios Kennedy (John), King (M. Luther) e Kennedy (Robert).

Ví no jornal hoje que um tipo lá na França entrou com uma ação contra o govêrno, para ressarcir-se dos danos sofridos pela explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo. E nós? Lembra-se da nossa bomba? Por que não tentamos também uma ação contra a polícia? Seria uma forma de eu ir para Juiz de Fora, a temida cidade dos IPM⁵², pois, no mínimo, seria declarada subversiva, por ter gasto inutilmente uma bomba de polícia... mas espero que, quando passar o frio e eu me animar a ir a Juiz de Fóra, seja apenas para ter a alegria de ver meu irmão, os sobrinhos, você, Regina. Regina? Não sei mais se ela se sequer se lembra de mim: nenhuma notícia, nem sinal de camaradagem, ao menos. Você sabe algo?

bem creio que terei de pedir-lhe imensas desculpas pela carta que aqui vai. Desconsisa, mal escrita, incoerente como eu mesma. Ponha tudo na conta do frio - e perdõe.

guardo sua resposta quanto ao artigo. Também lhe agradeço a remessa de sua colaboração "literária", que será sempre lida com carinho, quando vier. Afinal, alguém deve agarrar o facho sagrado. Deixo isto pra você, que tem mãos fortes, espírito forte, segurança, domínio do verbo.

com saudades, o abraço da Laís.

⁴⁷ O artigo a que Laís se refere, pedindo permissão a Cosette para fragmentá-lo em dois, supõe-se que seja o artigo dedicado a Nelson de Faria com o título **Depoimento sobre Nelson de Faria I** número 97, julho de 1968 cuja publicação está dividida com o título **Depoimento sobre Nelson de Faria II**, número 98, julho de 1968 de autoria de Cosette de Alencar. No primeiro, Cosette comenta sobre a valiosa obra literária que Nelson deixou, a amizade que surgiu entre eles e que se tornou duradoura após a morte de seu pai Gilberto de Alencar. Comenta, também, sobre quando Nelson foi eleito para ocupar a vaga de Gilberto na Academia Mineira de Letras. No artigo **Depoimento sobre Nelson de Faria II** Cosette fala das confidências trocadas em cartas, sobre o arquivo pessoal de Nelson, suas entrevistas em jornais e sobre suas obras. (ALENCAR, 1968).

⁴⁸ *C'est là vie* significa assim é a vida. Laís faz uma crítica dizendo que após a morte do Nelson, as reuniões da Academia tornaram-se tolas e vazias e ressalta o grande trabalho por ele desempenhado, o entusiasmo e o orgulho de Nelson de Faria para com a literatura e a Academia Mineira de Letras. Laís Corrêa de Araújo termina afirmando que, apesar dessa perda, deve-se seguir em frente. (AVOLIO, 2016).

⁴⁹ *C'est là mort*: está morto. (AVOLIO, 2016).

⁵⁰ Resíduos Setecentistas em Minas - Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. A obra traz uma percepção sobre o estudo do barroco partindo do ponto do seu valor histórico. O ensaio lhe deu o Prêmio de Erudição cidade de Belo Horizonte. E em 1968 recebeu em Brasília o Prêmio Nacional de Ensaio (artigo publicado periódico PUC-Minas com o título **A obra de Affonso Ávila e sua fortuna crítica**. (AGUIAR, 2013).

⁵¹ Reportagem de Wagner Corrêa publicada no **Diário Mercantil** em 15 de junho de 1968, intitulada **Festival de poesia de Pirapora os vencedores**, na seção 5, **Livros e notícias**. Participaram da comissão julgadora Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila presidente, Maristela Tristão e de Walid Abdalla representando o Clube literário, Inácio Quinaud de Pirapora. Laís Corrêa presença marcante nos eventos

culturais divulgando a literatura de Minas (CORRÊA, 1968) (ANEXO L).

⁵² Juiz de Fora foi considerada uma cidade mineira com grande número de inquéritos policial-militar (IPM), principalmente no período em que aconteceu o golpe militar. Estas informações estão registradas na reportagem da revista **Veja** datada de 3/12/1969, com o título **A violência fora da lei**. Minas Gerais estava à frente dos outros estados por ser próxima ao Rio de Janeiro e manifestar união entre as tropas militares. Neste período a sociedade passou por momentos de muita repressão devido ao fato de presos políticos serem contra a forma de governo, juntamente a estudantes e demais membros da sociedade. (A VIOLÊNCIA..., 1969).

Nota de transcrição da carta 15/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 148/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com alguns pontos amarelados, datiloscritas.

Carta 15

Belo Horizonte, 24.7.1968

Cara Cosette,

chegamos do Rio, onde passamos vinte dias de férias (férias? ou aventura? carregando 5 meninos, uma babá, todos enfiados no pequeno apartamento da Maria Lysia...), encontro uma autêntica avalanche de correspondência e de livros, que desabam sobre mim. Há dois dias estou apenas por conta de colocar essa autêntica inundação nos limites dos meus diques, supondo que agora possa começar realmente a trabalhar. Hoje, é claro que amanheci já com a minha famosa enxaqueca (digo famosa porque li que "enxaqueca" é doença de intelectuais), já tenho ingerido um número sem fim de comprimidos suficientes para dopar o mais valente cavalo de corridas do Jockey Club... Estou agora assim como os cosmonautas em vôo: nem pássaros nem homens, flutuantes. Como, porém, escrevo para você, creio que relevará as possíveis incoerências e discrepâncias de minha conversa. Está combinado?

Você já deve ter recebido o número de SL em que foram publicados os artigos sobre Nelson. Creio que saíram bem, embora não os tenha relido para constatar os inevitáveis erros de revisão que normalmente ocorrem no nosso, como em outros jornais. Queiram os deuses tenham sido mínimos. Estive, no Rio ainda, com o meu sobrinho Wagner, que me entregou umas crônicas suas, inclusive aquela em que se refere ao "Lôbo da Estepe"⁵³. Fico contente de que esteja gostando do livro (um clássico dos anos 20), embora ele seja amargo e pungente, pela marca da solidão e o peso da incomunicabilidade humana. Wagner me falou ainda que fará na página dele homenagem ao Gilberto de Alencar (devo tratá-lo assim? escritores perdem a "senhoria", tornam-se de domínio público). Ótimo. Também me deu notícias da construção de sua casa, que - segundo ele - promete ser confortável e simpática. Nada melhor pra você, para suas irmãs, embora eu imagine o trabalho e o aborrecimento implícitos numa empresa dessas. Tenho me preocupado com o que você disse a respeito da biblioteca do Gilberto (novamente). Livros dão mais trabalho

do que filhos e suponho que haja muita preciosidade a ser preservada, cuidada, restaurada. É um amor exigente, como sempre me repetia o mestre Frieiro, um vício, uma obsessão. Pudessem, eu teria prazer em ajudá-la na tarefa que será a reorganização de todo esse material fabuloso. Não vejo jeito, porém, de sair da minha rotina de trabalho. Os 20 dias fóra pareceram ao Murilo uma eternidade, tanto que se incumbiu imediatamente de enviar-me mais serviço... Estou atolada e a dor de cabeça tem seus fundamentos. E o corpo reage preguiçosamente a tanta coisa, acostumada á doce suavidade marinha de julho (o Rio, só em julho, no que êles chamam bestamente de "inverno" e, para nós, é uma suave primavera) aos longos passeios noturnos com o meu querido Affonso pela Av. Atlântica, ás conversas gostosas diante de um prato monstruoso de "paella valenciana" no restaurante espanhol que fizemos nosso. Tivemos poucos contatos com os escritores "federais" os poucos com gente bem agradável e não com os ilustres donos da "inteligentzia" brasileira. Drummond, por exemplo, só vi rapidamente numa livraria, tendo êle nos cumprimentado da maneira mais seca possível - quando em janeiro, lembra-se? Foi tão amável. Também, fizemos questão de conservar a mesma distância, embora o Murilo tivesse nos encarregado de conversar com êle, desobedecei as ordens e não o procurei. É um tipo curioso, defende-se demais, tanto que já não percebe que é mera amizade e o que é procura interessada e mesquinha. Não nos faz [ilegível] continua sendo um grande poeta, é claro, qualquer que seja a sua configuração humana. Quem conhece quem? Terá suas razões, respeitamos.

Affonso acertou a publicação pela Civilização Brasileira, de seu nôvo livro de poesia ("Código de Minas")⁵⁴ e, pela Vozes, de um pequeno volume de artigos⁵⁵. Eu fiz questão apenas de receber sol e a iodada da brisa marinha, que tanto faz falta aos mineiros. E foram 20 dias ótimos, embora a pobre Maria Lysia deva estar agora renegando êsses hóspedes que dilapidaram seu apartamento e sua paz...

Estou embrulhando cuidadosamente o seu livro, para enviar-lhe logo. Acho, como Frieiro, como Nelson, que você deve publicá-lo. Como, porém, não digo. Por que então não tentar o Prêmio Walmap (é um prêmio sério, digno), enviando os trabalhos que já estão prontos? Não é a importância financeira do prêmio que interessa, mas a publicação do livro, que é certa. Duvido que haja outros tão bons. É uma possibilidade que parece bastante "possível".

É tolice ficar esperando que algum "caçador de talentos" nos descubra na província. O prêmio tem sido dado com equidade e justiça. Usa-se pseudônimo. Não

há desdouro em concorrer. E será até um absurdo não concorrer. Pense nisso, o pior está feito (escrever, datilografar), agora é deixá-lo correr a sua própria sorte, sua vida. Não vá fazer como nosso amigo Ildeu Brandão⁵⁶ que levou 25 anos para publicar o seu livro (saído agora: " um míope no Zoo"). Êste ou o outro, que não conheço, faço fé nos dois, assim de cara. Que me diz? Se não forem os concursos, nós, da província, ficamos de lado sempre, esquecidos, desconhecidos, propositadamente, até.

Vou pedir notícias ao Murilo dos papéis do Nelson. Ainda não tive o sossêgo suficiente para uma conversa mais longa com êle. E elê aproveitou a minha chegada para ir para Ouro Preto. Depois, lhe darei as notícias que tiver. Não sei de nada, parece que tudo está no ponto morto, por enquanto.

Espero suas notícias, incluindo a casa, saúde, seus altos negócios de proprietária, jornal, tudo. Se não lhe responder logo, não precisa dar tratos á imaginação: sucumbí por asfixia de papel tão perigosa quanto ----- bombas de gaz lacrimogêneo:

Abraços da Laís

⁵³ Cosette de Alencar leu o livro **Lôbo da estepe** de Herman Hesse, recomendado por Laís Corrêa e em sua coluna Canto de página do **Diário Mercantil** em 24 de maio de 1968 está registrada uma resenha com título **Lôbo**. (ALENCAR, 1968), (ANEXO M).

⁵⁴ **Código de Minas**, obra de Affonso Ávila publicada em 1967 versa sobre uma descrição histórica que envolve fatos passados, revisitando lugares comuns, lugares da mineiridade envolvida em sátiras e crítica diversas. (MIRANDA, 2009).

⁵⁵ Publicou livro **O poeta e a consciência crítica** pela Editora Vozes em 1969.

⁵⁶ Francisco Ildeu Brandão nasceu na cidade sul mineiro de Ouro Fino, em 10 de maio de 1913, filho do escritor João Lúcio Brandão e de Luiza da Fonseca Brandão. Coursou Direito na UFMG e trabalhou como jornalista e funcionário público, até se aposentar. Obras publicadas: **Três histórias** (1948), contos reunidos em **Um míope no Zôo** (1968). Publicou também em jornais do País e participou de antologias, como **O conto mineiro**, organizado por Edgar Cavalheiro, contos jovens e **Os**

melhores contos brasileiros de 1973. Escreveu também para o público juvenil contos **Gavião de penacho** (1980), **Azul balão** (1986), **A ponte** (1987), **Minhoca não é só isca** (1992). Após seu falecimento em 1994 foi publicado o conto **Ato falho**. (DUARTE, 2010).

Nota de transcrição da carta 16/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 149/2010

A dimensão do documento é de 20,2 cm de largura x 22 cm de comprimento e outras 2 folhas 22cm de largura x 31cm de comprimento; não possui pautas; ambas na cor bege com alguns pontos amarelados, datiloscritas em preto e vermelho.

Carta 16

BH, 16.8.68

Cosette,

não, a felicidade (que tantos encontram em nós, em mim e Affonso) é difícil: temos, quando muito, retalhos dela, retalhos conquistados de pedaços grandes, metros e metros de tristeza, amargura, desânimo, dificuldades de tôda ordem. O caso é que aprendemos a apanhar êsses retalhos, guardá-los ciosamente, emendá-los uns nos outros e fazer-nos uma alegria razoável. No dia a dia, conscientes, achamos um bocadinho de linha para a costura necessária. Não sou jovem, Cosette, deixe de pensar-se mais velha do que eu, mais velha em que? fui eu quem não tive mãe, um pouquinho só de pai, passei miséria, fui humilhada desde sempre, erreí muito, aprendi pouco e sozinha. Sou bem mais velha do que você, acredite. Por isto, sei a vida, tenho medo dela (um medo enorme, angustiante), mas vou tocando o bonde, como posso - e aproveito integralmente, intensamente, quase dolorosamente porque sei que é raro, os momentos miúdos dos passeios noturnos pela Av. Atlântica, de um riso de menino, de uma nota boa na escola, de um presente, de um livro, da conversa dos irmãos, essas bobagenzinhas que são gostosas e fugitivas. Aliás, tudo o que é grande me assusta: tenho medo de dinheiro muito (mas não corro o risco), de brilhos, de gente importante, de beleza e etc. E inveja de quem sabe usar tudo isso com tanta naturalidade...

estou mandando para o Murilo o trecho que envia de seu livro. Falar em livro, me envergonho de não ter mandado ainda o seu. Acontece que não saio nunca (o Correio é longe) e fico esperando um cristão que faça as coisas por mim. O Affonso não tem podido sair também: está mergulhado no serviço da Fundação de Arte de Ouro Preto⁵⁷, fazendo relatórios, não sei mais o que, datilografando livro, não tem ido trabalhar fora. O Paulo, meu filho mais velho, vai para o colégio de manhã e de tarde para o serviço, de onde não pode sair se não às 6 horas, já cansado. E, por tudo isso, o embrulho está aqui, pronto, mas imóvel: não anda sózinho. Aliás, já lhe sugeri enviá-lo para o concurso (Walmap) e agora me lembro: por que não o

submete á comissão de publicações da nossa Imprensa? Tenho certeza de que será aprovado (eu sou um dos membros, agora, e dou o sim). Mas você parece irreduzível, não há mais Nelson para convencê-la, exigir, brigar. Não posso nada, não é? Os editores são deuses lá no alto, não vão descer do Olimpo para descobrir talentos cá na terra. Ainda mais nesta terra de Minas.

Aliás, sua descrição psicológica dos mineiros me parece perfeita, concordo e sofro com êsse estilo de vida: procuro, assim, na minha desimportância (a pouca validade do meu trabalho no SL) ser diferente, dar atenção a todos, ajudá-los, compreendê-los, ser sincera e simples. Creio que é por essa tentativa de "humanização" que tenho um grande fã-clube por estas Minas. Jovem, então, me merece o maior respeito, sem abdicar um momento das/minhas convicções ou opiniões literárias, é claro. Recebo, escuto, leio, pacientemente. Mas eu não sou CDA, ultra-procurado, super-homem da poesia brasileira: talvez êle tenha suas desculpas, mas comigo não, violão!

Me surpreende que o Ivan Vasconcelos⁵⁸ esteja zangado conosco. Não entendo por que. O livro dêle, recebi-o, fiz um comentário a respeito, só não fiz na notícia grande, porque, de fato, o livro é fraco, ainda. Algum progresso, mas a temática é enjoada, muito explorada já, isso de coronelismo, cidade dominada por um chefe, etc. Mas, na ocasião, dei uma notícia bastante simpática, elogiosa mesmo, na medida do possível. Agora, o que é mais que êle queria? Ninguém - ou quase ninguém - está fazendo crítica no Brasil: nem jornais literários existem. Daí o silêncio que deve ser sentido em torno do livro dêle. Coisa normal. O suplemento, em sí, não faz críticas: fazem-na os colaboradores dêle, quem quiser nos mandar artigo de crítica. Se alguém mandar, sobre o livro, publicaremos, mas não podemos obrigar ninguém a escrever sobre determinada pessoa ou tema. Posso citar pra você o dia, número do SL em que saiu a minha notícia sobre o livro dêle: 6.1.1968, n. 71. E foi assim: "Eu sou Olímpio, e tudo isto é meu", diz o personagem central do romance de Ivan Vasconcelos, "O Tropel", lançado pelas Edições Tempo Brasileiro. Olímpio construiu seu reino de terras, café e gado palmo-a-palmo e ganhou o respeito de Rio Claro, tornando-se o conselheiro, o chefe político, voz decisiva em todos os problemas locais. Em torno da figura poderosa de Olímpio, gravitam os demais personagens: os filhos, a professora Marcela com sua insatisfeita ânsia de realizar-se num amor que não existe para elas, Odete, Lenita, figuras femininas psicologicamente bem compreendidas e retratadas, figuras duras, ávidas de poder,

entre os grandes e pequenos conflitos de uma região como a Zona da Mata. Ivan Vasconcelos, já publicara antes dois livros de ficção, "A passagem" e "Um instante depois", preocupa-se agora, como vemos, com a problemática do homem global, representativo de um povo que êle trata com linguagem segura e humana compreensão." Está aí. Nunca deixo de assinalar, de forma alguma, o recebimento de um livro, pois sei como isto é importante para o autor. E, como se vê pela minha nota, não só assinalei, como li o livro. Só se êle já escreveu ou publicou outro depois, de que não tive conhecimento, que não recebi. Tenho boa memória para essas coisas e sou bem organizada (enquanto péssima para o mais necessário e bagunçada na vida comum...) Está consertada a questão?

Fico sentida com isto, porque me mato de trabalhar e ler para não deixar ninguém sem um mínimo de atenção. Sinto-me às vêzes tão cansada, que desistiria de escrever, se não fosse êsse o meu trabalho mesmo, no sentido de sustento, subsistência, pão-de-cada-dia. Sonho (é verdade) que estou aposentando... Quando penso que me faltam ainda oito anos de trabalho, nem creio que chegarei lá. É duro escrever como eu faço: por obrigação, sôbre os outros, e não aquilo que teria vontade de fazer. Para isto, não me sobra um minuto, com tantas outras obrigações que tenho.

E últimamente, nenhum livro dêesses que nos "enchem as/médio". Tonelada de livros, sim, diáriamente me chegam dois ou três, mas nada que me enriquece, me ponha arrepiada (como expressivamente diz a Maria Lysia), me totalize como gente. Tenho vontade de gritar como Roberto Carlos, que " tudo vá para o inferno", mas não posso, estou prêsa, amarrada pelas contingências da vida a fazer o meu trabalhinho idiota.

Para você ver como é o Affonso: foi convidado a ir a Bahia, 10 dias com tudo pago, para fazer uma conferência sôbre o barroco, e recusou: Simplesmente porque, diz êle, não quer virar medalhão, dêesses que vivem fazendo blá-blá-blá e comparecendo a congressos. Detesta o gênero, prefere a obscuridade, a quietude, para escrever apenas, e apenas o que quer, quando/quer. Todos ficaram horrorizados com a recusa dele (já que não é a primeira), porque todos adoram êsses brilhinhos fáceis. Eu concordo, apoio. Daí também me espantar o esforço que se faz (o esforço idiota, político) para se entrar para uma Academia. O que é que isto acrescenta? De título? Mas tão frágil??, tão bêsta! Creio poder dizer com firmeza que "desta água não beberei", não beberemos. Se fôsse outro caminho, se a

"honraria" não tivesse de ser bancada, bajulada, lutada...não sei. Mesmo assim, acho difícil para o meu, o nosso temperamento.

Mas lá vou eu falando, falando. Chega, não? Não vou dizer que dia seguirá o seu livro, mas seguirá, acredite. É só aparecer um momento adequado. Desculpe-me mais uma vez.

Parece que o tempo vai melhorar, felizmente. Quando ficar calor, cumprirei minha promessa e irei vê-la aí.

Até outras "letras" Laís

⁵⁷ FAOP - Fundação de Arte de Ouro Preto, Unidade da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, sediada em Ouro Preto MG. Foi criada em 1968 por sugestão do poeta Vinicius de Moraes e da atriz Domitila do Amaral junto do escritor Murilo Rubião e do historiador Affonso Ávila a fim de ser um espaço para produzir e absorver arte. Murilo Rubião foi quem implantou a FOP. A instituição desenvolve programas de preservação, divulgação do patrimônio cultural e artes contemporâneas e apoio a administração pública. Há também curso de técnico em conservação e restauro oficinas na biblioteca Murilo Rubião, além disso, possui núcleo de ofícios que qualifica profissionais da construção civil para atuar em obras de conservação e restauro. (FUNDAÇÃO, [20--]).

⁵⁸ Ivan Vasconcellos foi romancista, escreveu um livro no qual a história se passa em um cenário rural característico da zona da Mata Mineira na cidade de Juiz de Fora. Sua obra não tinha título e por sugestão de seu amigo, Geraldo França Lima, seria **O dia ignorado**. Ivan havia pensado em **Ninguém sabe o dia** ou **Não sabeis o dia**. (MOL, 2015).

Nota de transcrição da carta 17/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 150/2010

A dimensão do documento é de 19,9 cm de largura x 24,9 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege com alguns pontos amarelados papel timbre do suplemento com endereço Av. Augusto de Lima, 270; Belo Horizonte; manuscrito.

Carta 17

BHte, 23.9.68

Cosette,

Estou começando a melhorar de uma passageira estafa, doença que fiquei convalescendo agora e que não me abandona. O médico aconselhou-me a parar de escrever ao menos um mês!

Não há feito: é o meu trabalho. Mas tenho evitado os excessos. De fato, depois que escrevo dez linhas, sinto-me como se estivesse carregando meu piano - definitivamente exausta.

êste é, pois, apenas um bilhete para contar-lhe que ainda estou viva. Tão logo me sinto em forma, voltaremos a conversar longamente.

parto segunda feira para Goiânia, a convite de escritores de lá, para uma Semana de Poesia⁵⁹. É, afinal, meu pretexto para que me distraia um pouco. Espero voltar em forma.

Enviei sua colaboração para SL. Breve sairá. Abraços da Laís.

⁵⁹ Informação não localizada pela pesquisadora.

Nota de transcrição da carta 18/19 LCA a CA, 1967 a 1968.

MAMM 151/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege; manuscritas.

Carta 18

Belo Horizonte, 11.11.68

Cosette,

realmente, de verdade mesmo, não tenho passado bem. Os sintomas são vagos - dores de cabeça, cansaço extremo, um desânimo enorme, irritabilidade, pânico. O médico, após milhares de exames, todos negativos (inclusive o eletroencefalograma, que provou que meu cérebro funciona bem), concluiu que se trata mesmo, como de início, já supunha, de uma estafa intelectual. Tudo muito elegante, mas horrível para o "paciente", que no caso é impacientíssimo. Alguns tranquilizantes, a exigência de que eu moderasse em 80% as minhas atividades intelectuais, a idéia de um passeio (impossível), etc, e eis-me aqui, ainda sem perceber muita melhora. São fases, que eu mesma racionalizei bem: as razões, no fundo, são da vida - financeiramente, as dificuldades aumentando dia a dia, sem esperanças de melhoria - Affonso que adoeceu também, com a infecção renal - minha babá, querida preta velha, que caiu e se machucou muito, até hoje não tendo se recuperado, dificuldades com empregada, gente que me procura sem parar, tudo isto vindo além das minhas fôrças, que são mínimas. Não tenho resistência para a luta, nunca fiz nada para obter nada, porque tudo me cansa e desanima antes. Não tenho nenhum espírito americano do "struggle for life⁶⁰" e, quando vejo as coisas más, entrego os pontos, sem tentar os riscos. Fim, o jeito é esperar que a fase passe, como já passou de outras vêzes. Marx tinha razão quando dizia que, na raiz de tudo, está o fato econômico. Na verdade, algum dinheiro extra não me faria se não bem, poderia acertar umas dívidas, comprar um sapato novo, pintar o cabelo, ir até Juiz de Fora, quem sabe? e esquecer-me um pouco. "Teu amor e uma cabana" é apenas frase lírica e inútil. A gente tem de ter estímulo, sentir-se recompensada. Não que me interesse o dinheiro em sí, jamais pensei nele como coisa fundamental, desprezo-o mesmo, mas que êle serve para resolver certas coisas, serve. E não por mim só, mas por outros, Maria Lysia, tão apertada sempre, meus sobrinhos, vivendo sabe Deus como, Zilah endividada por causa de terceiros, etc,etc. Inútil falar nisto,

parece choramingação e não gosto de estar amolando os amigos com meus problemazinhos, que podem ser considerados ridículos, sem se faltar com a verdade...

Também sei ficar contente: por exemplo, com o prêmio Bloch para a Maria de Lourdes Abreu de Oliveira⁶¹, que não conheço, mas com quem partilho a alegria de se ver reconhecida, de certo modo, sem ajuda de ninguém, sem frequentar as rodas literárias, sem pertencer á metrópole... Lerei o livro dela, tão logo saia, com está disposição favorável já. E tanto que lhe falei (a você), para sair da casa e pôr a cabeça de fora... Resta-lhe o Walmap, por que não tenta? Não há demérito nisso, gente de província só assim consegue publicar-se - e ficar escondida é forma de orgulho!

Admiro-a por ter lido Cony e Hermilo Borba Filho, que não têm significação literária maior, que são mesmo desconsiderados entre a autêntica intelectualidade brasileira. São autores para grandes públicos, êste que necessita embriagar-se com pornografia, para esquecer as frustrações de tôda ordem. Na linha de Henry Miller, que é um homem de pêso, um revoltado, um rebelde, um lutador de verdade, não têm a dignidade necessária para tratar de sexo: Miller, mais forte ainda que os dois, a tem, porque percebe-se que alí nada é gratuito, mas uma imposição de tempo e sofrimento, de amargura e descrença, de ceticismo e desesperança. Quanto a Cony e Borba Filho, uso a frase célebre de Oswald de Andrade: "Não li e não gostei". Já os conheço de antes e sei que não têm nada a nos oferecer. Os brasileiros, infelizmente, em matéria de sexo, são apenas gaiatos: não têm fôrça para suportar-lhe o impacto e apenas alivanham têrmos e casos sem profundidade e convicção.

Tenho lido bem menos: imposição médica, dificuldade natural que me acontece agora. Mais: poucos livros realmente me interessando, pouca coisa boa aparecendo. O autor estrangeiro ainda botando os nossos no chinelo, fácil, fácil... Um excelente: Gadda, com seu livro "O conhecimento da dor"⁶² - Gombrowicz, com "Bakakai"⁶³ - James Daldwin com "Numa terra selvagem"⁶⁴, etc. Aqui, no Brasil, é difícil achar gente igual, ou mais ou menos. Gostaria de lhe mandar alguns dêsses livros, como presente de natal, mas confesso-me inteiramente falida e em insolvência...

Estive outro dia com o maestro Frieiro, sempre amável e agradável, naquela vida que pediu a Deus e merecidamente conquistou: junto de seus livros, sem preocupações financeiras, com uma boa e compreensiva esposa, admiradores e

amigos. "Nunca pretendi ser escritor", me disse "e se o fui, o fui também sem pretensões: sem esperar nada, sem desejar-me nos noticiários, sem adular ninguém, sem lutar por nada". Um exemplo de simplicidade e fidelidade apenas aos livros, sem estar com um olho na página e outro na glória... Também nós, aqui em casa, tanto eu como Affonso, não temos pretensões literárias: fazemos o que devemos, suponho, o que nos cabe fazer, que é pouco e um prazer. Não tivemos tensões (tão pequenas!) são apenas de assegurar-nos uma vida tranquila, com os filhos se encaminhando honesta e integralmente na vida normal, sem carros e vestidos Dior, mas com certa limpa dignidade. Mas isto, até isso, hoje é difícil. Que, ao menos, aprendamos a aceitar o que vem com resignação.

Não queria escrever-lhe, como disse antes, para amolá-la. É cacete uma pessoa queixosa, reclamadeira, suspirosa. E, como ando em "fossa" (desculpe a expressão, mas a jíria aí é aceitável, porque diz tudo), prefiro distanciar-me um pouco, curtir a mágoa sozinha, e deixar que os dias corrijam tudo. Em todo o caso, para não parecer impertinente a bêsta, aqui vai essa tolice tôda, já esperando sua compreensão e perdão.

Acredito que, em breve, possa talvez chegar a Juiz de Fora. Depende apenas de acertar as coisas aqui em casa, Vera, minha cunhada, esteve aqui e reclama minha presença. Tanta gente é boa, afinal: Todos me acarinhos, neste momento, e vejo que o mundo ainda se salva, por essa cadeia de amizade que ilumina tudo. Agradeço-lhe, pelo elo que forma nela, você também, apesar de nosso tão mínimo contato (mas o contato pessoal não diz tudo e nossos dois encontros valeram por longa convivência).

Não, não tenho notícias de Agripa Vasconcellos⁶⁵, mas vejo por jornal, que se recupera bem. Estou afastada de tudo, repito.

Obrigada, mais uma vez, pela ajuda que são suas cartas. E parabéns pela nova seção literária⁶⁶: você progride contra você mesma...

O abraço da Laís

Texto registrado no verso da carta:

Desculpe-nos, do SL, por falarmos tão mal: razões do Estado... a literatura, como sempre, desconsiderada.

Se estiver com a Maria de Lourdes, peça-lhe para enviar-nos algum coreto ou outra colaboração qualquer. O João Vasconcellos esteve aqui faz uma semana e

tentou desesperadamente (diz êle) encontrar-me. Infelizmente, alguém lhe deu meu telefone antigo e só na hora de ir embora descobriu que o número mudara completamente. Agora é 24-9200 e não 4-9123. Foi pena: falamos apenas rapidamente, mas achei-o muito simpático e agradável.

Sem assinatura

⁶⁰ *Struggle for life*: Laís sente dificuldade em lutar pela vida, diante dos problemas e, em virtude disso, faz uma comparação com os americanos que lutam pela vida e batalham, enfrentando os obstáculos. (LINGUEE, c2017).

⁶¹ Maria de Lourdes Abreu de Oliveira nasceu em Maria da Fé, sul de Minas foi professora e escritora. Reside em Juiz de Fora. Formou-se em Letras clássicas pela UFJF em 1956. É Doutora em Teoria Literária pela UFRJ e foi fundadora e coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, até maio de 2006. Obras publicadas: **A coroa** (conto), em 1957, no jornal **Correio da Manhã**. Em 1996, lançou uma coletânea de contos, intitulada **A porta-estandarte** e o romance **Bravo Brasil**. Em 1980 publicou **Corpo estranho** e também sua dissertação de Mestrado **Pessoa sob persona—olhar e olhado em O Delfim**, com o qual conquistou o Prêmio Cidade Belo Horizonte. Sua tese de doutorado, defendida em 1986 com o título **Caminhos e descaminhos na montagem de uma narrativa, a respeito do mito de Édipo** serviu de inspiração para a novela **De olhos fechados**, que recebeu O Prêmio Petrobrás de Literatura. Em 1995 publicou o livro **Antigamente no porão** pelo qual recebeu O Prêmio Bloch Nacional de Romance. Publicou também o livro **O menino da ilha** em 1990 e com ele conquistou o Prêmio João de Barros de Literatura Infante-Juvenil. Em 2003 lançou o **ABC do Zezinho**. (DUARTE, 2010).

⁶² Carlos Emilio Gadda, poeta e escritor italiano. Pulicou **O conhecimento da dor** com o qual ganhou o Prêmio Internacional de Literatura em 1963, **Novella seconda** e **Adalgisa**. (CARLO..., [20--]).

⁶³ Witold Marian Gombrowicz nasceu em 4/08/1904 na Polônia e faleceu em 24/07/1969. Escritor e dramaturgo. Obras publicadas **Cosmos**, **Trans-Atlantyk**, **Bakakai** uma coleção de contos. (WITOLD..., [20--]).

⁶⁴ James Arthur Daldwin romancista, ensaísta, poeta, dramaturgo e crítico social afro-americano. Defensor das causas raciais. (JAMES..., [20--]).

⁶⁵ Agripa Ulisses de Vasconcellos nasceu em 11 de abril de 1900 em Matozinhos de Santa Rita do Rio das Velhas, Minas Gerais. Faleceu em Belo Horizonte em 22 de Janeiro de 1969. Poeta, escritor historiador e cientista. Diplomou-se pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Obras publicadas: **Sinhã Braba** (sobre os ciclo dos diamantes, 1966), **A vida em flor de Dona Beja** (sobre o ciclo do povoamento, 1966), **Chico Rei** (sobre ciclo da escravidão, 1966) dentre outras. (DUARTE, 2010).

⁶⁶ A seção literária, a qual Laís se refere de autoria de Cosette de Alencar, era a coluna Livros e letras do **Diário Mercantil** era dedicada a assuntos literários, como comentários de livros nacionais e internacionais, trabalho de escritores no exterior além de exercer a função de mediadora e motivadora de possíveis candidatos a Academia Mineira de Letras. Essa coluna permaneceu até o ano 1973. (MOL, 2015).

Nota de transcrição da carta 19/19 LCA a CA, 1967 a 1968.
MAMM 152/2010

A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege; manuscrita.

Carta 19

Belo Horizonte, 9 de dezembro de 1968

Cosette,

realmente, não há ninguém que se deixe afetar tanto pelo clima quanto eu. Frio me inibe, a chuva me enerva e entendia terrivelmente, ---- só me sinto eu mesma sob um belo céu e sol. Há dias que, sonoramente, a chuva cáí, ensopando tudo, especialmente a minha alma, que já anda claudicando há tanto tempo... Nada consegue animar-me, entusiasmar-me, faze-me sentir gente, sob o céu chumbo, abafante e melancólico. Eu, que já ando enjoada de meu serviço, cansada pelas doenças aqui em casa, irritada pela incompetência e desinterêsse do govêrno pela situação de seus funcionários, sem ter recebido ainda o mês de outubro, tenho até horror de escrever uma simples carta, daí o atraso em responder-lhe.

Além disso, não sei como nem por que, eu e Fonka⁶⁷ fomos "nomeados" recepcionistas/de estrangeiros. Chega um estrangeiro aqui, ponto! manda-no a nós, para pajeá-lo em Ouro Preto, Congonhas e etc. Está semana, foram três membros de uma Comissão de Cultura da Unesco: Pierre Moinot (o romancista), Chafik Said (tunisiano) e Battaini (de Mônaco). Os homens eram simpáticos e agradáveis, mas o que não era nem simpático nem agradável era o fato de nos tirarem de casa, sob a chuva, para andar com êles, arrastar um francês mal falado, explicar-lhes coisas, etc. Além disso, coisa em que govêrno entra sái errado e trataram de fazer uma confusão no programa dêles, que os coitados se viram enrolados em jantares e almoços que não queriam. Confessaram-me que vieram apenas para contactar com escritores e artistas, jamais pensando em qualquer coisa "oficial". O interêsse era saber o que pensam os brasileiros da situação da cultura aqui, o que acham que pode e deve ser feito, em que e como a Unesco poderia ajudá-los. E, no fundo, sobretudo, o desejo de/passear, quem sabe? Pois não acredito que a Unesco ou qualquer outra entidade possa mudar o panorama de nossa cultura. Como? Disse-lhe isto mesmo. Responderam-me que farão um relatório e apresentarão sugestões... Quais? Não sei nem quero saber. Dará tudo em nada, é claro, o govêrno jamais tomará qualquer providência em favor de escritores e artistas. O

resultado é que me cansou bastante acompanhá-los - e logo depois apareceu um português! Sinceramente, chego a sonhar com uma enorme planície vazia, solitária, sem vizinho, sem correio, sem telefone, eu e Affonso e meus filhos, mais Zilah, Maria Lysia, Lêda, Djalma, Plácido...só a família e, talvez, dois ou três amigos. Pudéssemos ignorar o resto do mundo, dispensar as cortêsias inúteis...

Outro dia, felizmente, pude ficar sossegada, e organizar a minha correspondência, que estava jogada nas gavetas. Fiz uma pasta para cada amigo ou escritor. Você está já "empostada", e em quantidade bem razoável. Servirá para a posteridade êsse arquivo? Não sei, o caso é que jamais rasguei uma carta, penso sempre no trabalho, no carinho, na atenção posta pelo escrevente em cada uma... tenho montanhas de cartas: agora, graças à Deus tudo em ordem.

Vera e Plácido me deram notícias suas, pois uma das coisas boas que aconteceram (acontecem!) foi a vinda dêles até aqui. Mas rapidamente demais, para o meu gosto. Em todo o caso, pudemos conversar mais sossegadamente. Insistem também que vá a Juiz de Fôra. Já lhes disse: há que avisar-me antes – “Já sol” – e eu irei. Com chuva, não chego nem ao alpendre...

O que tenho feito? Lido, lido, lido, mas não o que quero, e sim o que me é impingindo. 25 livros recebi para dar parecer sobre a possibilidade de publicação ou não pela Imprensa. Já despachei uns dez (negativos). E estremeço cada vez que olho para esse monte de papeis no meu escritório. Não sei por que me encarregam disso, não ganho nada (nem financeira nem intelectualmente), é mais um abacaxi. Em todo o caso, penso que estou ajudando alguém, a algum jovem autor que não consegue editora, e me consolo. Hoje, já comecei a ler um livro que vale a pena publicar, o que alegrou um pouco. Mas 25! não é demais? Estará todo mundo louco para escrever, publicar! Por que? Não sabem que tudo é nada, tudo é inútil, vago, dispensável? Literatura... acham que há alguma magia na palavra, no trabalho de escrever?

Murilo me disse que recebeu colaboração sua. Vai publicar, segundo os desígnios dele lá. Eu, graças a Deus, consegui afastar-me um pouco do suplemento, desde que afundi na “estafa”. Dispensou-me da seleção de matéria, o que foi um alívio. Mesmo assim, não me falta o que fazer, e estou sempre cansada.

Cansada... eis como me sinto. De tudo. Quando acabará este ano? Quando começará o outro, que é sempre uma ilusão, mas serve para manter-nos vivos? “Cette petite fille de rien de tout”⁶⁸... a esperança. Tão sem nada, tão sem razão,

mas capaz de insuflar-nos o oxigênio necessário para continuar de pé.

Tenho a impressão de que você me compreende mal quando falo que um pouco de dinheiro me ajudaria. Não me venha com sermões, estou certa do pouco, mínimo, valor do vil metal, não tenho a menor sombra de ambição (carro, apartamento no Rio, passeio á Europa, vestidos, etc), mas o que gostaria é de viver com dignidade. E isso só é possível com independência financeira. Não precisar de ninguém, não ficar devendo no armazém, comprar presentes quando quiser, poder ficar em casa com meus livros, poder atender aos pequenos desejos de meus filhos, poder ter um natal gostoso, não ver os irmãos, os sobrinhos, em apertos constantes... Poder ser a gente mesma. Só para isto o dinheiro me serviria, dispenso qualquer acréscimo, o desnecessário. Não tenho vaidade e não sei usar o luxo, sinto-me mal em ambientes granfinos. É mais ou menos o que você conseguiu. É querer demais? Não sei, talvez eu não mereça nem o que já tenho, talvez já me tenha sido ---- dado o máximo... Fui sempre tão pobre, tão abandonada, que devo dar graças, diàriamente, pelo o que coube. No entanto, ainda sonho... não é proibido, é? Libertar-me, libertar-me do serviço, de subserviência, da dependência, da inoperância diante dos que precisam ainda mais, de sentir-me inútil para ajudar alguém, para servir.

Não lhe disse que não devo escrever cartas nesta época, com chuva, com depressão psíquica? Demais, nem bater na máquina estou sabendo, erro tanto, faço uma confusão danada: desculpe-me, compreenda-me

Tenho visto a sua seção de livros, que está boa e é talvez um trabalho mais agradável do que a crônica. Nesta, a gente sem querer está sempre se confessando, se pondo nua diante dos outros, eu sei, porque a fiz durante muito tempo. Pelo menos, falando de livro, somos mais impessoais, mais desligados, não temos o que sofrer com as palavras. Falarei com os amigos, para lhe mandarem seus livros. Êste serviço não é ruim, há ao menos a expectativa de uma surpresa agradável, cada vez que abrimos um pacote de livros...

Chega. Estou enjoada demais. Um abraço Laís seu endereço continua o mesmo?

⁶⁷ Informação não localizada pela pesquisadora

⁶⁸ Laís usa a frase em francês *Cette petite fille de rien de tout* que significa esta menina pequena e farta de tudo... com esperança. Laís comenta seu cansaço e momento de estafa, mas ainda tem otimismo e esperança nessa menina que há dentro de si com toda a energia que a envolve. (DICOCITATIONS..., c2001).

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, foi elaborada uma edição de fontes da correspondência ativa, laisiana por meio da qual se constatou presença significativa da rede de amizade tecida e consolidada entre as interlocutoras mineiras e seu compromisso com a literatura cujas ações para isso desempenhadas foram, por exemplo, as críticas produzidas, na coluna Roda Gigante, assinadas por Laís Corrêa de Araújo e publicadas no periódico **Minas Gerais** e as colunas **Dominical** e **Canto de página** que compuseram o jornal **Diário Mercantil**, ambas de autoria de Cosette de Alencar.

Nestas colaborações jornalísticas foram confirmadas ações de incentivo, ou não, relacionadas à produção literária de novos escritores e atestada a participação ativa das mesmas em eventos literários da época o que vem a confirmar a hipótese de que esta proposta investigativa preencheria possíveis lacunas literárias até então, e agora devidamente esclarecidas.

Observou-se de forma expressiva, a colaboração literária presente nesta amizade epistolar quando se verificou o empenho de Laís Corrêa de Araújo para que Cosette de Alencar enviasse crônicas de sua autoria a fim de colaborar com o Suplemento literário do **Minas Gerais** e também para que Cosette publicasse sua obra **Giroflê, giroflá** como registrado em carta datada de 7 de março de 1968. A amizade das autoras fundamentou-se na cumplicidade intelectual advinda da Academia, da mineiridade, da genética e dos ensinamentos familiares, pois Laís Corrêa de Araújo foi casada com Affonso Ávila, um literato, poeta e ensaísta que exerceu grande influência em sua vida pessoal e profissional. O mesmo sucedeu com Cosette de Alencar, filha de Gilberto de Alencar membro fundador da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira nº21.

Voltando à hipótese levantada neste trabalho, de identificar e registrar fatos que marcaram a época literária como publicações, acontecimentos históricos e culturais que mantiveram relação com a literatura, foi constatada durante e por todo o trajeto percorrido pelas missivas entre Belo Horizonte e Juiz de Fora.

Foi confirmado que as epistolas se constituíram como importante objeto de pesquisa, já que revelaram os bastidores literários da vida de duas mulheres com registros de confidências, de uma escrita de si e do outro, de um passado vivido e de uma época compartilhada.

No decorrer da pesquisa, foram encontrados alguns obstáculos assim

registrados: a indisponibilidade do acervo de Laís Corrêa desde o início da investigação até o presente momento, contando então 2 anos e 6 meses. Esta documentação está sob a custódia da UFMG e encontra-se em fase de higienização, organização e catalogação sem nenhum avanço no que consiste ao não impedimento de consulta pública.

Houve dificuldades em identificar algumas rasuras no registro das missivas, por ilegibilidade outras por danos causados por insetos destruidores de papel e outras pelo próprio estado de deterioração das folhas.

Foi considerado pela pesquisadora um impedimento à integralidade da pesquisa algumas poucas notas que por não terem sido localizadas, deixaram lacunas que poderiam elucidar melhor algum contexto literário ou pessoal.

Esta investigação comprovou a importância de preservar e conservar os manuscritos que são reveladores de uma vida e obra como as das referida escritoras e terceiros por elas citados, e o resgate e construção da memória político-sociocultural mineira e nacional.

Os acervos desempenham uma importante função nesse processo e, por isso são necessárias sua conservação, sua preservação e a responsabilidade assumida pelas instituições na guarda destes documentos histórico-literários.

Acredita-se e espera-se que esse trabalho abra novos caminhos para outros pesquisadores, cujo campo de investigação sobre o fazer literário, é fértil.

Diante disso, apreende-se a importância das cartas como meio de comunicação advindo da Antiguidade à Contemporaneidade, sendo relevante como fonte de pesquisa para o resgate da memória cultural.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. Representação da literatura e memória nas cartas de Lais Corrêa de Araújo emitidas a Cosette de Alencar. In: ENCONTRO DE TRICORDIANO DE LINGUISTICO E LITERATURA, 6., 2016, Três Corações.

Anais... Três Corações: UNINCOR, 2016, p. 512-523.

AGUIAR, Melânia Silva de. A obra de Affonso Ávila e sua fortuna crítica. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, p. 189-198, 2º sem. 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2013v17n33p189/6942>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ALENCAR, Cosette de. Cantochão. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, p. 2, 14 set. 1967. Canto de Página.

_____. Depoimentos sobre Nelson de Faria I. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v.3, n. 97, p. 8, jul. 1968. Suplemento literário. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. Lôbo. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 24 maio 1968. Canto de Página.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Do Intertexto ao diálogo interdisciplinar entre cidade do sonho e da melancolia, de Gilberto de Alencar, Boca de chafariz, de Rui Mourão e a história de Ouro Preto**, 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora, 2013.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Alimentação e erudição. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v. 1, n. 14, p. 3, dez. 1966. Suplemento literário. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. Cantochão. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v.3, n. 106, p. 3, set. 1968. Suplemento literário. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. [carta] 16 set. 1967, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 1 f.

_____. [carta] 18 out. 1967, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 4 f.

_____. [carta] 1 dez. 1967, Belo Horizonte [para] COSETTE, A, Juiz de Fora. 3 f.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [carta] 26 dez 1967, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 7 jan.1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 2 f.

_____. [carta] 20 jan.1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 2 f.

_____. [carta] 4 fev.1968 , Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 7 mar.68, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 13 mar. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 26 mar. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 1 f.

_____. [carta] 31mar 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 16 abr.1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 23 maio1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 1 f.

_____. [carta] 10 jun.1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 4 f.

_____. [carta] 24 jul. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 16 ago. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 4 f.

_____. [carta] 23 set. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 1 f

_____. [carta] 11nov. 1968 , Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora. 3 f.

_____. [carta] 9 dez. 1968, Belo Horizonte [para] COSETTE, A. Juiz de Fora.3 f

_____. Eugênio Gomes e o enigma de Capitu. **Minas Gerais**, Belo Horizonte,

UFMG, v.3, n. 81, p. 9-10, mar. 1968. Suplemento literário. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. (Coleção Poetas modernos do Brasil).

ARTIÉRES, Philippe. Escrita de si/ escrita da história. **Estudos históricos**. Arquivos pessoais, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. v. 11, n. 21. p. 1-34, 1998.

AVOLIO, Jelssa Ciardi; FAURY, Mara Lucia. **Michaelis dicionário escolar francês: francês-português: português-francês**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

AZZI, Riolando, PEREIRA, Salgado, Mabel. **José Henrique Hargreaves**: expressão do laicato Juizforano. Juiz de Fora: Instituto Cultural Santo Tomás de Aquino, 2003.

BARBOSA. Leila Maria Fonseca; RODRIGUES; Marisa Timponi Pereira. **Letras da cidade**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Ferreira Lage; Funalfa, 2002.

BARROS, José D' Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, Canoas, RS, n. 12, p. 129-159, maio-ago. 2012.

BERARDINELLI, Affonso. **Da poesia à prosa**. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Nally, 2007.

BONVICINO, Régis. Achados e desencontros de um grande poeta. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 4 de maio. 2001.

_____. Drummond recusou dois prêmios literários. **Sibila**: revista de poesia e crítica literária, São Paulo: Atelie, ano 17, 4 abr. 2009.

BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

BRASIL. **Lei n. 9.160, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CARLO Emilio Gadda. **Skoob**, [20--]. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/autor/6218-carlo-emilio-gadda>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

COELHO, Haydée Ribeiro. Roda Gigante um texto paradigmático. **Suplemento Literário**: Secretaria do Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 1-19, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CONY, Carlos Heitor. Fausto Cunha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 set. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0509200206.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

CORREA, Wagner. Festival de poesia de Pirapora os vencedores. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 15 jun. 1968. Secção livros e notícias.

CORTÁZAR, Júlio. Todos os fogos o fogo. Tradução Laís Corrêa de Araújo. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v. 3, n. 92, p. 1-3, jun. 1968. Suplemento literário.

CRONOLOGIA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 maio 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/masfs1305200106.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

DESAPARECE o escritor Nelson Faria. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v.3, n. 83, p. 2, mar. 1968. Suplemento literário Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

DICOCITATIONS: le dictionnaire des citations. França, c2001. Disponível em: <<http://dicocitations.lemonde.fr/citations/citation-100648.php>>. Acesso em: 20 jun. 2017

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FLORES, Hilda Agnes Hübenr. **Dicionário de mulheres**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

FRAZÃO, Dilva. **Simone de Beauvoir**: escritora e filósofa francesa. [S.l.], c2000.

Disponível em: <https://www.ebiografia.com/simone_de_beauvoir/>. Acesso em: 25 jun. 2017

FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Ouro Preto, [20--]. Disponível em: <<http://www.faop.mg.gov.br/index.php>>. Acesso em: 28 maio 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea. **Artur da Costa e Silva**. Rio de Janeiro: FGV, c2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/artur-da-costa-e-silva>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GONÇALVES, Régis. Cem anos de um poeta radical. **O tempo magazine**, Belo Horizonte, p. 4, 28 jan. 2001.

GUELBER, Fernanda. Juiz de Fora comemora o centenário do poeta Murilo Mendes. **Diário Regional**. Juiz de Fora. Não paginado. 4 de maio 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JAMES Baldwin. [20--]. Disponível em: <<http://www.dofaq.com/br/james-baldwin>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

JOSÉ de Alencar. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3332/jose-de-alencar>>. Acesso em: 29 de maio 2017. Verbetes da Enciclopédia.

LELIS, Dirce Pereira. **Interloquções epistolares entre Cosette de Alencar e Eduardo Frieiro**. 2012.133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de ensino superior, Juiz de Fora, 2012.

LINGUEE: dicionário inglês-português e buscador de traduções. Alemanha, c2007. Disponível em: <<http://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/struggle+of+life.html>>. Acesso em: 23 maio 2017

MACIEL, Maria Esther. **O pathos da lucidez: a trajetória poética intelectual de Laís Corrêa de Araújo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2002.

MEMÓRIAS da Imprensa em Juiz de Fora, 2015. Disponível em:
<<https://memoriasdaimpressajf.wordpress.com/impressos-de-juiz-de-fora-9/jornais/diario-mercantil/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. A importância da epistolografia nos projetos estéticos dos anos 1900. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 13, n. 22. p. 5-15, ago./dez. 2012.

MIRANDA, Antonio. **Tributo ao poeta Affonso Avila**: a maneira textual de ver. Brasília, 2009. Disponível em:
<http://www.antoniomiranda.com.br/ensaios/affonso_avila_ensaio.html>. Acesso em 25 maio 2017.

MOL, Isabela, Baião. **Cosette de Alencar a cronista de seu tempo**. 2015, 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2015.

MORAES, Marcos Antônio de. Correspondência Esparsa. **Ipotesi**: revista de estudos literários, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 112, jul./dez. 2000.

_____. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos de alguns pressupostos. **Patrimônio e Memória**, São Paulo: UNESP, v. 4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

NOTÍCIAS sobre a morte de Laís Corrêa de Araújo. **CEDECOM**. Centro de Comunicação - Agências de notícias do site da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p.1, 19 dez. 2006. Disponível em:
<<https://www.ufmg.br/online/arquivos/004867.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de: A descrição arquivística e os arquivos pessoais: In: **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais, Rio de Janeiro: Móbile, 2012, p.71-93

PALMAS para ele. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, p. 2, 12 maio. 2001. caderno 2.

REIS, Claudia Barbosa. Museus voltados para a literatura: ainda um desafio no Brasil, **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v.11, n.19, jan./jul.2011.

REIS, Niva de Andrade. **Estações de minha vida**. Rio de Janeiro: JS Comunicação, 2002.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **A General das letras: a literata Cosette de Alencar e a sua cidade Juiz de Fora: 1918 a 1973**. 2013. 419 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas**. São Paulo: Annablume, 1998.

SARTRE: a existência precede a essência. **La-Philo**, 2008. Disponível em: <la-philosophie.com/sartre-existence-precede-essence>. Acesso em: 21 jun. 2017.

SOUZA, Maria Claudia Helena de. **Memórias sem malícia de Gusdesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar, e o ateneu, de Raul Pompéia – Leitura em movimento: incursões intertextuais e arquivo pessoal**. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de ensino Superior de Juiz de Fora, 2013.

VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. **Remate de males**, São Paulo, Unicamp, v. 18, 1998, p.61-69.

_____. Intimidades das confidências. Marcos Antônio Morais (Org.). **Teresa: revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, USP, 2008, p. 373-389.

VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Marcelo. Pois de tudo fica um pouco: a literatura revisitada nos arquivos pessoais. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de, et al. (Orgs.). **Arquivos pessoais e cultura uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015, p. 213-220.

VIEIRA, Luís Gonzaga. A parte à literatura dos novos. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, UFMG, v.3, n. 74, p. 2, jan. 1968. Suplemento literário. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

VINCENT-BUFFAULT, Anne Vincent. **Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

A VIOLÊNCIA fora da lei. **Veja**, São Paulo, Rio de Janeiro, 3 dez. 1969. Arquivo Veja. Disponível em:

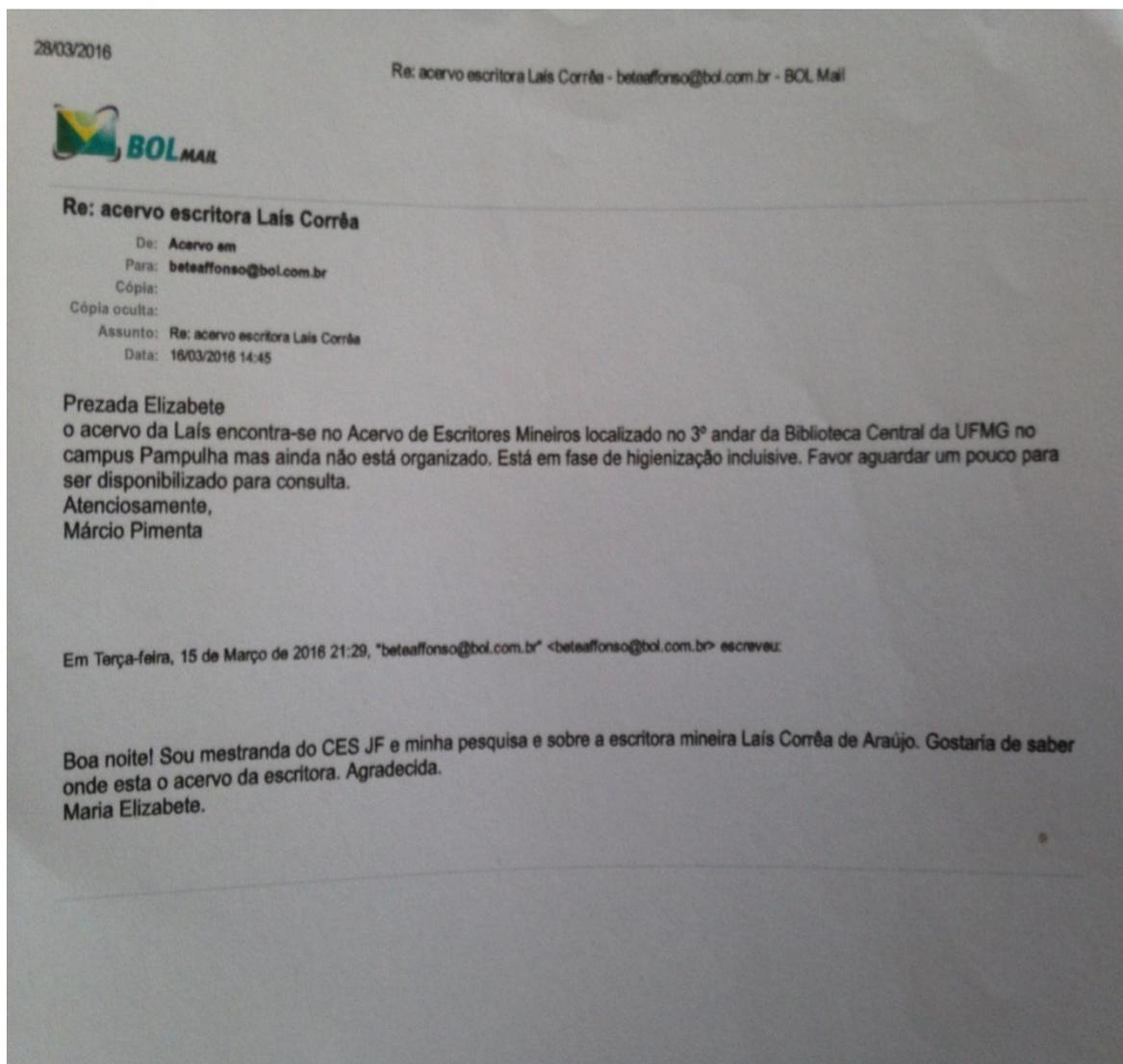
<http://origin.veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_03121969.shtml>. Acesso em 20 jun. 2017.

WITOLD Gombrowicz. **Skoob**, [20--]. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/autor/2693-witold-gombrowicz>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM, 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Email enviado ao acervo de escritores mineiros



ANEXO C - Recorte de Jornal **Diário Regional** - Comemoração Centenário de Murilo Mendes Lançamento do livro **Murilo Mendes- ensaio crítico, biografia e correspondência** de Laís Corrêa de Araújo.

JF comemora centenário do poeta Murilo Mendes

Há quase 100 anos, no dia 13 de maio de 1901, "às margens de um rio afluente de águas pardas, o Paraibuna", nascia o poeta Murilo Mendes. Considerado "pronto e moderníssimo", desde que apareceu na década de 30, quando lançou seu primeiro livro, "Poemas", Murilo abandonou Juiz de Fora aos 17 anos indo morar no Rio de Janeiro. A partir de 1957 passou a viver na Itália e a circular por toda a Europa, onde conquistou tanto amigos quanto admiradores ilustres. Morreu em Portugal, em 1975, onde ainda vive a viúva, Maria da Saudade Cortesão Mendes, a figura mais esperada para as comemorações do centenário de nascimento do poeta, que acontecem no próximo dia 13.

Dentre as diversas atividades programadas pelo Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM) para o dia estão a entrega do 1º Prêmio de Literatura e a inauguração do "Café Livraria do CEMM". O governador Itamar Franco, juntamente com a reitora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Margarida Salomão, abrem a Exposição do Acervo de Artes Plásticas, Bibliográfico e Documen-

tal, que deve permanecer até o final do ano.

Vencedor da categoria "A" do prêmio (livros de poesia publicados no ano de 1999 ou 2000) o poeta carioca Sebastião Uchôa Leite, com a obra "A Espreita" receberá a quantia de R\$ 5 mil. Na categoria "B" (estudos inéditos de, no mínimo, 40 páginas) os vencedores foram: em 1º lugar Irene Miranda de Magalhães Franco, do Rio de Janeiro, com o ensaio "Pânico e Flor: projeto poético em Murilo Mendes"; 2º lugar Joana Matos Frias, de Porto, Portugal, por "O erro de Hamlet". Cada uma recebeu um prêmio de R\$ 2,5 mil. Somente na categoria "A" foram inscritos aproximadamente 110, e na "B", 15 ensaios.

O CEMM é o local onde estão reunidos o acervo pictórico e a maior parte do acervo bibliográfico pertencentes a Murilo Mendes. O acervo bibliográfico contém cerca de 2.800 obras com dedicatórias e anotações feitas pelo poeta, que demonstram o modo de criação muriliano e forma a Biblioteca Origem, doada à UFJF por Maria da Saudade Cortesão Mendes.

A pinacoteca possui cerca

de 300 obras de arte, sendo em sua maioria quadros e gravuras de artistas nacionais e internacionais, como Cândido Portinari, Ismael Nery, Pablo Picasso, Alberto Magnelli, Juan Miró, dentre outros valiosos da arte moderna.

Comemorações:

10h - Abertura das comemorações do centenário de nascimento de Murilo Mendes.

Entrega da Medalha da Inconfidência à Senhora Maria da Saudade Cortesão Mendes.

Abertura da Exposição do Acervo de Artes Plásticas, Bibliográfico e Documental e Lançamento do Catálogo.

17h - Lançamento e Sessão de Obliteração do Selo Comemorativo do Centenário de Nascimento de Murilo Mendes, com cerimonial dos Correios.

Entrega do I Prêmio de Literatura Murilo Mendes.

19h - Apresentação do livro "Murilo Mendes - ensaio crítico, biografia e correspondência", de Laís Corrêa de Araújo.

Inauguração do "Café Livraria".

Coquetel.

Fernanda Güelber

Diário Regional: 4/5/2001

*Diário Regional
04/05/01*

ANEXO E - Achados e desencontros de um grande poeta – O Estado de São Paulo – Laís Corrêa de Araújo publica uma crítica à obra do poeta Murilo Mendes.

DI. O ESTADO DE SÃO PAULO

CADERNO 2
LIVROS

SÁBADO, 1 DE MARÇO DE 1991
ARTE/100A

Achados e desencontros de um grande poeta

Laís Corrêa de Araújo
enfrentou com
pioneirismo o desafio
Murilo Mendes

REVISÃO
Espírita para o Estado

A poesia de Murilo Mendes representa um desafio para a crítica porque, entre tantas raízes, percorreu o caminho oposto ao de outros grandes poetas brasileiros: foi moldando ao longo do tempo, especificamente, a partir de *Poesia Libertária*, de 1947, quando esse contemporâneo, como Carlos Drummond de Andrade, já haviam praticamente escrito seus livros mais significativos. Essa é, implicitamente, também, a opinião de João Cabral de Melo Neto, expressa em *Carta* (a MM), estampa na volta que Murilo Mendes, de Laís Corrêa de Araújo, acrescenta *Tempo Espinhado*, de 1990. "É um grande livro. É o livro que seja o melhor de sua maturidade por que estou me lembrando de *Parabóli* que você me deu a ler no Rio. Mas em todo caso acho-o muito superior a *Poesia Libertária* e *Controplano de Ouro Preto*." João Cabral refere-se a *Parabóli* como um shift no percurso do poeta de Jui de Fora.

Mendes foi, portanto, um poeta "desencostado" (outra noção) desde sua estria em 1930 até quase os anos 50. Não lhe catam bem a direção e os temas "brasileiros" do Modernismo de 1922 - que escolheu, acertadamente, como seu principal interlocutor. Sua disposição linguística, de apreensão da palavra enquanto coisa, e sua atração pelas imagens, estavam deslocadas, neste período, como ele mesmo reconhece em *Vocabário de Partis*, de *Tempo e Eternidade*, de 1936. "Não nasce no conceito deste século. Nasce no plano do eterno...". Sim, seu "catolicismo" pode, nesse sentido, ser interpretado como tradução de uma sensibilidade de mais universalidade. Pouco importa, todavia, que tenha sido católico ou que tenha deixado de ser-marxista. Oswald de Andrade não é relevante porque foi militante comunista num dado momento de sua vida e, tampouco, Drummond não deixa de ser central porque trabalhou, nos anos 30, para pessoas ligadas à ditadura de Getúlio Vargas.



Quando foi para Roma, Murilo Mendes realizou-se como o brasileiro que não comparece ao seu país

A provocação excessiva de Laís Corrêa de Araújo em justificar o "catolicismo" de Mendes conceituando-o como humanitário e "libertário", talvez se anule no momento em que laço o volume que ora se revisita: em plena vigência da ditadura militar (1972), com Murilo já vivo-

do em Roma, cada vez mais isolado. O tom amoroso, paternal e francamente favorável se explica no esquivamento em que a obra dele caíra, desmerecidamente. Todavia, há observações valiosas, neste, na verdade, longo ensaio, que se pode designar como "histórico", que esclarecem a produção toda de Murilo e dão o ponto de partida. "Não sabemos se já foi assassinado o parentesco espiritual de Murilo com o inglês William Blake." Mendes

trabalha, para mim, o verbo quase como um escultor lida com a pedra, rompendo com os seus sentidos gramaticais e até poéticos mais óbvios e, por isso, apenas com o aparecimento dos movimentos de vanguarda da segunda metade do século 20, sua obra, e sobretudo o que escreveu a partir dos anos 40, começa a ganhar legibilidade entre nós. Certo que Laís Corrêa de Araújo aposta para esse aspecto quando afirma: "... o tratamento fu-

se o brasileiro que, aqui, deveria seguir-se, em sua tentativa de "integrar" permanentemente. Foi bent Haroldo de Campos - um dos maiores autores brasileiros dos últimos 30 anos e, em muitos aspectos, "discípulo" de Mendes, em aceitar esse estado em sua coleção *Quinze*, certamente, mostrar ao público mais jovem que não se faz crítica sem diálogo ou risco, como nos

NÃO SE FAZ CRÍTICA SEM DIÁLOGO E RISCO

deixa patente esse pioneirismo Murilo Mendes, de Laís Corrêa de Araújo, que, para o choque dos mediocres, retira a recepção de poesia do mero jogo de marketing e notícia.

■ *Revisão crítica e poesia, ensaio, de Laís Corrêa de Araújo, em "O Estado de São Paulo", 12.11.1990.*

MURILLO
Murilo Mendes - *Ensaio Crítico*, de Laís Corrêa de Araújo, Perspectiva, 308 págs., R\$ 25



TRECHO

Em 1922 eu já me achava no Rio, para onde me transferira em 1920. Acompanhei com interesse e simpatia o movimento modernista; mas não aderi publicamente, visto me considerar em regime de "iniciado" ou aprendizagem. Era contra o hábito brasileiro de aparecer cedo demais na cena literária, tanto assim que publiquei meu primeiro livro nos arredores dos 30 anos (sic), e isto, por grande insistência do meu pai. Mas, cedendo a convites de amigos, já havia colabora-

do em revistas literárias *Blatim de Arari*, *Movimento Brasileiro*, *Terra Nova* e *Outras Terras*, etc. Dava-me muito bem com os princípios literários modernistas. Segui, desde o fim da adolescência, as manifestações da cultura moderna, através de livros, revistas, discos, filmes, etc., europeus e brasileiros.

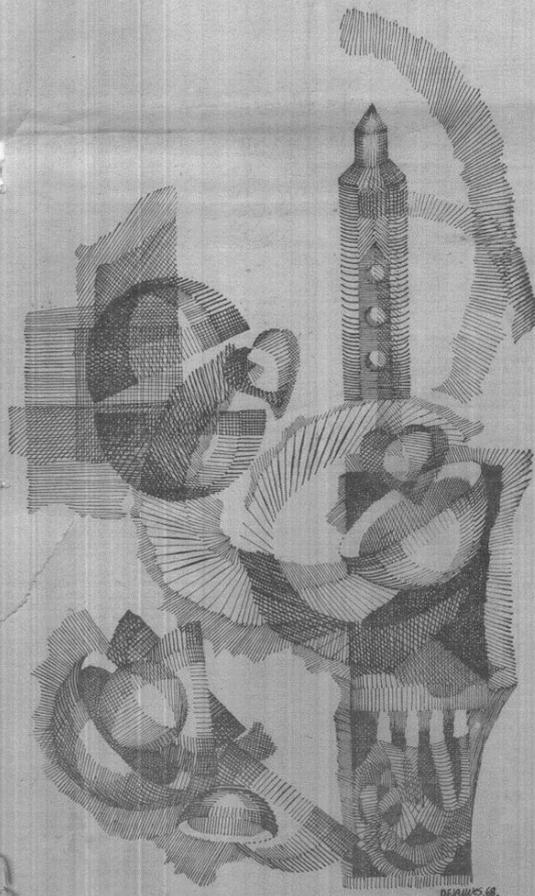
ANEXO F - Tradução do conto Júlio Cortázar por Laís Corrêa de Araújo

TODOS OS FOGOS

O FOGO

Júlio CORTÁZAR

Lamentavelmente, temos de constatar que o Brasil desconhece senão toda pelo menos uma parte considerável da produção literária dos países latino-americanos. Um escritor como Júlio Cortázar só agora começa a ser ligeiramente comentado ou lido, após ter inspirado o filme de tanto sucesso, «Blow Up». Mas a sua obra, tão famosa na Europa, ainda não foi traduzida entre nós, sequer bem divulgada mesmo no original. No entanto, sua linguagem, a estrutura de sua ficção, a originalidade de seu trabalho — fotomontagens, poderíamos dizer — merecem a atenção de escritores e leitores nacionais. Para isso, trazemos hoje aqui uma de suas histórias, aquela que dá título a um de seus livros — «Todos los fuegos el fuego» (Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1967) —, na suposição de que sirva de estímulo à sensibilidade e à curiosidade de nossos leitores, para que busquem conhecer melhor esse grande prosador de vanguarda que é o argentino Júlio Cortázar. (Tradução e nota de L. C. A.)



Desenho de Elizabeth Lana da Rocha

Assim será um dia a sua estúpida, pensa irônicamente o proconsul, enquanto levanta o braço, fixa-o no gesto de saudação deixa-se petrificar pela ovação de um público que duas horas de circo e de calor não cansaram. É o momento da surpresa prometida; o proconsul desce o braço, olha sua esposa que lhe devolve o sorriso inexpressivo das festas. Irene não sabe o que vem a seguir e ao mesmo tempo é canã o soulesse, até o inesperado vira hábito quando se aprendeu a suportar, com a indiferença que o proconsul detesta, os caprichos do ano. Sem voltar-se sequer para a arena, prevê uma sorte lançada, uma sucessão cruel e monótona. Lica e o vinhateiro e sua mulher Urânia são os primeiros a gritar um nome que a multidão recolhe e repete. «Reservei de esta surpresa», diz o proconsul. «Garantiram-me que apreciás o estilo deste gladiador». Sentinela de seu sorriso, Irene inclina a cabeça para agradecer. «E que nos dá a honra de acompanhá-los, embora te aborrecam os jogos», acrescenta o proconsul. «É justo que procure oferecer-te o que mais te agrada». «Es o sal do mundo», grita Lica. «Fazes descer a própria sombra de Marte em nossa pobre arena de província!» «Viste só a metade», diz o proconsul, mudando os lábios numa face de viúvo e oferecendo-a à sua esposa. Irene bebe um grande sãvo, que parece trazer com seu leve perfume e odor espesso e persistente de sangue e de estãrco. Num brusco silêncio de expectativa que a recorta com uma precisão implacável, Marco avança até o centro da arena; sua curta espada brilha ao sol, no ponto onde o gesto veloz deixa passar um raio oblíquo, e o escudo pente negligente da mão esquerda. «Não irás fazê-lo enfrentar o vencedor de Saurin?» pergunta excitadamente Lica. «Melhor ainda», diz o proconsul. «Quer que a tua província me recorde por estes jogos e que minha esposa deixe, por sua vez, de aborrecer-se». Urânia e Lica aplaudem, esperando a resposta de Irene, mas ela devolve em silêncio a laga ao escravo, alheia ao clamor que saíra a chegada do segundo gladiador. Imóvel, Marco parece também indiferente à ovação que seu adversário recebe: com a ponta da espada, toca li gramente suas grebas douradas.

«Alô», diz Roland Renard, jogando um cigarro como uma continuação involuntária do gesto de apertar o receptor. Na Bahia há uma crepitação de comunicações misturadas; alguém que dita cifras, de repente um silêncio mais escuro acia o curidido que o telefone joga no olho do ouvido. «Alô», repete Roland, apontando o cigarro na beirada do cinzeiro e procurando os fósforos no bolso da camisa. «Sou eu», diz a voz de Jeanne. Roland entrecebra os olhos, cansado, e se estira numa posição mais cômoda. «Sou eu», repete novamente Jeanne. Como Roland não responde, acrescenta: «Sãnia acaba de sair».

Sua obrigação é olhar o camarote imperial, fazer a saudação de sempre. Sabe que deve fazê-la e que verá a mulher do proconsul e o proconsul, e que talvez a mulher lhe sorria como nos últimos jogos. Não precisa pensar, não sabe mais pensar, mas o instinto lhe diz que esta arena é ruim, o enorme olho de bronze onde os restos e as folhas de palma desenharam seus curvos canilhões enovencidos por algum rastro das lutas anteriores. Esta noite sonhou com um peixe, sonhou como uma estrada solitária entre colunas partidas; enquanto se armava, alguém tinha murmurado que o proconsul não lhe pagará com moedas de ouro. Marco não se preocupou em perguntar e o outro começou a rir maliciosamente, antes de afastar-se sem dar-lhe as costas; um terceiro, depois, lhe disse que era um irmão do gladiador que lhe matou em Massilia, mas já o empurraram para a galeria, para os clamores de fora. O calor é insuportável, pesa-lhe o elmo que devolve os raios do sol contra o velário e as grades. Um peixe, colunas partidas, sonhos, sem um sentido claro, com vãos de esquecimento; nos momentos em que talvez pudesse entender. E o que o armava disse que o proconsul não lhe pagará com moedas de ouro; talvez a mulher do proconsul não lhe sorria esta tarde. Os clamores o deixam indiferente porque agora estão aplaudindo o outro, aplaudem-no menos do que a ele um momento antes, mas entre os aplausos se filtram gritos de assombro e Marco levanta a cabeça, olha para a frisa onde Irene se virou para falar com Urânia, onde o proconsul negligentemente faz um sinal, e todo o seu corpo se contra e sua mão se comprime no punho da espada. Bastou-lhe voltar os olhos para a galeria oposta; não é por ali que passa o seu rival, levantaram-se ringindo as grades do escuro túnel por onde se fazem sair as feras, e Marco vê esboçar-se a gatinhesca silhueta do recário nãbio, até então invisível contra o fundo de pedra molhada; agora sim, para além de toda a razão, sabe que o proconsul não lhe pagará com moedas de ouro, adivinha o sentido do peixe e das colunas partidas. E ao mesmo tempo pouco lhe importa o que vai acontecer entre o recário e ele, isso é do ofício e dos

(segue)

MINAS GERAIS

Suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 1º DE JUNHO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — Nº 66 — Preço NC\$ 0,15

...ta finge um interesse civil pela luta que faz uivar de entusiasmo a uma plebe bruscamente exclamada diz o proconsul a Irene. "Quase sinto remorso de ficar em Roma, bem se vê." "E o resto ficará aqui, não fiques assim", diz Roland. "É um absurdo encontrar-me esta noite. Repito, Sônia se precipitou, eu queria participar deste golpe". A formiga Jeanne se escutava claramente; não há legítimas na sua voz e isto surpreende a Roland, que censuras. "Poupar-me o golpe", diz Jeanne, Roland suspira, desiste das respostas que poderiam ampliar até ao boçido este diálogo tedioso. "Sinto, mas se continuares assim, prefiro desilibilidade na tua voz. Será melhor que eu vá vazada, amanhã, ao fim e ao cabo somos gente civilizada, que diabos". De muito longe, a formiga diz Jeanne, e é divertido ouvir as palavras misturadas com os números, não oitocentos venhas. O drama as prevêveis ameaças de suicídio, o aborrecimento como foi com Maria José, todas as que levam as coisas a tragico. "Não sejas idiota", responde Roland, "amanhã compreenderás melhor, é o que é certo para nós dois". Jeanne se contenta, mil "Bom, até amanhã", diz Roland admirado e se detém com um ar entre interrogativo e malicioso. "Não perdes tempo em telefonar", diz Sônia pousando a bôlsa e uma revista. "Até amanhã, Jeanne", repete Roland. O silêncio na linha parece relesar-se como um arco, até que o corta secamente uma cifra distante, novecentos e quatro. "Chega de ditar esses números idiotas", grita Roland com toda força, e antes de afastar o receptor do ouvido consegue escutar o clic do outro lado, o arco que lança sua flecha inofensiva. Paralisado, sabendo-se incapaz de evitar a rede que não tardará em envolvê-lo, Marco enfrenta o gigante núbio, a espada demasiado curta afrouxa a rede uma dúzias vezes, recebe-a precipitando a posição mais favorável, faz girar a lâmina como se quisesse prolongar os gritos do público que o incita a acabar com o seu rival, e balça o tridente enquanto salta de lado para dar mais de impulso ao golpe. Marco vai ao encontro da rede com o escudo no alto, e é uma torre que se desmonta contra a massa negra, a espada se afunda em algo que mais em cima uiva; a rede lhe entra pela boca e pelos olhos, a rede cai inutilmente sobre o peixe que se afoga.

Acacia indiferente as carícias, incapaz de sentir que a mão de Jeanne Irene um pouco e começa a esfriar. Quando os dedos resvalam por seu pêlo e se detêm, fixando-se numa crispação instantânea, o gato se queixa petulante, depois se vira de costas e move as patas na altitude de expectativa que sempre faz Jeanne rir, mas não agora, sua mão permanece imóvel junto ao pé e apenas um dedo busca ainda o calor de seu gato, percorre brevemente antes de detetar-se outra vez entre o flanco tibio e o tubo de comprimidos que rola até ali. Attingido em pleno estômago, o núbio uiva, invocando para trás, e neste último instante em que a dor é como uma chama de ódio, loda a força que foge de seu corpo afliu ao seu braço para enfiar o tridente nas costas de seu rival abaixo. Cai sobre o corpo de Marco e as convulsões o fazem rodar de lado; Marco move lentamente um braço, cravado na areia como um inseto brilhante.

"Não é comum", diz o proconsul voltando-se para Irene "que dois gladiadores desta qualificação se matem mutuamente; podemos felicitar-nos por termos visto um espetáculo raro. Esta noite vou escrever contando-o a meu irmão, para consolá-lo de seu casamento tedioso". Irene vê o braço de Marco mover-se, um lento movimento inútil como se quisesse arrancar o tridente enfiado nos rins. Imagina o proconsul agarrado na areia, com o mesmo tridente cravado até ao cabo. Mas o proconsul não moveria o braço com esta última dignidade; gancharia esperneando como uma lebre, pediria perdão a um público indignado. Aceitando a mão que lhe estende o marido para ajudá-la a levantar-se, concordando mais uma vez, o braço deixou de mover-se, a única coisa que resta a fazer é sorrir, refugiar-se na inteligência. Ao gato não parece agradável a imobilidade de Jeanne, continua virado de costas esperando uma carícia; depois, como se incapaz, moldasse esse dedo contra a pele do flanco, mia desafiadamente e dá meia volta para afastar-se, já distraído e sonolento.

"Desculpa-me por vir a esta hora", diz Sônia. "Vi o teu carro na porta, a tentação era demais. Ela telefonou, não é?" Roland procura um cigarro. "Fizeste mal", diz. "Parece que isto é mais de dois anos com Jeanne e é uma boa mó- ca". "Ah, mas não é o prazer", diz Sônia, servindo-se de conhaque. "Nunca pude perdoar-lhe que fosse tão inocente, não há nada que me irrita mais. Pois tu te ilhas que ela começou a rir, convencida de que tu estavas fazendo uma brincadeira". Roland olha o telefone, pensa na formiga. Agora Jeanne telefonará outra vez, e será caçete porque Sônia se sentou junto d'elle e lhe acariciou o cabelo procurando distrações. "Fizeste mal", repete Roland puxando Sônia. "Por vir a esta hora", ri Sônia cedendo as mãos que buscam desajeitadamente o primeiro aperto. O seu côr de amora caço, a espera de que o proconsul saúde pela última vez. Nas orações já se mistura um rumor de multidão em movimento, a corrida precipitada dos que tentam adiantar-se na saída, chegar às

galerias inferiores. Irene sabe que os escravos estarão arrastando os cadáveres, e não se virará atrás para pensar que o proconsul aceitou o convite de Licas para ciliar na sua vila nas margens do lago, onde o ar da noite a ajuntará a esquecer vendo-se lentamente como se acariacisse a terra. Não lhe é difícil esquecer, ainda que o proconsul a fustigue com a minuetosa evocação de tandra para sempre, e que as pessoas o achem simplesmente morto. "Verás o que inventou o nosso cozinheiro", está dizendo a mulher de Licas. "De Licas ri e cumprimenta a mulher de Licas. "De que o proconsul abra a marcha até a galeria, depois de uma última saudação que se faz esperar na onde engancham e arrastam os cadáveres. "Sou tão feliz", diz Sônia, apoiando a face no muro de Roland cochilando. "Não me digas, uma amabilidade", a gente sempre pensa que é "Sim, mas não o digas agora. Fumemos", Taticia lábios de Sônia, aproxima o seu, acende-os ao mesmo tempo. Olham-se apertados, sonolentos, e em alguma parte há um cinzeiro. Sônia é a primeira a dormir e de lhe tira muito cuidadosamente o cigarro da boca, junta-o com o seu e o deixa na mesa, encostando-se em Sônia com um sono pesado e sem imagens. O lenço de gaze arde sem chama na beira do cinzeiro, chamuscando-

do-se lentamente, cai sobre o tapete junto ao monte de roupas e a uma laça de conhaque. Parte do ruído o proconsul saudou mais uma vez e fez sinal à sua guarda para que lhe abra caminho. Licas, mais distante do velho velário que começa a despretendo o público que busca confusamente as saídas, sempre de costas a imóvel. "Depressa, antes precipitando-se diante de sua mulher, Irene é a primeira a perceber o azeite escurece as imagens, um farrapo de tela flutua na ponta das chamas e cai sobre o proconsul antes que possa proteger-se na passagem que leva à frisa imperial. Irene muscada segurando-a com os dedos, delicadamente ali embaixo como animais". Então Sônia grita, querendo desatar-se do abraço ardente que a envolve no sonho, e seu primeiro grilo se confunde o de Roland que inutilmente quer levantar-se, afogado pela fumaca negra. No entanto gritando, cada vez mais fracamente, quando o carro de bombeiros entra a toda velocidade na rua cheia de curiosos. "É no décimo andar", diz o tenente. "Vai ser duro, há vento norte. Vamos".



DIALOGO SOBRE A FACE DE UM HOMEM

Para Lótus

- I
 Vim beber da tua água para não dormir cansado. Tão claro passo tentel: fui tocado pela viagem no relógio absoluto.
- II
 Mas eis-me vivido no vagar possuído no regresso desmembrado em sangues vários possuído no regresso e pacificamente caminhado não dizendo do sono: esse ainda esperado.

Marco Antônio de Campos GUIMARÃES

ANEXO G - Diário Regional Juiz de Fora – 14 de setembro de 1967. Cosette de Alencar faz comentário sobre livro de poesia **Cantochão** de Laís Corrêa

67

Página 2

Há trinta anos

No dia 14 de setembro de 1937, o DIÁRIO MERCANTIL publicou: Pedro Ernesto ex-prefeito do Rio de Janeiro, concedia entrevista sobre sua absolvição.

— Dadiam, que se dizia príncipe, que veio morar em Juiz de Fora e casou-se com a moça da cidade, e a libertado e queria vender originais de seu livro, contando a história surgida com o assassinato do escoteiro Perroni.

— Artigo divulgado na primeira página acusava o sr. Francisco de Sales Oliveira de ter provocado o incidente surgido em torno da água da Cia. Industrial Mineira. O título do artigo era "Água Suja".

— Reclamava-se contra a falta de educação dos chamados "mata-mosquitos".

CANTO DE PÁGINA

CANTOCHÃO

COSETTE DE ALENCAR

Leiam:

E meu o pasto e a canga
e, entre as ervas tantas,
o gosto dessa flor
que cantas.

Se a língua colhe o sal,
sombra de tua mão,
degusto ainda o sol
no chão.

Sou o rei deste verde,
ó inútil senhor,
Sabes da vida a mansa
côr?

Fazem parte, estes versos, extraídos de **BOIS**, trabalho poético que integra **CANTOCHÃO**, livro de Laís Corrêa de Araújo, valor novo da poesia nacional. Confessamos, não é sempre que encontro ressonância no que vai realizando a geração que está amanhecendo para a poesia, constituindo aquela vanguarda literária mais dada à destruição do que à construção. Afeita à forma antiga, não para entender os novos, nem sempre logrando chegar à compreensão do que desejam dizer. Mas, até para minha obtusidade, é fácil a verificação de que, aqui e ali, esta vanguarda ostenta um valor de dimensão visível a olho nu. E o caso de Laís Corrêa de Araújo, cujo virtuosismo verbal não chega a dissimular uma vocação real para a lavra difícil da emoção que se faz palavra, e palavra exata, leve e funda ao mesmo tempo.

CANTOCHÃO, que é prêmio de poesia "Cidade de Belo Horizonte" em 1965, está na linha da rebeldia contra o que, ontem, constituíu modo único de se versejar, mas não foge ao que de essencial cada um de nós procura na poesia: o efêmero que se eterniza na imagem fluida, capaz de se gravar em nós para sempre, sob forma vívida de prazer ou dor, ambos extra-terrenos. Muito tarimbada, com madura experiência de escritora, rebento de clã onde o ofício de escrever é tara familiar, Laís Corrêa de Araújo goza do benefício de manipular palavras com ciência congênita. Não é de se admirar, portanto, que seu livro esteja tão acima do que, neste setor, vai aparecendo por aí tudo. Figura, justamente, entre aqueles poucos livros que valem a pena ser lidos. Sugiro, por isto mesmo, sua leitura aos que, chamados inapelavelmente à versejar, emaranham-se nas teias numerosas que a arte oferece. Delas é possível sair, com a receita do labor paciente somado ao estro verdadeiro. Exemplifico com outros versos de Laís:

Vou pregar-me na cruz
de dor e orgulho meus:
a cruz já tem um corpo,
Deus.

DIÁRIO MERCANTIL

EXPEDIENTE

Redação, administração e oficinas — Av. Rio Branco 1906 — Telefones: Redação, 1235 — Gerência 1700 e 1701

Oficinas: 1160

ASSINATURAS

Anual — Correio — NCr\$ 14,00

Entregador, NCr\$ 15,00

Semestral — Correio — NCr\$ 7,00 — Entregador — NCr\$ 8,00

VENDA AVULSA

Número do dia NCr\$ 0,10

Número anterior NCr\$ 0,12

NÚMERO ATRAZADO

Preço de tabela

SUCURSAS

do Horizonte — R. Goiás — Fone 2.0544 — Direção: Hipólito Caron de Sá — Rio de Janeiro — Sacadura Cabral, 103 6º and. — Fones 42.5953 e 4901 — São Paulo — Rua Sete de Abril, 230 — Fone: 348277 e 41.51 — Porto Alegre — Vigário José Inácio — Galeria do Rosário, 100 — Fones 6057 e 6058 — Recife — Praça da Independência, 12 — Fone: 2511 — Brasília — Avenida W-3 Setor Gráfico — Fone: 2.4440.

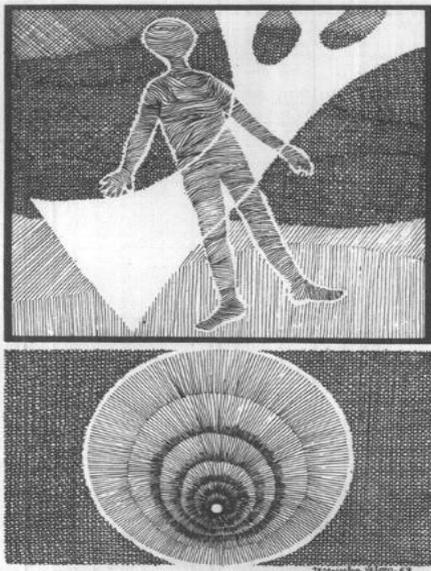
Atenção não se responsabiliza por artigos assinados

LA VRAS

ANEXO H - Laís Corrêa publica uma de suas poesias CANTOCHÃO no Suplemento literário.

A LUTA COM O ANJO

Henriqueta LISBOA
Ilustração de Terezinha Veloso



Bela estranha profunda obscura
a luta com o anjo.
Sem espadas ou gumes
da espécie.
Dois vultos que se medem: o anjo
e o homem da caverna.

Antiquíssima de prístinos tempos
resiste ao degêto
a luta com o anjo.
A cada aurora se retemperam
as águas de macias asas
e bicos aduncos.
No entanto se tingem de sangue
o leito das brumas.

Luta invisível medula a dentro.
Surda muda cega paralítica.
Pedra ao lago
multiplicando as ondas do círculo
que se concentra no eixo
convoluto.

Em esquálidos e violáceos emblemas
se divide a querela:
violinos e harpas
contra acidulos saxofones
pelos tantos percalços
de amor e cólera.

Ao neutro ao longo da relva
já se abraçam trigo e jolo
de água e fogo justapostos:
um falhe esbelto soerguendo
o de mais peso no espaço.

Porém na luta com o anjo
tôda em subsolo de reservas
para a alimária imprevisível
quando se faz ao largo o barco
levando fardos
nenhuma prêsa se acusa.

O anjo incólume
a outros páramos se lança.
O homem pasma. E descobre
no peito aberto em rompante
sua própria insignia — o pranto.

CANTOCHÃO

Laís Corrêa de ARAOJO

Aria do santuário
ária da ara
ária do arado
ária da arca

Aria do santuário
ária do arrufo
ária do arrumo
ária da arruaça

Aria do santuário
ária da areia
ária da arena
ária da arenga

Aria do santuário
ária do árdo
ária do arisco
ária do arigó

Aria do santuário
do rosário
do hinário
do sicário
do fadário
do diário
do horário
do salário
do sacrário

Aria do santuário
ária do arroz
ária do arrôto
ária do arrôcho

Responsório
num só tom de voz:

venha a nós
venha a nós

ANEXO I - Suplemento literário coluna roda gigante comentário de Laís Corrêa sobre Alimentação e erudição dedicado a Eduardo Friereiro.

3 - MINAS GERAIS (Suplemento Literário)

RODA GIGANTE

Laís Corrêa de ARAÚJO

ALIMENTAÇÃO E ERUDIÇÃO

A EDITORA

Entre as medidas tomadas pelo Centro de Estudos Mineiros no sentido de possibilitar melhores perspectivas de "saída da realidade de Minas, certamente uma das maisouváveis foi a de promover a publicação de estudos sobre temas pouco estudados da cultura regional. Não fora o serviço de distribuição ainda precário em São Paulo, reclamasse o hábito de escrever os livros mineiros", a preocupação desse trabalho editorial da Universidade seria muito maior. O segundo livro publicado pelo Centro de Estudos Mineiros: "Feijão, angu e couve", de Eduardo Friereiro, de boa leitura crítica além do texto excelente, será certamente cobrado pelas livrarias de todo o país, não devendo, portanto, ficar limitado à disponibilidade televisiviana.

O AUTOR

Embora mestre Friereiro seja contra a classificação e catalogação de um tipo psicológico mineiro, não pode negar que ele próprio carrega muitas das características dadas como típicas da gente das montanhas, um complexo de inferioridade e orgulho, de introversão e cordialidade, de selvagem pudor e alta consciência crítica. Este Suplemento teve ocasião de publicar um excelente "crítico" de escritor feito por sua esposa, em que a vimos em plena juventude de espírito, em seus 70 anos, sem nenhum sanduíssimo piegas e frescura de qualquer conservadorismo acadêmico, apenas enquanto membro da Academia Mineira de Letras. O conjunto de sua obra mereceu a "Prêmio Machado de Assis". Sua bibliografia inclui romances ("O manchoito", "Bovatos"), "A quietude, melancolia", "O Jube do grafomano", crítica literária, que praticou durante muito tempo nos jornais do país ("Letras mineiras", "Platinas de crítica"), ensaios históricos desmitificadores ("Co-

mo era Gonzaga?", "O diabo na livraria do campo", "Incasos literários ("O algarismo algarismo", "A língua literária", "Os livros nossos amigos", "Entre outros"). Foi um dos "criadores das famosas edições "Os amigos do livro", em que se publicaram livros de Otto von Guericke, João Alphonsus, Oscar Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Euclides Moura, Ayres da Mata Machado, citados assim de memória. Eduardo Friereiro, foi também, durante longo tempo, diretor da Biblioteca Pública do Estado, conseguindo formar nessa área um excelente e precioso acervo. Fora, anteriormente, cátedra de Literatura alagoana-americana da Faculdade de Filosofia do UFMG e funcionário da Imprensa Oficial, onde se tribuiu com sua inteligência e lucidez na leitura do antigo suplemento deste jornal.

O LIVRO

Mestre Friereiro surpreendeu a muita gente com a publicação deste "ensayo sobre a comida dos mineiros". De fato, é admirável consultar o seu conhecimento dos hábitos culinários destas Minas Gerais e da "nova arte" em geral, ele que se confessa "sobrio como um frade cartuxo" e chama seu livro de "ruminação de despretensões". É claro que Friereiro não se limita a ler e comentar a alimentação habitual mineira — tão pouco sofisticada na concepção "corregativa" ou "pictórica" — mas leva-nos a um agradávelíssimo passeio histórico pela vida da província, de que se serve a sua fina fronteira para apontar os aspectos de uma minicrítica: tantas idéias e ideias e ideias e ideias preconceitos, embora também de trato acolhedor e cordial. Lestros de depoimentos de viajantes estrangeiros ou a didática dos nutricionistas, citando escritores mineiros ou examinando a vida urbana e rural, tudo até ao telômetro. Friereiro busca encontrar a "constante" alimentar mineira, que resume, afinal, no título de sua obra: "Feijão, angu e couve". O feijão, o "pai de

todos", o "rei da mesa", com suas variedades tais como o feijão de tropeiro, a feijoadade, o tufo (a que pedimos licença para acrescentar o "molho bobo" — caldo de feijão com cebolinha verde, salsa e ovos cozidos); o angu, hoje considerado pela gente *bom* como comida de cachorro, mas que é ainda indispensável com o frango no molho verde e que era alimentação básica de escravos; a couve, de plantação fácil e feitura rápida, rasgada ou mais comumente picada bem fina.

COMENTÁRIOS

Mas não queremos deixar aqui, pela insinuação e audácia, os prazeres alimentares da simples mas deliciosa mineira. Nem é como especialista de dietética, nem como gasteiro que Friereiro fez de seu livro uma obra curiosa e recomendável, mas pela sobriedade (trocisco a palavra como correlário do tema) linguagem, o pitoresco e o início de suas observações, a seriedade da pesquisa, aquele estilo apurado numa cultura sedimentada pelo trabalho intelectual de tantos anos. Embora um poeta da língua, Friereiro nunca se deixa tentar pela elaboração preciosa, cuidando antes de tudo da eficácia e da legibilidade de seu instrumento verbal, para que funcione harmonicamente dentro do texto. Além, o arcebispo de sua vigorosa atividade mental se funda na consciência de uma legítima liberdade de pensamento e na habilidade de concluir, concluindo e ler, através da organização de sua inteligência, no caminho de uma erudição sem pedantismo. Este livro, "Feijão, angu e couve" não tem organizado quanto à matéria e ao método, vem comprovado, mais uma vez, a atualização e a perene juventude de mestre Friereiro, verdadeiro homem de letras para quem "escrever se como na respiração diária e cotidiana" (Alfonso Reyes) e que sempre há de nos surpreender pela qualidade "fermentativa" de sua prosa.

INFORMAIS:

1. Acaba de sair a 4ª edição da Antologia Ines-Brosch, publicada pela Editora F. T. D., de autoria de Wagner Ribeiro, que apresenta variado e eclético material para leitura e análise estilística. A minuciosa relação dos textos e o esboço bibliográfico dos autores de maior projeção permitem ao leitor desorientar, em vista panorâmica, o que de interessante ocorreu no campo da literatura, em Portugal e no Brasil, das épocas mais remotas até nossos dias.

2. Deverá ser publicada brevemente, em Portugal, pela Ilustrada, a "Antologia poética do Ezra Pound" com seleção, prefácio e notas de Augusto de Campos, traduções de Décio Pignatari, José Lino Travençolo, Haroldo de Campos e Mário Faustino. O editor de língua portuguesa terá, assim, oportunidade de uma visão da obra do disculpado poeta, desde em 1918, por colaboracionismo, hospitalizado durante muitos meses como louco, hoje bastante idoso e quase incapaz de falar (segundo informos (Ingarotti), mas cujo ta-

lento não pode ser negado, nem desconhecida sua "linguagem de exploração", que tanta influência exerce, na poesia mais avançada de nossos dias.

★

3. A Editora Pongetti, coloco nas livrarias a "Antologia poética" de Manoel de Oliveira, poeta de quem Manuel Bandeira disse ter a "inspiração natural, em que se nota o equilíbrio da expressão simples, o bom gosto dos ritmos, o desfecho das rimas". O simpático poeta diz que "todo é apenas exercício" o que significa o desejo de caminhar-se para a meta de uma linguagem realmente eficaz, "não-conceitual, de rigor e contabilidade. E é o que todos esperamos de sua atividade poética.

★

Para auxiliar pais educadores, a Editora Brasileira organiza uma pequena série de livros, intitulada Seta e Educação, muito bem ilustrados por Elvário Império, cujo primeiro volume se intitula "E natural" e se dedica especialmente às crianças de 4 a 8 anos; o segundo

volume, "Sempre foi assim", destina-se ao esclarecimento das crianças de 8 a 12 anos. São ilustradas, a autora, utiliza habilmente de uma linguagem viva, clara e acessível. Lemos os dois volumes e os recomendamos sinceramente.

★

4. A coleção intitulada há um ano pela Editora Littera sob a denominação de "Nova África" (e que lançou o livro "África Ilícita", de Raymond de Souza Benta), passou agora a chamar "Cultura negra". E o livro que lança sob esse novo nome é o de Zora Seljan, "Educação na Nigéria", em que a autora conta não só o seu intenso trabalho de divulgação de cultura brasileira na África, mas também a observação com interesse e amor os sistemas pedagógicos que naquele continente estão formando uma nova mentalidade negra.

★

Foderço para concessão de livros e publicações: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO — Rua Cristiana, 1.360 — Belo Horizonte.

Enrique de RESENDE

Carta aos mineiros residentes na Guanabara

Por ser cataguansense, eu não vos falo de mexilhões, tainhas ou garoupas, de robalos, enchovas ou badejos, que do mar provêm; mas de bagres, dourados e traíras, de ariscos lambaris, ou de piabas, que os rios têm.

Nem de polentas, mas do angu mineiro, nem de presuntos, mas do bom torresmo (ah! quem não gosta de torresmo, quem?), das linguças tostadas, dos chouriços e dos queijos do Sêro — o velho Sêro de Teófilo Ottoni... e de queijos também.

Das travessas de frango, das farofas, do feijão de tropeiro, e desse lombo (eu disse lombo: vos ouvistes bem?), de cujos lombo, coado, se evoa um penetrante aroma — aquele aroma que lembra a Casa Grande, e vem de longe da infância vem.

Da pinga sertaneja — a cachacinha, que nem parece pinga, de tão pura (contém pureza: nada mais contém), e ganha nomes, como «tagalada», «cura-gogos», «dengosas», «mata-bicho», e o mais doce de todos, o mais doce: que é «meu bem».

Das panelas de pedra, que fumegam nas velhas trempes dos fogões de lenha, e à mesa vêm, para servir o arroz — o arroz do brejo com banana da terra — uma iguarria, que é tradição em casa de mineiros: de mais ninguém.

Tendes água na boca... E eu vos pergunto — Nesta cidade estranha em que vivemos (ou morremos, conforme disse alguém), quem nos daria um tico de torresmo, ou sequer um martelo de aguardente, mas torresmo e aguardente de verdade: quem?

ANEXO J - Artigo de Luis Gonzaga Vieira incentivo a literatura dos intelectuais jovens

APRESENTAÇÃO

Os objetivos do Suplemento Literário não se restringem ao documentário e divulgação de uma determinada linha ou tendência da literatura, nem poderiam limitar-se a dar guarida apenas aos valores consagrados pelo tempo, pela aceitação pública ou pela crítica especializada. O Suplemento tem procurado, como uma constante, acompanhar e surpreender também o complexo de atitudes, comportamentos, atividades, situações e mudanças que compõem o processo literário e lhe dão atualidade e validade. Dentro dessa orientação, pareceu-nos não só

justa como indispensável a divulgação ampla, embora rigorosamente selecionada, de trabalhos dos escritores jovens de Minas, capazes de nos dar, em conjunto, uma visão positiva do clima espiritual de uma geração que se decidiu a assumir os encargos e propósitos implícitos à «tarefa solitária» e também solidária da literatura.

Alguns dos nomes reunidos nesta edição especial dedicada aos novos já são conhecidos de nossos leitores habituais, outros, como Libério Neves e Luiz Vilela, por exemplo, além da repercussão

crítica de seus livros, já mereceram importantes distinções em concursos literários (Vilela é Prêmio Nacional de Literatura) ou, como o grupo de «Vereda» e «Ptyx», a divulgação em revistas internacionais.

* Agrupados em equipes — a de «Texto», a de «Estória», a de «Ptyx», a de «Porta», a de «Frente» — ou como «freelancers», essa gente nova acha que «tem alguma coisa a dizer». Que a digam, portanto.

L. C. A.

APARTE À LITERATURA DOS NOVOS

Luis Gonzaga VIEIRA

— Que o artista faça uma simbiose entre o ético e o estético, e que as "duas" atitudes resultem numa só. E' através da minha visão do mundo que chego ao estético. O ético não estará na base do "achismo" (eu acho que eu penso que), mas será uma atitude definida, uma situação. O ético provocando o estético, como pensamento sugerindo a forma com que se cria uma obra: o modo como escrevo estará de acordo com o que eu penso.

Que se salve o valor literário de cada trabalho (o estético) e, principalmente, que se tente alguma coisa, que se arrisque um gesto, objetivo, que não haja repouso nunca, que a inquietação seja um modo de vida e de arte. Tentativa de refletir "o tempo presente, os homens presentes, a vida presente". Criar aquela visão bem definida perante o mundo e exprimi-la com arte, ou seja, ter "um ponto de vista coerente e unitário sobre o conjunto de realidade" (Lacien Goldmann). Não é a "idéia" que nos preocupa, mas o homem.

— Escrever é inquietar. Literatura pode expandir em hora que nunca se sabe. Não importa que tudo fique apenas na ameaça, pois é necessário estar sempre espantado para não apodrecer (espanto, de Platão).

— E as revistas? Formam-se grupos: o grupo é conhecido, propaga-se o movimento, propagam-se os nomes e, em geral, fica-se nisso. Escreve-se então algum livro, que absolutamente nada acrescenta à vida e à literatura. Que posso eu acrescentar de válido e permanente?

— O que se quer agora de uma revista ou jornal literário é que não reflita apenas um pensamento dirigido de grupo, mas que mostre as várias tendências que vão surgindo. E saber, principalmente, o que a literatura incorpora à vida de todo dia. Não se concebe mais literatura como

simples jogo lúcido ou catarse ou isso ou aquilo: literatura é vida. E' muito cômico ser ousado ou participante apenas na "folha de papel e no livro. Não acreditamos em compromisso que se limita apenas ao papel escrito, nosso compromisso é a vida. Participação não é coisa somente de livro, mas principalmente gesto de definição da vida e diante dos outros homens. Participação é a minha relação com o mundo e a consciência que eu tomo dessa relação, consciência que provocará meu gesto participante.

— A receptividade é uma ironia, um eufemismo neste país de 60% de analfabetos (descontando-se os analfabetos mentais). A receptividade me serve como motivo de riso — por sua desproporção. Que receptividade teve Kafka? Teve a tuberculose e o nazismo, anos depois desconfiaram que ele existia! Por que mais de 20 editôres rejeitaram "Dublinenses", de Joyce? Porque Joyce incomodava, e ninguém quer ser incomodado.

Em última análise, o reconhecimento dos outros é puro acréscimo. Falo de reconhecimento para a cultura de um povo e não, para o escritor simplesmente. Pois o escritor "escreve porque deve escrever, porque não pode fazê-lo de outro modo" (Henry Miller). O que interessa é "ser imortal e depois morrer", digo que a literatura me interessa como manifestação da minha vida. E se digo minha vida, digo necessariamente a vida dos outros. O outro é sempre um modo de eu me garantir.

— Os críticos são críticos, não são autores, por isso serão encarados criticamente. Não existe o medo de errar, mas a necessidade de não se omitir. Certo e errado são meus: somos ousados e pretensiosos. Virtude burguesa não existe, é uma aberração.

— Se os medíocres são aceitos é porque não ameaçam o lugar de ninguém. Mas "quando um homem aparece, o mundo cai sobre ele e quebra-lhe a espinha" (Henry Miller). As palavras do escritor serão sempre "mais fortes que o peso mentiroso e esmagador do mundo, mais fortes que todos os acúleos e rodas que os covardes inventam para esmagar o milagre da personalidade" (Henry Miller).

— Não pecaremos por omissão. Que se veja numa obra ou num simples trabalho o que há de potencial e não de definitivo. Porque "perfeição é suicídio" (Faulkner) e não é desculpa. Não há remorso nem desculpa, existe é a fusão de pensamento e ato. Não é o pensamento que irá ilustrar os atos, mas os atos é que irão confirmar o pensamento. Não nos interessam belos pensamentos sem prática, sejam eles quais forem. A arte está subordinada à vida, mas é impossível isolar uma coisa de outra; a arte serve à vida e a vida serve-se da arte.

— Uma literatura nova busca e inquire, a tentativa sendo tudo. Nada queremos com a simples erudição mas com a cultura, erudição é o conhecimento livreiro, cultura é a vida e tudo o que a vida implica. Somos escritores conscientes e não brincamos de literatura. Nosso critério não é julgar (juízo exalta esterilidade) mas ser, fazer, inquietar, lançar idéias, sugerir. Nossos erros são uma forma de atingir a criação artística. Não somos modestos nem humildes; e de que nos serviriam a modéstia e a humildade? Nosso desafio é o tempo, esse tempo que dissolve ou confirma. O que nos interessa principalmente é o mundo e não apenas a província. "Ter a força de escolher o que preferimos e ficarmos nesta posição. Caso contrário, mais vale morrer" (Camus). Escolhemos esta vida, esta literatura, formamos este tempo. Nosso futuro é hoje, a imortalidade é agora.

ANEXO K - Eugênio Gomes e o Enigma de Capitu Laís faz comentário sobre a obra do crítico literário.

RODA GIGANTE - RODA GIGANTE - RODA GIGANTE - RODA GIGANTE - RODA GI

Laís Corrêa de ARAJO

EUGÊNIO GOMES E O ENIGMA DE CAPITU



A EDITORA

Contrariando as afirmações de MacLuhan, não é pequena a quantidade de pessoas (técnicos, editores, educadores, escritores) que nos asseguram de que esta é a "hora do livro" no Brasil. De fato, nota-se uma expansão vigorosa da indústria do livro, um desenvolvimento rápido de sua produção e consumo, uma (quase) nova mentalidade publicitária, sob a pressão salutar do aumento de interesse pela leitura. Porém muitos leitores se queixam ainda de prejuízos causados pela discrepância entre o custo de produção do livro e o resultado da venda, tendo-se visto ainda que algumas editoras foram forçadas a fechar as portas antes mesmo de sua adolescência comercial. Foi, lembramos, o que ocorreu com a Giroflé (que apenas nos deu 5 ou 6 volumes belíssimos, texto e aspecto gráficos excelentes, no setor da literatura infantil) e com outras pequenas empresas. Não tem havido, também, muito empirismo a nortejar as editoras no que diz respeito ao problema do livro? Têm sido feitas pesquisas no mercado consumidor, para uma verificação dos interesses do leitor e para ser feita uma programação adequada a essas interesses? Funciona real e eficazmente o sistema de distribuição? Já temos uma razoável difusão do livro brasileiro no exterior? Parece-nos (falamos do ponto de vista de nossos leitores) que estas perguntas não têm ainda uma resposta positiva. E o que notamos, através da experiência e do contato diário com os livros e com outros leitores. Muito papel tem sido gasto inutilmente em obras de interesse muito restrito, como documentação relativa a países estrangeiros (exemplo: "A Suprema Corte nos Estados Unidos" — "As Origens do Crescimento Econômico Americano" — "A Formulação da Política Exterior dos Estados Unidos" — "As Batalhas da Paz (ONU)" — "Teoria e Prática da Política Americana" etc.) ou mesmo brasileiras (exemplo: "Café Filho: do Sindicato ao Café" — "Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo" — "A Reforma Bancária Nacional" — "Crítica e Autocrítica de Carlos Lacerda" — "Reencontros Imaginários" etc.), em vez de se partir para uma conquista completa do leitor. O sistema de distribuição praticamente não existe (por falta de livrarias no interior do país ou falta de organização de um departamen-

to especializado). E, para culminar, temos ainda o baixo poder aquisitivo do povo frente a um "objeto de luxo", como ainda é o livro. E, no entanto, a indústria do livro não sofre o gravame de tantas outras. Portanto, se estamos na "hora do livro", estamos também no momento de um entendimento maior entre editor e público, este crescendo gradualmente em função das condições de educação do país. A *Livraria José Olympio Editora*, que foi uma das casas pioneiras da divulgação cultural no Brasil, não nos fornece, para 1968, um programa muito estimulante. A base é de reedições, algumas necessárias, é certo, mas outras perfeitamente dispensáveis. Sua "Coleção Menina e Moça" parece ter acabado, enquanto a coleção policial "Cadeira de Balanço" está meio parada. Quanto à programação propriamente de novidades, é das mais escassas. Em todo o caso, em fins de 1967, a *José Olympio* nos deu um livro que a redime de todos os seus outros peccadilhos comerciais. É "O Enigma de Capitu", de Eugênio Gomes.

O AUTOR

Sempre nos foi simpático o escritor Eugênio Gomes, embora nunca tivéssimos lido a honra de conhecê-lo pessoalmente. A cordialidade e a boa vontade que sempre mostrou para conosco, em rápidos contatos epistolares, a par da seriedade de seu trabalho, são responsáveis por essa amizade "à distância". Eugênio Gomes é baiano, nascido em Ipirá, em 1897, tendo feito parcos estudos, primeiro em sua cidade e depois em Cachoeira, onde iniciou o curso secundário, logo depois interrompido. Sua formação, portanto, é autodidática, que é sempre bem feita, porque com ardor e vontade, e não por mera imposição familiar ou o desejo de obter um diploma. Lês muito, começando pela Bíblia e pelo D. Quixote, depois os poetas de Casimiro de Abreu e Castro Alves, os ficcionistas, de Alencar a Machado de Assis, sem grande escolha ou seleção. Quanto gineasiano, lançou um pequeno jornal colegial e, já adulto, na cidade de Mundo Novo, também fundou o primeiro jornal local. Mudando-se para Santo Amaro da Purificação, adquiriu aí a biblioteca do Barão de Vila Viçosa, constituída de clássicos franceses e de outras obras, inclusive as de Shakespeare, que foram a sua maior descoberta. Para

ler no original o poeta e dramaturgo inglês, estudou a sua língua, até tornar-se um perfeito conhecedor do espírito do idioma e de sua literatura. Em 1926, já em Salvador, começa a mostrar o resultado de seus estudos e leituras, passando a publicar nos jornais da Bahia e depois no Rio os seus primeiros ensaios. Em 1928, lançou um livro de poesia, "Moema", ao que nos parece praticamente inédito ou propositalmente sepultado na vala comum do esquecimento. Foi com "D. H. Lawrence e Outros", livro que reunia ensaios sobre as letras inglesas, que o nome de Eugênio Gomes começou a ter real existência literária, em 1937. Seguiram-se outros e outros livros, entre os quais destacamos os excelentes "Espelho Contra Espelho", "Prata de Casa", "Aspectos do Romance Brasileiro", "Machado de Assis", "Shakespeare no Brasil", "A Neve e o Girassol". Em 1950, já obteve o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras; em 1951 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, onde permaneceu até 1956, de 1960 a 1964 dirigiu a Casa de Rui Barbosa, foi Adido Cultural na Espanha até 1966, é representante no Brasil do Shakespeare Institute etc. etc., honrarias merecidamente conquistadas pelo seu esforço pessoal e capacidade intelectual. Este livro, "O Enigma de Capitu", foi lançado justamente quando o escritor completava seus 70 anos de idade (novembro de 1967).

O LIVRO

Especialista de alta categoria em literatura inglesa, Eugênio Gomes também é um machadiano respeitado. Ao escolher o fascinante livro de Machado de Assis, o "Dom Cosmarrro", para uma análise como a que nos oferece, não teve como propósito diminuir-lhe a tensão criativa, por uma solução cabal do "enigma" lançado por Machado, o drama conjugal, ético, fundado na famosa figura de Capitu, a dos olhos de resaca. Recentemente ainda, estivemos em São Paulo com Lygia Fagundes Telles e Paulo Emilio de Salles Gomes, que na ocasião trabalhavam o roteiro para um filme baseado na estória do "Dom Cosmarrro". Embora confiando na experiência e consciência dos dois escritores, pareceu-nos difícil transportar para a tela, sem deformação, um livro tão ambíguo e tão estrategicamente construído. É bem

9 - MINAS GERAIS (Suplemento Literário)

ANEXO L - Artigo de Wagner Corrêa sobre a presença de Laís Corrêa no evento em Pirapora

página

ELASTICAS

Três pintores jovens



de Herald

em do tempo, das cri-
arte será participante

O que você entende

que, além de desenvolvê-la, a dinamizam e a FACILITAM para o espectador comum. Acrescente-se ainda que o esquema geral de filmagem como o esquema geral do filme foi feito dentro da maior abertura, da maior rapidez — montagem acelerada — e num clima totalmente DIRETO

(não confundir com cinema direto).

Por tudo isto, é uma obra destinada a "dar o que falar".

Preende-se a pré-estréia acontecer em Cataguases por volta de julho/agosto para depois o filme entrar em exibição normal, talvez

LIVROS

E NOTÍCIAS

Festival de Poesia de Pirapora — Os vencedores

Acaba de ser divulgado o resultado do 1.º Festival de Poesia de Pirapora. A realização do Festival obteve um êxito completo sendo que 185 trabalhos concorreram aos prêmios Carlos Drummond de Andrade e Inácio Quinaud. A Comissão Julgadora foi composta dos nomes dos escritores Afonso Avila, Laís Corrêa de Araújo (presidente), da artista MariStella Tristão e de Walid Abdalla, esse representando o Clube Literário Inácio Quinaud de Pirapora. O nível dos trabalhos foi ótimo e está se pensando em reuni-los em um livro comemorativo do Festival de Poesia. O Prêmio Carlos Drummond de Andrade coube a ADAO VENTURA (de Belo Horizonte) por seu "POEMA", o 2.º Prêmio foi de MARCIO ALMEIDA (de Oliveira-MG) com "GELEA" e o 3.º Prêmio de JOSE DE ARIMATEIA S. CARVALHO (de Pirapora) com "ATE DEUS". Da "Mencão Especial pelo Tema" foi vencedora a já diversas vezes premiada escritora local GLEONICE RAINHO com o poema "ONDE O PEIXE SALTA". Houve ainda diversas menções honrosas, prêmios referentes à poesia tradicional, e o "Prêmio Inácio Quinaud" para a Melhor Interpretação de Poesias.

2 — Charles Moeller, estudioso das implicações teológicas e metafísicas na moderna literatura (é autor de "Literatura do Século XX e Cristianismo"), retorna à pesquisa em "ANGUSTIA DO HOMEM MODERNO", substituindo os elementos em torno do tema "salvo", conforme a própria e análise de romancistas e poetas sobretudo ingleses e franceses. Lançamento da EDITORA VOZES.

3 — Sistema de abordagem científica aplicável tanto à crítica de arte, quanto à história, à sociologia ou à matemática, o estruturalismo é visto sob diversos ângulos em trabalhos de intelectuais como Jean Pouillon, Maurice Godelier e A. J. Greimas, entre outros, anteriormente publicados na revista "Les Temps Modernes", de Sartre. Em português, são apresentadas na coletânea "PROBLEMAS DO ESTRUTURALISMO". Z A H A R EDITORES.

Cont. na pág. 7 — Letra A.

pintura, para o artista, sua alma.

— Sua opinião a ressumativa: "O impressionismo é jamais, assim como tempo dêesses pintores

— O impressionismo, ultrapassado. "Pintura é uma afirmação inos os pintores proprio estilo, não sendo-se a escolas.

— Conheci em B.H. um experiências avançadas impressionismo: Claudionor é de opinião que o transpôr às telas o contrário a arte não assim não compartilha participante, não usa de Vive trançado em seu um tanto lírico. Eu o tanto, um deslocado. maria a isso de aliena-

— De fato, pelo visto to alienado. A época da a e lírica e romântica, assim como a literatura, atualmente, válidas as onais, a pintura vigenera válido o retrocesso egocentrismo do artisese num mundo só seu.

n cine- primeiramente percorrendo
é uma todo o Estado de Minas
"dar o Gerais; atualmente encontra-se em fase de sonorização.

é-estréia Prêto e branco com quatro minutos copiados monocromaticamente (ou seja, colorido com uma cor só).
taguases
o/agosto
e entrar
d, talvez

Inácio Quinaud. A Comissão Julgadora foi composta dos nomes dos escritores Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo (presidente), da artista MariStella Tristão e de Walid Abdalla, esse representando o Clube Literário Inácio Quinaud de Pirapora. O nível dos trabalhos foi ótimo e está se pensando em reuni-los em um livro comemorativo do Festival de Poesia. O Prêmio Carlos Drummond de Andrade coube a ADAO VENTURA (de Belo Horizonte) por seu "POEMA", o 2.º Prêmio foi de MARCIO ALMEIDA (de Oliveira-MG) com "GELÉA" e o 3.º Prêmio de JOSÉ DE ARIMATEIA S. CARVALHO (de Pirapora) com "ATÉ DEUS". Da "Menção Especial pelo Tema" foi vencedora a já diversas vezes premiada escritora local CLEONICE RAINHO com o poema "ONDE O PEIXE SALTA". Houve ainda diversas menções honrosas, prêmios referentes à poesia tradicional, e o "Prêmio Inácio Quinaud" para a Melhor Interpretação de Poesias.

2 — Charles Moeller, estudioso das implicações teológicas e metafísicas na moderna literatura (é autor de "Literatura do Século XX e Cristianismo"), retorna à pesquisa em "ANGUSTIA DO HOMEM MODERNO", subtraindo-lhe os elementos em torno do tema "salvação", conforme à proposição e análise de romancistas e poetas, sobretudo ingleses e franceses. Lançamento da EDITORA VOZES.

3 — Sistema de abordagem científica aplicável tanto à crítica de arte, quanto à história, à sociologia ou à matemática, o estruturalismo é visto sob diversos ângulos em trabalhos de intelectuais como Jean Pouillon, Maurice Godelier e A. J. Greimas, entre outros, anteriormente publicados na revista "Les Temps Modernes", de Sartre. Em português, são apresentados na coletânea "PROBLEMAS DO ESTRUTURALISMO". Z A H A R EDITORES.

Cont. na pág. 7 — Letra A

